

N.º 9

[ 81 ]

# CORREIO BRAZILIENSE

DE FEVEREIRO, 1809.

---

Na quarta parte nova os campos ara,  
E se mais mundo houvêra la chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

---

---

## POLITICA.

---

*Collecção de Documentos Officiaes relativos a Portugal.*

[Continuados de p. 9. Vol. II.]

---

*Lisboa, 31 de Dezembro. Ao Conselho de Guerra se expedio o Decreto seguinte :*

“ **T**ENDO determinado pelo meu Decreto de onze do corrente, que todos os Habitantes destes Reinos se armassem pelo modo que a cada um fosse possível; e que todos os Individuos, que se acharem comprehendidos na idade de quinze até sessenta annos, se reunissem todos os Domingos, e Dias Santos, e se exercitassem nos movimentos, e evoluções Militares; e sendo preciso para este importante fim dar uma certa ordem á numerosa população desta Cidade, a qual sirva ao mesmo tempo, para que sem confusão possam acudir em Corpos aos diferentes pontos, que lhes forem indicados, para se defenderem de qualquer tentativa, que o inimigo possa emprehender, com o objecto de roubar, e destruir esta Capital: Sou servido Ordenar, que se ponha em execução, sem a menor perda de tempo, o Plano que com este baixa assignado por D. Miguel Pereira Forjaz, do meu Conselho, Secretario do Governo, Encarre-

gado das Secretarias de Estado da Guerra e da Marinha. O Conselno de Guerra o tenha assim entendido, e o faça executar, mandando affixar logo em todos os lugares publicos desta Cidade, assim o presente Decreto, como o Plano que o acompanha, para que chegue á noticia de todos, a quem competir a sua execuçaõ. Palacio do Governo em vinte e tres de Dezembro de mil oitocentos e oito.”  
Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

---

Plano da composiçaõ de dezeseis Legioens para a defesa da Cidade de Lisboa.

“ Todos os Habitantes armados da Cidade de Lisboa, que naõ estiverem comprehendidos nos Corpos de Linha, ou de Milicias, se organisaraõ em dezeseis Legioens, formadas nas differentes Freguezias do modo indicado no Mappa annexo a este Plano ; cada Legiaõ tomará o nome do lugar, em que se deve reunir, e será composta de um Chefe, um Major, um Ajudante, e de tres Batalhoens, que se designaraõ por numeros : Cada Batalhaõ se comporá de um Commandante, um Major, um Ajudante, e de dez Companhias : Cada Companhia se designará pelo nome da rua principal em que se formar, e se deverá compôr de um Capitaõ, um Tenente, um Sargento, e de seis ou mais Esquadras, compondose cada uma de um primeiro Cabo, um segundo Cabo, e de quinze até vinte vizinhos.

“ No espaço de seis dias depois da publicaçãõ deste Plano, cada Chefe de familias apresentará ao Chefe da Legiaõ do seu Districto uma Relaçãõ dos homens armados que tiver em sua casa, declarando a qualidade das armas de cada um, e a rua e numero da sua residencia.

“ Cada Chefe de Legiaõ dividirá o seu Districto em tres partes, uma para cada Batalhaõ, e o Districto de cada Batalhaõ em dez Companhias, comprehendendo cada Companhia os vizinhos das mesmas ruas, ou das contiguas ; igualmente formará relaçoens das pessoas residentes nos proprios Districtos, que julgar mais capazes para Com-

mandantes, Majores, e Ajudantes dos Batalhoens, e para Capitães e Tenentes das Companhias, as quaes proporá ao General da Provincia, preferindo em iguaes circumstancias os Officiaes de Tropa de Linha, Milicias, ou Ordenanças que não estiverem empregados, ou se acharem reformados: A nomeação destes Officiaes se fará publica por Listas assignadas pelo General da Provincia, que se affixaraõ nos Districtos respectivos de cada Batalhaõ.

“ Cada Capitaõ nomeará o Sargento, e Cabos da sua Companhia, cujo Districto dividirá em seis, ou mais Esquadras na fôrma acima determinada.

Todos os Domingos, e Dias Santos, se formaraõ em cada Legião as Companhias de um só Batalhaõ, concorrendo de cada vez metade dos homens armados que houver em cada fogo: A's duas horas da tarde se ajuntaraõ as Esquadras nas ruas respectivas, e conduzidas pelo primeiro Cabo, se irãõ junctar no lugar assignalado para a reuniaõ da Companhia, a qual se formará em tres fileiras divididas em dous Pelotoens, tendo o Capitaõ na direita, o Tenente na esquerda, o Sargento no centro, e os Cabos na retaguarda: Os homens que tiverem Espingardas formaraõ a primeira fileira, e os de Piques a segunda e terceira: Cada Capitaõ procurará exercitar a sua Companhia por espaço de uma hora, fazendo-a romper, e marchar em Columna por Pelotoens, ou por meios Pelotoens sobre um e outro lado; observando todos os Individuos o mais profundo silencio em quanto estiverem formados.

“ Os Commandantes, Majores, e Ajudantes das Legioens, e os do Batalhaõ, cujas companhias se tiverem reunido, examinaõ se falta alguem, e igualmente o estado das armas de cada Individuo: Oito dias depois da primeira reuniaõ, cada Capitaõ dará ao Commandante do seu Batalhaõ o Mappa do numero de homens, que na sua Companhia se achaõ armados de Espingardas, os que tem Piques, e os que por falta de umas e outras armas se achaõ

desarmados, a fim de se lhes fornecerem : Os Commandantes dos Batalhoens daraõ estes Mappas aos Commandantes das Legioens, e estes ao Official General encarregado da defesa de Lisboa. Ao mesmo tempo cada um dos Commandantes de Companhia escolherá em toda ella os homens que tiverem mais disposição para formar Corpos de atiradores, tanto pelo seu desembaraço, e agilidade, como pelo uso que ja tiverem das armas de fogo : De todos os que assim forem escolhidos em cada Batalhaõ, formaraõ os Chefes delles uma ou mais Companhias de 50 a 60 homens, commandados por 1 Capitaõ, 1 Tenente, 1 Sargento, e 5 ou 6 Cabos, os quaes se exercitaraõ separadamente no lugar que se indicar em cada Legiaõ : Igualmente se escolherá em cada Batalhaõ uma Companhia para serviço da Artilheria, composta de 1 Commandante, 1 segundo Commandante, 2 Sargentos, 4 Cabos, 20 Artilheiros, e 41 Serventes, armados de Piques: As tres Companhias de cada Legiaõ se exercitaraõ separadamente, e debaixo da direcção de 1 Official de Artilheria, que será o Commandante de toda a que ha de ter a mesma Legiaõ.

“ Os Batalhoens, e Legioens nunca se poderaõ reunir sem Ordem expressa do General, que governa as Armas da Corte e Provincia da Estremadura, e naõ poderaõ usar das Armas, que se lhes tem determinado para a defesa desta Cidade, senaõ na a occasiaõ de serviço, ou das reunioens.

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ.



*Nomeações dos Chefes de cada uma das dezeseis Legioens Nacionaes de Lisboa. Lugares da sua reuniaõ e Freguezias ou ruas que lhes pertencem.*

Denominaçãõ e lugar de reuniaõ de cada Legiaõ.	Nomes dos Chefes e suas residencias.	Freguezias, ou Ruas que pertencem a cada Legiaõ.
Santa Clara.	Ascenço de Sequeira Freire. A' Cruz de Santa Elena No. 19.	Santa Engracia, S. Vicente, e Santa Marinha.
Caes.	Pedro Telles de Mello. A's Portas da Cruz.	Santo Estevaõ, S. Miguel, Salvador, Santa Cruz, S. Joaõ da Praça, e Santa Maria Maior.
Rocio.	José Falcaõ de Gamboa Wanzeler. Pateo do Porciles.	S. Thomé, Santo Andre, Sant-Iago, S. Martinho, S. Lourenço, S. Christovaõ, e Magdalena.
Campo de Santa Anna.	D. Jorge Francisco Machado. Ao Postigo de Santo André.	Penna, e Soccorro.
Paço da Rainha.	Luiz da Motta Fco. Em Sacavem.	Anjos.
Praça do Commercio.	Gaspar Cotta Arauha. De frente da Igreja das Monicas.	Santa Justa e S. Nicoláo.
Caes do Sodré.	José Antonio Ferreira Vieira. Rua direita do Poço Novo No. 93.	S. Juliaõ, Conceiçaõ, e S. Paulo.
Carmo.	Antonio José de Seixas. Rua	Sacramento, Martyres, e da Encarnaçaõ, as Ruas de S. Roque, S. Pedro de Alcantara, Gaveas, Norte, Teixeira, dos Mouros, do Moinho de Vento, e das Mercês, e as Travessas da Espera, dos Fiés de Deos, do Poço, da

	da Emenda No. 3.	Queimada, dos Inglezinhos, do Guarda Mór, d'Agua de Flor, da Boa-Hora do Cara, do Sacramento e da Estrella.
Loreto.	D. Caetano de Lencastre. Cardaes de Jesus.	Santa Catharina, e da Encarnaçãõ, as ruas do Alecrim, das Flores, da Emenda, das Chagas, do Loreto, da Horta Secca, da Roza, da Trombeta, da Atalaya, das Salgadeiras, da Barroca, dos Calafates, os largos das duas Igrejas, e de Calhariz, as Travessas dos Gatos, do Sequeiro das Chagas, e do Ataide.
S. Pedro de Alcantara.	Jose Pedro de Moura, Capitãõ de Mar e Guerra. Rua da Quintinha No. 16.	Mercês.
Estrella.	Agostinho Jansen. Paço da Rainha No. 20.	Lappa, e de Santos, as ruas da Igreja, Marquez de Abrantes, no Caes do Tojo, as Bernardas, os Barbadinhos, do Merca-tudo, dos Ferreiros, dos Pescadores, da Silva, dos Mestros, do Poço dos Negros, S. Bento, dos Poaes de S. Bento, Rua Fresca, do Machadinho, da Madragõa, das Madres, das Trinas, do Cura, do Guarda Mór, os Largos da Esperança, e do Conde Baraõ, as Travessas de Caetano Palha, do Pasteleiro, Castello Picaõ, Pé de ferro, das Inglezinhas, das Iza-beis, da Oliveira, das Bernardas, do Palha, e o Beco do Loureiro.
Necessidades.	Francisco Joaquim de Seixas Velasco. Sacramento de Alcantara No. 1.	S. Pedro em Alcantara, e de Santos, as ruas da Torre da Polvora, da Cova da Moura, do Sacramento, da Pampulha, S. Joaõ de Deos, do Olival, da Arriaga, de S. Francisco de Borja, do Conde, de S. Domingos, da Santissima Trindade, do Noronha, S. Joaõ da Matta, Janellas Verdes, dos Marianos, Escadinhas, Praia de Santos, as Travessas do Castro, da Praia, dos Brunos, da Cruz, da Rocha, das Moças, de S. Braz. Atafonas, S. Francisco de Paula, da Paz e Santo Antonio.
Campo de Ourique.	José Antonio Mangas. Na Rua do Sol ao Campo de Ourique.	Santa Izabel.

Amoreiras.	Visconde de Fonte Arcada. Rua do Monte Olivete No.26.	S. Mamede e S. José.
Cruz do Taboado.	Joaõ Pacheco de Sousa. Rua da Penha de França No. 13.	Coração de Jesus, S. Sebastião da Pedreira, e Arroyos.
Belém.	Antonio Apolinario Torres de Miranda. Travessa de D. Vasco em Belém.	Ajuda.

Palacio do Governo em 23 de Dezembro de 1808.

D. MIGUEL PEREIRA FORJAZ.

*Documentos Officiaes relativos a Hespanha.*

[Continuados de pag. 22. Vol. II.]

*Ordem da Juncta Suprema de Badajos.*

Huma respeitavel pessoa desta Cidade recebeu hontem uma carta, pelo Correio, escripta a um Padre seu irmaõ, nos seguintes termos.—He notorio que Murat, sabendo, que em varias partes se abriam as cartas, e matavam aquellas pessoas, que se via serem inclinadas ao partido Francez, adoptou o infame plano de escrever aos Magistrados elleitos pelo Povo cartas, neste sentido.—Senhor, observe que me haveis escripto, e em tal dia chegará á vossa vizinhança o numero de tropas Francezas, que vos desejaes, em ordem a accomodar os Revolucionarios.—Tal he o contheudo, e o fim he manifestamente o de que, abrindo-se éstas cartas se attribua traição aos novos Commandantes, e se lhes dê a morte, deixando ao exercito patriotico sem Capitaens. Este expediente, que se tem descubierto, dá alguma idea da precaução que he necessaria, para evitar as consequencias da perfidia de Murat, e seus agentes, que trabálham por disseminar a discordia e confusão entre o povo, por todos os modos possiveis, se a

união e boa ordem se não conservam, jamais conseguiremos o fim a que nos propusemos, que he defender a nossa Religião, a nossa Patria, e o nosso amado Soberano Fernando VII. Sede valentes e leaes; respeitai os Magistrados e as Authoridades constituídas, esquecei-vos dos odios particulares, e tudo se concluirá.

Badajoz, 21 de Junho, de 1808.

---

*Proclamação.*

Aos Polacos, Italianos, e Portuguezes, que combatem nos esquadroens Francezes. Valorosos Soldados! aquem um cruel destino collocou no meio de vossos inimigos, para que faciais aos Hespanhoes uma sanguinaria guerra, e ajudeis aos Francezes a impor-nos o jugo que vos opprime; pedimos-vos que façais pausa. Seguramente quando vos vireis no centro da Hespanha no meio de tão poderosos exercitos, e que a Europa, adormecida, e agrilhoada está insensivel as vossas desgraças, vós creereis que estais privados de toda a consolação debaixo das complicadas miserias que vos cercam.—Porém, charissimos irmaõs! Vós não tendes estudado a theoria da liberdade, e os innumeraveis recursos que ella subministra, quando he apoiada pela Religião, e pela fidelidade. Vós não sabeis, talvez, que a especie humana não está ainda tão degenerada, tão falta de sentimentos de dignidade da nossa natureza, que todas as naçoens da terra estejam igualmente absorvidas em egoismo e apathia. Existe ainda na face do Globo quem sêja sufficientemente generoso para preferir a morte á escravidão, quem sêja assas sabio para não ser enganado pela perfidia, quem seja assas valoroso para não ser subjugado pelos inimigos da humanidade; quem possa ajunctar uma força phisica e moral invencivel, e irresistivel, tendo a sua mão armada pela justiça, e os seus coraçõens inflamados com o fogo electrico do patriotismo para se oppor á organizaçõ de uns bandos de ladroens, que se julgam concentrar nas suas fileiras toda a disciplina mili-

tar.—Valorosos soldados, vos não vedes com os vossos olhos o fero espirito do Povo Hespanhol? Não vedes os exercitos veteranos da França tremendo de medo, batidos de todos os lados, e dissipando-se, como a póeira, na Boetica, Lusitania, e Celtiberia? Não vedes vos o miseravel tumulto de Francezes, que buscam um refugio nos intricheiramentos d'el Retiro, antevendo com medo, e tremendo, o ataque das nossas phalanges, para fazer uma capitulação ignominiosa, ou render-se á discrição? Olhai pois attentamente, e vereis a dissolução do problema, e aquelle principio irrefragavel, universal, como elemento da natureza, que segura ás idades futuras as suas operaçoens beneficicas.—Mas se vos estais dispostos a admirar os presagios da liberdade e da honra, vinde aqui ter, e vereis o que se passa na pequena, e montanhosa Provincia das Asturias; vereis que o detestavel Napoleaõ, e os seus satelites não são formidaveis aos Asturianos. Sabereis que, quando a prisão das pessoas Reacs, e a iniqua proscricção de toda a sua respeitavel dynastia, foram descubertas, o povo se levantou como por consenso unanime animado por um principio comunum, ou fallando mais propriamente, instado pela inspiração do Ceo, appresentáram-se em multidoens para obter armas, sem distincção de idade, classe, ou condição de vida. Estudantes, graduados, mercadores, paizanos, clerigos, artistas, trabalhadores, todos gritavam que se queriam armar, e unir-se á força publica. A Junta geral distribuio armas a 24.000 homens, reservando para o tempo de maior necessidade 60.000. Todos estes, cujos nomes se ácham registados nos livros publicos estávam animados por igual patriotismo.—Generosos amigos! Tanto o impulso da natureza, como os factos da historia devidamente examinados, mostraraõ, que estes Asturianos uniformemente desenvolvêram sentimentos energicos de liberdade e de honra. Acustumados a ver a nossa mãy comunum, porque assim nos podemos exprimir, limitados pelo

Norte com as immensas agoas do oceano, e pelo Sul com as vastas montanhas, que nos protegem, parece que o destino tinha preparado dentro das fendidas aberturas dos nossos rochedos uma residencia para a liberdade, segura dos ataques da ambição e do crime. As ideaes que naturalmente imprime a continua vista destes objectos magnificos devem tocar os Asturianos desde os seus mais tenros annos, e devem fortificar aquelle instincto natural que sentem todos os homens a favor da liberdade. Os annaes dos nossos antepassados não são ignorados nem dos nossos meninos, nem das nossas mulheres; pelo contrario, elles são informados da restauração da monarchia, e da gloriosa resistencia, que se fez aos invasores Arabes, no seculo oitavo, pelo valor Asturiano. Taes narrativas augmentam o poderoso effeito da situação particular do nosso paiz, e as singularidades do nosso clima, este he o nosso character indelevel, que deve sempre apparecer quando se tem de resistir a uma aggressão injusta, e quando se nos appresentam deshonoras cadeas. Sim, he manifesto que nutrimos entre nos a generosa semente dos primitivos restauradores da Monarchia, os quaes estão diariamente desenvolvendo os seus thesouros, para nos sustentar debaixo das atrocidades e horrores nunca d'antes attentados. Oh cinzas de Pelaio e Fruela! que habitaes essas regioens de luz e de gloria, onde reside o Eterno, indubitavelmente vós implorareis a protecção do Ente Supremo para aquelles que estão animados das mesmas esperanças, e expostos aos mesmos perigos!—Viude pois a nos illustres Polacos, Italianos, e Portuguezes, que pelejais por quem vos opprime, vos considadaõs de Cataõ, de Bruto, de Sobieski, e de Gama, sois requeridos, a face do Universo, a sustentar aquelles que vos arrancáram do seio de vossos filhes, que vos conduziram como bestas ao exercito de Murat, e de Grouchy, para destruireis, contra a vossa vontade, os innocentes Hespanhoes, que vos ámam, e que vos convidam a defender na sua sociedade os inex-

tinguiveis direitos da razaõ, e da justiça, e que anciosamente procûram ajudar-vos a vingár a vossa oppressaõ. Naõ, seguramnte, vos naõ desejais destruinós. Lançai-vos pois nos braços dos Asturianos, que vos receberaõ com a affeiçaõ de irmaõs, unamos as nossas forças, e naõ percamos um momento em quanto naõ extirparmos estes crueis dessoladores, que tem banhado a Hespanha em sangue, violando as mais sagradas leis da humanidade.—A vossa experiencia infelizmente desgraçada vos acautelará de ser outra vez enganados pelas intrigas, e pela falsidade. Descançai pois na nossa simplicidade, e verdade ; daivos pressa em unirvos aos nossos estandartes, onde sereis respeitados e amados. Aqui achareis um exercito realmente Patriotico, onde a avareza, e a ambiçaõ naõ tem lugar, a paga que se dá he simplesmente para supportar a vida, e a authoridade so he conferida para manter a subordinaçaõ. O prospecto das nossas montanhas vos offereceraõ uma doce illusaõ dos vossos Apeninos, e a vista das nossas cataractas, a encantadora lembrança do Vistula e do Eredano. E vos illustres paizanos de Portugal, como podeis contemplar a nossa causa distincta da vossa, unidos como nos somos pela mesma Religiaõ, mesmo clima, e quasi mesma lingua ? Os vossos rios correm sobre as areas douradas das nossas montanhas, e fórmam esses opulentos portos do vosso Reyno, suppridos com a riqueza de Castro, de Albuquerque, da India. ¿Naõ fosteis vos ja o terror, e admiraçaõ do universo ? e agora que um punhado de Cannibales se empenham em opprimir todo o genero humano, e que vos tendes sido dos primeiros que elles sacrificáram á intriga, e á tyrannia ¿ submeter-vos-heis a ésta humilhaçaõ ? Naõ ; ajunctai-vos as hostes de vossos compatriotas, que vos convîdam a sacudir o infame jugo, e a defender, até a morte, os sagrados direitos do homem. Valorosos soldados ; Quando estiverem destruidas as abhorecidas tropas da França, credes vos que naõ sereis objectos dignos

do vosso valor, e resentimento, e que não haverá mais victimas a sacrificar no campo da batalha? Vos não sabeis o verdadeiro character dos Hespanhoes, e os altos espiritos que os animam. Quando as nossas armas vingadouras exterminárem os miseraveis restos das tropas Francezas, e os gloriosos patriotas Cuesta, Acevedo, Palafox, Caro, e outros não tivérem mais emprego para o seu valor dentro dos limites da nossa Peninsula ¿ pensais vós que o negocio da guerra está acabado? Não: nos temos de appresentar ao Mundo um digno exemplo do milagroso effeito da reacção de um justo, e poderoso povo, contra a destruição de escravos e cobardes. ¿ Os Conquistadores de S. Quintino não desceraõ dos montes Pyrineos ás praias do Garonna, e do Adour, para pedir justiça ao povo Francez contra o execravel tyranno que os domina? ¿ Não será proveitoso que a relação dos feitos de nossos valentes batalhoens seja ouvida de alguma maneira mais distincta pelos membros do Instituto nacional? E como podemos nos crer que estes verdadeiros amigos da philosophia não detestem no fundo de seu coração a malicia, e a perfidia de seu Imperador. Como se pode suppor que os illuminados principios destes sabios homens não proscrêvam este monstro, e que não convidem o povo a resistir a ésta oppressão, quando os Hespanhoes, no centro do seu paiz, estão promptos para assistir-lhes em taõ virtuosos fins.— Este pois amados camaradas he o unico projecto digno do nosso valor e do enthusiasmo nacional.— Penetremos com a espada na mão o interior da vilipendiada França. Convidemos os seus honrados habitantes a combinar-se com nosco para a destruição do monstro que os insulta e envilece, e que sêja elle a victima offerecida pelo povo, por amor da justiça universal, e para expiar os crimes, que tem commettido contra uma nação generosa. Sim, valorosos Soldados, não deveis crer, que todos os Francezes saõ complices nas iniquidades que deploramos. Mesmo entre

aquelles que compoem os exercitos do tyranno, sabemos que ha alguns felizes individuos, que, no meio do vicio e da corrupçãõ, tem nutrido as sementes da justiça. Nos sabemos que Moncey o illustre General, que possui um taõ extenso commando, e um nome taõ exaltado, detesta a conducta de seus companheiros, e abomina o frio espirito de crueldade, que cobre de sangue a Capital da nossa Monarchia. Nos lhe offerecemos o tributo de verdade, e de honra, e nos convidamos este generoso soldado a ajudar as nossas forças com a addiçãõ dos seus talentos e coragem. Se o respeito, que elle tributa aos mandados da natureza, lhe naõ permittem pegar em armas contra seus indignos partidarios, com tudo nos o consideraremos como um homem justo e honrado, e que gosará o nosso amor e respeito onde quer que os incidentes da vida o collocarem.— Em fim valerosos Polacos, Portuguezes, e Italianos, nos vos convidamos; nos vos convidamos a uma uniaõ fraternal com os nossos compatriotas. A causa he sagrada; o premio de grande valor, a probabilidade da victoria em nosso favor; a acquisiçãõ da gloria he certa. Oviedo, 12 de Julho 1808.

D. IGNACIO FLORES, *Presidente da Suprema Juncta.*

---

*Manifesto da Juncta Suprema de Murcia.*

Provincias e Cidades de Hespanha! Nossos pensamentos saõ uniformes: a nossa vontade tem-se explicado de um modo maravilhoso, e nada equivoco: apressamo-nos á defesa da Patria, e á conservaçãõ dos augustos direitos do nosso amavel, e desejado Fernando VII. Temamos uma desorganizaçãõ, se tem lugar a desuniaõ: naõ se ouça outra vóz em toda a peninsula, que naõ seja uniaõ, confraternidade, e mutua defeza. Facamonos grandes, e dominemos a pequenez, que ocupa os animos deveis, *sobre superioridades.* Formemos um governo solido, e central, onde todas as provincias e Reynos, recorram por

meio de representantes, e donde saiam as ordens, e pragmaticas debaixo do nome de Fernando VII.

As Cortes Geraes, celebradas no anno de 1789, julgáram por Principe das Asturias, e herdeiro da Coroa, a este digno Monarcha actual. Os Deputados das Cortes e El Rey Carlos IV. juráram mutuamente de guardar os privilegios, fóros, leys, usos, e custumes, sobre os quatro Evangelhos. Grandes e Senhores fizéram o preito e homenagem, segundo o uso e fóro da Hespanha. Por este mutuo juramento, nem os Vassallos podem separar-se da obediencia promettida, nem El Rey contravir á sua promessa jurada de guardar, as leys, usos, e custumes da Nação. A principal, e talvez a mais essencial he a successão do Reyno, que se estabelece no nosso Gram Codigo, intitulado das Partidas, cujas leis acreditam o antiquissimo costume de succeder em Hespanha. Esta Nação não quiz variar este methodo; e assim quando o Snr. Felipe V. intentou variar a ordem de succeder, querendo introduzir a lei Salica de França, pela qual se excluem as femeas, cujo cuidado renasceo nas citadas Cortes de 1789, se declarou por uniformidade de votos; que S. M. não podia variar o estabelicimento Hespanhol, cuja observancia tinha jurado guardar, e por consequencia a Senhora Carlota, Princeza do Brazil, devia ser admittida á coroa na falta de seus irmãos varoens.

Conforme a este facto, pelo qual se ligáram os vassallos á fidelidade, e os Soberanos ao cumprimento do seu juramento, se fez presente á Nação, que as renunciias, e abdiçaoens da coroa dos Senhores Carlos IV. e Fernando VII. a favor do Imperador dos Francezes fôram positiva, e notoriamente nulas, como feitas a um estranho da familia designada nas Cortes, com relação as leis, fóros, ussos, e custumes da Hespanha, e contrarias ao juramento solemne, e reciproco, verificado entre El Rey e seus vassallos, na solemnidade das Cortes. Sobre esta nulidade, que nos exime

de toda a obrigação de reconhecer por Soberano ao Imperador dos Francezes, ha mais a falta de liberdade, com que se fizéram estas renunciias, e estar o nomeado com um poderoso exercito, no lugar em que se fez a renuncia, e para onde se conduzio, por engano, e traiçãõ; ao Principe jurado, reconhecido, e acclamado por todos os póvos.

El Rey Francisco I. de França negou-se a cumprir o tratado, que fez com o Imperador Carlos V. (pelo qual obteve a sua liberdade em Madrid,) debaixo do pretexto de o haver feito estando prisioneiro. Comparem as naçoens estes dous Successos: Francisco I. foi aprisionado na famosa batalha de Pavia em uma guerra declarada, e justa: Fernando VII. aprisionado em Bayona, quando pensava abraçar um intimo alliado, que o chamava para consolidar, e estreitar mais a paz, e uniaõ, e augmentar a gloria de ambas as naçoens.

A cessaõ e renuncia de uma praça, e ainda de uma provincia pode tolerar-se, quando por isso se acaba alguma guerra sanguinolenta e cruel; porém a renuncia inaudita, e espantosa de uma grande Monarchia no seio da paz, sem mais noticia da naçaõ e consentimento dos Reynos, se não o que se arrancou da boca de um Monarcha prisioneiro, ou talvez, que se imprimio sem se haver feito, he taõ violenta e extraordinaria, que se não acha exemplo entre os ladroens de Reynos, ainda que se recorra á historia do Mundo.

Os papeis da França tem censurado a conducta da Inglaterra, quando se apoderáram de nossas fragatas, e da Marinha Real de Dinamarca; ¿ poderaõ pois dizer alguma cousa sobre o attentado de dispor da Monarchia enteira da Hespanha, debaixo da confiança da amizade, e da alliança? Carlos Magno, poderoso, com exercitos guerreiros, dominador de vastas provincias, intentou fazer valer certos direitos sobre ésta naçaõ; porém Affonso o casto lhe fez conhecer, em Roncesvallos, que os Soberanos, posto que

de Reynos pequenos, como era o de Leão, podem destruir aos que somente confiam em si, como Nabuco. Quem tem a justiça da sua parte tem a Deus por Protector, e se Deus esta com nosco, em vão vigiam os que nos árman ciladas e nos perseguem.

Cidades de voto em Cortes! reunamo-nos, formemos um corpo, elejamos um Conselho, que em nome de Fernando VII. organize todas as disposiçoens civis, e evitemos o mal que nos ameaça, que he a divisaõ. A vóz, terrivel na realidade, de que em cada capital a Juncta de Governo se supponha Suprema, sem subordinaçãõ a outra, attrahiria a anarchia, a desolaçãõ, e a perca de tudo; e nós que reunidos seremos invenciveis, pela divisaõ, daremos ao inimigo commum o prazer de ver-nos desolados: Chore a Hespanha se isto succede. Fernando VII. manda: as Cortes o reconhecerãõ por Principe Herdeiro; os Povos o tem proclamado por Monarcha, Sevilha, Granda, Valencia, Saragoça, Cidades insignes, dignai-vos tomar a vóz, univos e abraçai este pensamento, circulai a nomeaçãõ do lugar e do dia para a reuniaõ dos representantes dos Povos; occupai por agóra as faculdades das nobres Cidades de Burgos e Toledo, que não podem levantar a vóz por estar supitada.

Capitaens Generaes, Generaes famosos! protegei este remedio, que vai salvar a Naçaõ: dignos heroes! de vós se deve formar um Conselho Militar, donde dimanem as ordens, que obedeçam os que regem os exercitos, e com o conhecimento de todas as forças da naçaõ, e dos movimentos do inimigo, mandareis executar, e concorrer onde a necessidade o exigir, e de maneira que se salve a patria.

Esta Cidade se lisongea, que este ultimo remedio he o só que pode salvar-nos. Governo central, Governo Supremo são indispensaveis. Fernando VII. o manda; Fernando VII. não pode ser restituído ao seu throno sem ésta uniaõ e soberania; unidas as provincias por seus repre-

sentantes não haverá zelos de superioridades, e se cortam ao inimigo as armas terriveis da desunião, e da intriga: as potencias estrangeiras saberão, com quem devem entender-se, para a paz, e para a guerra; e reconhecendo um Governo universal da Hespanha, a Monarchia se conservará illesa para o seu legitimo e amado soberano.

Esta cidade espera resposta de V. para sua satisfacção e intelligencia. Murcia, 22 de Junho, 1808, Clemente de Campos.—José Bispo de Cartagena. Conde de Florida Blanca. Joaquim de Elguera. Juliaõ Jose de Retamosa. M. Marquez de Espinardo e Aguilar. O Arcediago de Villena. Vincente Hezeta. Conde de Campo Hermoso. Antonio Fontes Abar. Marquez del Villar. Antonio Fernández de S. Domingo. Visconde de Huerta. Luiz Santiágo Bado. Francisco Lopez de Aguliar. José Hena-rejos.

---

*Inglaterra.*

*Correspondencia, com os Governos Russo e Francez, relativa as proposiçoens, que se fizéram de Erfurt; apresentada por ordem de S. M. a ambas as Casas do Parlamento.—Janeiro 1809.*

(No. 1.) Recebida a 21 de Outubro.

Erfurth, 30 de Septembro, (12 de Outubro,) 1808.

SENHOR! Remetto a V. Ex. uma carta que os Imperadores da Russia e França escrevem a S. M. El Rey de Inglaterra. O Imperador da Russia se lisongea de que a Inglaterra sentirá a grandeza, e sinceridade deste passo. Ella ahi achará a mais natural, e a mais simples resposta, ás proposiçoens, que fez o Almirante Saumarez. A uniaõ dos dous Imperios está alem do alcance de mudança alguma, e os dous Imperadores a formáram, tanto para a paz, como para a guerra.

S. M. me ordenou que fizesse saber a V. Ex., que elle tem nomeado Plenipotenciarios, que irãõ ter a Paris, onde esperaraõ a resposta que V. Ex. for servido dar-me. Eu vos rogo que a dirijaes ao Embaixador Russiano em Paris. Os Plenipotenciarios, nomeados pelo Imperador da Russia, irãõ ter áquella Cidade do Continente, para onde fõrem mandados os Plenipotenciarios de S. M. Britanica.

Quanto á base da negociaçãõ Suas Magestades Imperiaes naõ tem difficuldade de adoptar, a que foi antecedentemente proposta por Inglaterra; isto he, o *uti possidetis*, ou outra qualquer base, fundada na reciprocaçãõ, e igualdade, que deve prevalecer entre todas as naçoens grandes.

Tenho a honra de ser, com os sentimentos da mais alta consideraçãõ, &c.

(Assignado) CONDE NICHOLAO DE ROMANZOFF.  
A S. Ex. o Sr. Canuing, &c.

(No. 2.) Recebida a 21 de Outubro.

Erfurth, 12 de Outubro, de 1808.

SENHOR! As presentes circumstancias da Europa nos fizéram ajunctar aqui em Erfurth. O nosso primeiro pensamento foi ceder aos desejos, e necessidades de todos os povos, e procurar, em uma immediata pacificaçãõ com V. M. o remedio mais efficaz ás miserias que opprimem todas as naçoens. Nos fazemos saber a V. M. o nosso sincero desejo, a este respeito, na presente carta.

A longa e sanguinolenta guerra, que tem dillacerado o Continente, está acabada, sem que haja possibilidade de a renovar. Muitas mudanças tem havido na Europa, e muitos Estados tem sido derrubados. A causa disto deve achar-se, no estádo de agitaçãõ e miseria, em que a estagnaçãõ do Commercio maritimo tem posto as maiores naçoens. Maiores mudanças poderaõ ainda succeder, e to-

das ellas contrarias á politica da nação Ingleza. Por tanto a paz he ao mesmo tempo do interesse do Continente, assim como he do interesse do povo da Gram Bretanha.

Unimo-nos em rogar a V. M. que attenda á voz da humanidade, impondo silencio á das paixoens ; para o fim de procurar, com a intençaõ de chegar a este objecto, o conciliar todos os interesses, e por este meio preservar todas as Potencias, que existem ; e assegurar a felicidade da Europa, e desta geraçãõ, á frente da qual a Providencia nos tem collocado.

(Assignado) ALEXANDRE,—NAPOLEAÕ.

(No. 3.) Recebida a 21 de Outubro.  
Erfurth, 12 de Outubro, de 1808.

SENHOR! Tenho e honra de transmittir a V. Ex. uma carta, que o Imperador dos Francezes, e o Imperador de todas as Russias escrevem a S. M. Britanica. A grandeza, e sinceridade deste passo serãõ sem duvida sentidas. Naõ se poderá attribuir a fraqueza o que somente he o resultado da intima connexãõ entre os dous maiores Soveranos do Continente, unidos tanto para a paz, como para a guerra.

S. M. O Imperador me ordenou fazer saber a V. Ex., que elle tem nomeado Plenipotenciarios, que irãõ ter á Cidade do Continente, para onde S. M. El Rey da Gram Bretanha, mandar os seus Plenipotenciarios. A respeito da base da negociaçãõ, Suas Magestades estaõ dispostos a adoptar a que foi antecedentemente proposta pela mesma Inglaterra ; isto he, o *uti possidetis*; e ainda outra qualquer base fundada na justiça, e na reciprocaçãõ, e igualdade, que deve prevalecer entre todas as grandes naçoens.

Tenho a honra de ser, com a maior consideraçãõ, &c.

(Assignado) CHAMPAGNY.

A S. Ex. o Snr. Canning, &c.

(No. 4.)

Carta de Buonaparte, e de S. M. o Imperador de todas as Russias, a S. M., datada de Erfurth 12 de Outubro de 1808, e recebida a 21 de Outubro. (He a mesma do No. 2, com ésta differença, que a assignatura de Napoleão vem primeiro.)

(No. 5.)

Londres, Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
22 de Outubro, de 1808.

SENHOR! A desejo do Conde Nicholáo de Romanzoff, tenho a honra de accusar a V. Ex. a recepção da carta, que o Conde Romanzoff foi servido escrever-me de Erfurth, datada de 30 de Septembro (12 de Outubro) assim como da carta, que vinha juncta, dirigida a El Rey meu amo.

Naõ perderei tempo em por éstas duas cartas na presença de S. M., e transmittir as respostas a V. Ex. por um Correio Inglez.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

A S. Ex. o Embaixador Russiano, &c. &c. &c. em Paris.

(No. 6.)

Londres, Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
22 de Outubro, de 1808.

SENHOR! Tenho a honra de accusar a recepção da carta de V. Ex. de 12 do corrente, de Erfurth, que incluía uma carta dirigida a El Rey meu amo.

Naõ perderei tempo em por éstas cartas na presença de S. M. e transmittir as respostas a ellas, por um Mensageiro Inglez, a Paris.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

A S. Ex. o Snr. Champagny, &c. &c.

(No. 7.)

Londres, Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
28 de Outubro, de 1808.

SENHOR! Havendo posto na presença d'El Rey meu amo as duas cartas, que S. Ex. o Conde Nicholáo de Romanzoff me enviou de Erfurth, recebi ordem de S. M. para responder á que éra dirigida a Elle, com a nota official, que tenho a honra de incluir a V. Ex.

Por mais que S. M. desejasse responder directamente a S. M. o Imperador da Russia, vós naõ podereis deixar de sentir, Senhor, que pela maneira naõ usual, em que as cartas assignadas por S. M. Imperial estavam concebidas, e que as privou inteiramente do character de uma communicacão particular e pessoal, S. M. achou, que éra impossivel adoptar este signal de respeito, para com o Imperador da Russia, sem ao mesmo tempo reconhecer titulos, que S. M. nunca reconheceo.

Tenho ordem de acrescentar ao contheudo da nota official, que S. M. se dará pressa em communicar a S. M. El Rey de Suecia, e ao existente Governo da Hespanha, as proposiçoens, que lhe fóram feitas. V. Ex. perceberá, que he absolutamente necessario que S. M. recebesse uma segurança immediata, de que a França reconhece o Governo da Hespanha como parte de qualquer negociaçãõ. S. M. naõ pode duvidar que tal he a intençãõ do Imperador da Russia.

S. M. se lembra, com satisfacçãõ, do vivo interesse que S. M. Imperial sempre manifestou, pelo bem e dignidade da Monarchia Hespanhola, e Elle naõ precisa outra segurança de que S. M. Imperial naõ podia ser induzido a sancionar, com a sua concurrencia, ou com a sua approvaçãõ, usurpaçoens, cujo principio naõ he menos injusto, do que o seu exemplo he perigoso a todos os legitimos Soberanos.

Logo que se tiverem recebido as respostas a estes pontos, e logo que S. M. tiver sabido os sentimentos d'El Rey de Suecia, e os do Governo de Hespanha, eu não deixarei de receber ordens de S. M. para aquellas communicações, que for necessario fazer, sobre os demais objectos da carta do Conde Romanzoff.

Tenho a honra de ser, &c. &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

A S. Ex. o Embaixador Russiano, em Paris.

---

(No. 8.)

Londres, Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
28 de Outubro de 1808.

SENHOR! Havendo posto na presença d'El Rey meu amo as duas cartas, que V. Ex. me enviou de Erfurth, uma das quaes éra dirigida a S. M.; recebi ordem de S. M. para responder áquella carta, com a nota official, que tenho a honra de incluir aqui.

Tenho ordem de acrescentar, que S. M. não perderá tempo em communicar a El Rey de Suecia, e ao Governo de Hespanha, as proposições que fôram feitas a S. M.

V. Ex. verá a necessidade de que se dê a S. M., immediatamente, uma segurança de que a França está na intelligencia e concorda na admissão do Governo de Hespanha, como parte desta negociação. Depois de se haver recebido a resposta de V. Ex. sobre este ponto, e logo que S. M. esteja de posse dos sentimentos d'El Rey de Suecia, e do Governo de Hespanha; eu receberei ordens de S. M. para communicar com V. Ex. sobre os outros pontos da vossa carta.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

A S. Ex. o Snr. Champagny, &c. &c.

---

## (No. 8.) Nota Official.

El Rey tem uniformemente declarado a sua promptidaõ, e desejo. de entrar em negociagoens para uma paz geral, sobre termos, consistentes com a honra da Coroa de S. M. com a fidelidade de seus empenhos, e com o permanente descanso e segurança da Europa. S. M. repete ésta declaraçãõ.

Se a condiçãõ do Continente he a da agitaçãõ e da miseria, se muitos Estados tem sido derrubados, e muitos mais ainda sãõ ameaçados com a subversaõ, he uma consolaçãõ para El Rey o reflectir, que nenhuma parte das convulsõens, que se tem experimentado, ou da quellas, que se ameaçam para o futuro, pôdem ser, em grãõ algum, imputaveis a S. M. El Rey está promptissimo a reconhecer que todas éstas terriveis mudanças sãõ na verdade contrarias á politica da Gram Bretanha.

Se a causa de tanta miseria se deve achar na estagnaçãõ das relaçoens commerciaes; ainda que se não possa esperar, que S. M. possa ouvir, sem grande magoa, que o systema, imaginado para a destruiçãõ do commercio dos seus vassallos, tem recahido sobre os seus authores, ou seus instrumentos; com tudo, nem he da disposiçãõ de S. M. nem do character do povo, que elle governa, alegrar-se com as necessidade, e infelicidade das naçoens, que se tem combinado contra elle. S. M. deseja anciosamente a terminaçãõ dos males do Continente.

S. M. entrou na guerra, em que S. M. está empenhado, pelo objecto immediato da defenza nacional. Tem-se prolongado; porque até aqui ainda os seus inimigos lhe não offerecêram, meios seguros e honrosos de a terminar.

Mas no progresso de uma guerra, principiada em propria defesa, tem S. M. entrado em novas obrigaçoens a favor de Potencias, aquem as aggressõens de um inimigo commum compellio a fazer causa commum com S. M., ou que tem solicitado o adjutorio e assistencia de S. M. para recobrem a sua independencia nacional.

Os interesses da Coróa de Portugal, e de S. M. Siciliana estão confiados á amizade, e protecção de S. M.

Com El Rey de Suecia se acha S. M. ligado por laços da mais estreita aliança, e por estipulaçoens, que unem os seus conselhos, tanto para a paz, como para a guerra.

S. M. não está ainda ligado com a Hespanha por nenhum tratado formal; mas S. M. contrahio, á face do Mundo, com aquella nação, obrigaçoens, que não são menos sagradas, nem ligão menos, no pensar de S. M., do que os mais solemnes tratados.

Portanto S. M., tem para si, que, em uma proposição feita a S. M. para entrar em negociaçoens para a paz geral, foram distinctamente consideradas as relaçoens, que subsistem entre S. M. e a Monarchia Hespanhola, e que o Governo, que obra em nome de S. M. Catholica Fernando VII. se entende fazer parte de qualquer negociação, em que S. M. seja convidado a entrar.

(Assignado) GEORGE CANNING.

(No. 10.) Recebida aos 4 de Novembro, de 1808.

Paris, 31 de Outubro, de 1808.

SENHOR! A partida immediata do correio Inglez, que me trouxe a carta de V. Ex. de 28 deste mez, me obriga a limitar-me, ao presente, a accusar a sua recepção. Alegro-me de que a minha chegada a Paris me desse occasião de receber, eu mesmo, aquella carta, que era dirigida ao Embaixador Russiano; e havendo Mr. de Tolstoi, que occupava aquelle lugar, sido mandado retirar, pelo Imperador meu amo, para que fosse succedido pelo Principe de Kourakin, eu me julgo feliz de me achar em situação de corresponder directamente com V. Ex.

Tenho a honra de ser, com sentimentos da maior consideração, &c.

(Assignado) O CONDE NICHOLAO DE ROMANZOFF.  
A S. Ex. o Snr. Canning, &c.

(No. 11.) Recebida a 4 de Nov. 1808.

Paris, 31 de Outubro, de 1808.

SENHOR! Havendo S. M. O Imperador, meu amo, deixado Paris, eu não desejo esperar as suas ordens, para accusar a recepção da carta, que V. Ex. me fez a honra de escrever, aos 28 deste mez, e que eu recebi ésta manhã, assim como a nota official, que vinha juncta. Eu não perderei tempo em transmittir estes papeis a S. M. Imperial, e logo que elle me fizer saber as suas intenções, eu me darei pressa em mandar um correio a V. Ex. Sou com a mais alta consideração, &c.

(Assignado) CHAMPAGNY.

A S. Ex. o Snr. Canning, &c.

---

(No. 12.) Recebida a 6 de Dezembro, 1808.

Paris, 16 de Novembro, de 1808.

SENHOR! Remetto a V. Ex. a minha resposta á nota de 28 de Outubro, que fosteis servido dirigir ao Conde de Tolstoi, e me apresso a aproveitar-me desta nova oportunidade de renovar a V. Ex. as seguranças da alta consideração, com que tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) O CONDE NICHOLAO DE ROMANZOFF.

A S. Ex. o Snr. Canning, &c.

---

(No. 13.) Nota.

O Abaixo-assignado, Ninistro dos Negocios Estrangeiros de S. M. o Imperador de Todas as Russias, tem a honra de responder á Nota de 28 de Outubro, assignada por Mr. Canning, Secretario de Estado, para os Negocios Estrangeiros, de S. M. El Rey da Gram Bretanha, e dirigida por S. Ex. ao Embaixador Russiano, em Paris.

Que a admissão dos Soberanos, que estão em alliança com a Inglaterra, a um Congresso, não pode ser um ponto de difficuldade, e que a Russia e França consentem nisso.

VOL. II. No. 9.

---

Mas este principio de nenhum modo se estende á necessidade de admittir os Plenipotenciarios dos Insurgentes Hespanhoes. O Imperador da Russia não os pode admittir. O seu Imperio, em similhantes circumstancias—e a Inglaterra pode lembrar-se de um exemplo particular—foi fiel ao mesmo principio. Demais, elle tem ja reconhecido El Rey Joseph Napoleaõ. Elle tem annuciado a S. M. Britanica, que estáva unido com o Imperador dos Francezes, tanto para a paz como para a guerra, e S. M. Imperial repete aqui esta declaraçãõ. Elle está resolvido a não separar os seus interesses dos daquelle Monarcha; mas elles ambos estaõ promptos para concluir uma paz, com tanto que seja justa, honrosa, e igual para todas as partes.

O Abaixo-assignado vê, com prazer, que nesta differença de opiniaõ, relativamente aos Hespanhoes, nada se apresenta, que possa previnir ou delongar a abertura de um Congresso. Elle deduz a sua persuasãõ, a este respeito, do que S. M. Britanica mesmo tem confiado aos dous Imperadores, que elle não está ligado por algum empenho positivo, com aquelles que tomáram armas em Hespanha.

Depois de quinze annos de guerra, a Europa tem direito de pedir paz. O interesse de todas as Potencias, incluindo a Inglaterra, he fazella geral: e um tal desejo não pode certamente ser estranho aos sentimentos de S. M. Britanica. ¿Como he possivel que so elle se possa subtrahir a um tal objecto, e recusar o pôr termo ás misérias da afflicta humanidade?

Consequentemente o Abaixo-assignado renova, em nome do Imperador, seu Augusto amo, a proposiçaõ ja feita, de mandar Plenipotenciarios para qualquer Cidade do Continente, que S. M. Britanica seja servido nomear; de admittir os Plenipotenciarios dos Soberanos, que estaõ em alliança com a Gram Bretanha; e tratar sobre a base do *uti possidetis*, e sobre a do poder respectivo das Potencias belligerentes; em fim de aceitar qualquer base, que possa

ter por seu objecto a conclusão de uma paz, em que todas as partes achem honra, justiça, e igualdade.

O Abaixo-assignado tem a honra de renovar a S. Ex. o Snr. Canning as seguranças de sua alta consideração.

(Assignado) CONDE NICHOLAO DE ROMANZOFF.  
A S. Ex. o Snr. Canning, &c. &c.

(No. 14.) Recebida a 6 de Dezembro, 1808.  
Paris, 28 de Novembro, de 1808.

SENHOR! Tenho a honra de enviar a V. Ex. a resposta que se mandou dar á nota, que accompanhava a vossa carta de 28 de Outubro passado. Tenho a honra de ser com a mais alta consideração, &c.

(Assignado) CHAMPAGNY.  
A S. Ex. o Snr. Canning, &c. &c. Londres.

(No. 15.) Nota.

O Abaixo-assignado poz na presença do Imperador, seu amo, a nota de S. Ex. o Snr. Canning.

Se fosse verdade que os males da guerra somente se sentiam no Continente, certamente pouca esperança haveria de obter uma paz.

Os dous Imperadores se lisongeavam, de que o objecto da sua medida não seria mal interpretado, em Londres. ¿Era possivel que o Ministerio Inglez o attribuisse a fraqueza ou necessidade, quando todo o Estadista imparcial deve reconhecer, no espirito da paz e moderação, porque he dictado, as characteristics do poder, e da verdadeira grandeza? França e Russia pódem continuar a guerra por taõ longo tempo, quanto a Corte de Londres não recorrer a disposições justas, e de equidade: e estão resolvidos a fazello assim.

¿Como he possivel que o Governo Francez admitta a proposição, que se lhe fez, de admittir á negociação os

Insurgentes Hespanhoes? ¿Que diria o Governo Inglez, se lhe tivessem proposto admittir os Insurgentes Catholicos da Irlanda? A França, sem ter com elles nenhuns tratados, tem estado em communicação com elles, tem-lhes feito promessas, tem-lhe frequentemente mandado soccorros ¿Poderia uma tal proposição achar lugar em uma nota, cujo objecto devia ser, não irritar, mas trabalhar por effectuar uma mutua conciliação, e boa intelligencia?

A Inglaterra se achará estranhamente enganada, se, contra a experiencia do passado, ella nutrir a idea de que pode contender, com bom successo, no Continente, contra os exercitos da França. ¿Que esperanza pode ella agora ter, principalmente estando a França irrevogavelmente unida á Russia?

O Abaixo-assignado tem ordem de repetir a proposição de admittir á negociação todos os alliados d'El Rey da Inglaterra, seja o Rey, que reyna no Brazil, seja o Rey que reyna em Suecia, seja o Rey, que reyna na Sicilia; e para tomar por base da negociação o *uti possidetis*. Elle tem ordem para expressar a sua esperanza de que, não perdendo de vista os inevitaveis resultados da força dos Estados, se trará á lembrança, que entre as grandes Potencias, não ha paz solida, se não aquella, que he ao mesmo tempo igual e honrosa para ambas as partes.

O Abaixo-assignado roga a S. Ex. o Snr. Canning, de aceitar as seguranças da sua mais alta consideração.

(Assignado) CHAMPAGNY.

(No. 16.)

Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
Londres, 7 de Dezembro, 1808.

SENHOR! Sem perder tempo remetterei a V. Ex. por um Correo Inglez, a resposta, que El Rey meu amo me ordenar, que eu dê á nota official, que vinha juncta á

carta de V. Ex., datada de 16 (28) do mez passado, de que tenho a honra de accusar a recepção.

Aproveito avidamente ésta occasião de renovar a V. Ex. as seguranças da alta consideração, com que tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING,  
A S. Ex. o Conde Nicholao de Romanzoff.

---

(No. 17.) Nota official.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
9 de Dezembro, de 1808.

O Abaixo-assignado Principal Secretario de S. M., para os Negocios Estrangeiros, poz na prezença d'El Rey seu amo a nota, que lhe foi remettida por S. Ex. o Conde Nicholao de Romanzoff, Ministro dos Negocios Estrangeiros de S. M. o Imperador de Todas as Russias, datada de 15 (28) de Novembro.

El Rey ouvio com grande admiração e sentimento, a esperança, que parece haver-se concebido, de que S. M. consentiria começar uma negociação para a paz geral, principiando por abandonar a causa da nação Hespanhola, e da legitima Monarchia de Hespanha, em respeito a uma usurpação, que não tem parallelo na historia do Mundo.

S. M. esperava, que a participação do Imperador da Russia, nas proposições feitas a S. M., teriam ministrado a S. M. uma segurança contra as proposições de uma condição tão injusta nos seus effeitos, e tão fatal no seu exemplo.

Nem pode S. M. conceber porque obrigação de dever ou de interesse, ou porque principio de *Politica Russiana*, se pode ter achado obrigado a reconhecer o direito, que arrogou França, de depor e prender Soberanos amigos, e transferir para si, por meio da força, a fidelidade de nações leaes, e independentes.

Se estes são, na verdade, os principios a que o Imperador da Russia se tem inviolavelmente ligado ; e a que S. M. Imperial tem penhorado o character e recursos do seu Imperio ; e pelo que se tem unido com a França, para os estabelecer com a guerra, e mantellos na paz ; S. M. lamenta profundamente uma determinação, pela qual os sofrimentos da Europa se devem aggravar, e prolongar. Mas não he a S. M. que se hade attribuir a continuação das calamidades da guerra, por se haverem frustrado todas as esperanças de uma paz, tal que fosse compativel com a justiça e com a honra. O Abaixo-assignado, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

(No. 18.)

Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
Londres, 7 de Dezembro, de 1808.

SENHOR! Tenho a honra de accusar a recepção da carta de V. Ex. de 28 do mez passado, e da nota official que ella incluia.

Logo que eu tiver recebido as ordens d'El Rey, sobre o objecto desta nota, não deixarei de transmittir a V. Ex. por um mensageiro Inglez, a resposta que S. M. me ordenar que lhe dê. Tenho a honra de ser, com a mais alta consideração, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

(No. 19.) Nota Official.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros,  
9 de Dezembro, de 1808.

O Abaixo-assignado Principal Secretario de Estado de S. M., para os Negocios Estrangeiros, tem apresentado a El Rey seu amo, a nota, que lhe foi transmittida por S. Ex. M. Champagny, datada de 28 de Novembro.

Tem elle ordem especial de S. M. para se abster de fazer menção de algum daquelles topicos, e expressoens, insultantes a S. M. a seus Alliados, e á Nação Hespanhola, de que abunda, a nota official, transmittida por Mr. de Champagny. S. M. desejava haver tratado para uma paz, que pudesse ter arranjado os respectivos interesses de todas as Potencias, empenhadas na guerra, sobre principios de igual justiça. E S. M. sinceramente lamenta, que se não preenchesse este desejo de S. M.

Porém S. M. esta determinado a não abandonar a causa da nação Hespanhola, e a legitima Monarchia da Hespanha ; e as pretensões da França de excluir da negociação o Governo Central e Supremo, que obra em nome de S. M. Catholica Fernando VII, he tal a que S. M. não, pode admittir, sem acquiescer a uma usurpação, que não tem parallelo na historia do Mundo. O Abaixo-assignado, &c.

(Assignado) GEORGE CANNING.

(No. 20.) Recebida, a 17 de Dezembro, 1808.

Paris, 1, (13) de Dezembro, de 1808.

SENHOR! O mensageiro que despachei a V. Ex. chegou de volta a este lugar, e me trouxe a carta que vos me fizestes a honra escrever-me, aos 7 de Dezembro. Algumas horas depois o Mensageiro, que V. Ex. mandou a Paris me entregou da parte de V. Ex. uma carta sem data, que éra acompanhada pela nota de 9 de Dezembro. Eu transmittirei tudo isto para informação do Imperador meu amo.

Aproveito-me desta occasião para renovar a V. Ex. as seguranças da alta consideração, com que tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CONDE DE ROMANZOFF,  
A S. Ex. o Snr. Canning, &c. &c. Londres.

(No. 21.) Recebida a 18 de Dezembro.  
Paris, 13 de Dezembro, de 1808.

SENHOR! Tenho a honra de accusar a recepção da carta de V. Ex. de 9 do corrente, junctamente com a nota official, que a acompanhava: não perderei tempo, em por ésta nota na presença do Imperador meu amo.

Aproveito-me desta occasião para renovar a V. Ex. as seguranças da alta consideração, com que tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CHAMPAIGNY.

A S. Ex. o Snr. Canning, &c. &c.

*Relatorio da Meza de Inquirição, estabelecida para indagar as circumstancias da Convenção de Cintra. (Veja-se o vol. I. do Correio Braziliense, p. 520.)*

Nós os Infrascriptos, Officiaes Generaes do Exercito, em obediencia do Decreto de V. M. datado do 1. de Novembro de 1808, que nos mandava inquirir estrictamente a respeito das condiçoens de uma *suspensão de armas*, concluida aos 22 de Agosto de 1808, entre o Exercito de V. M., em Portugal, e a força Franceza, na aquelle paiz—e tambem a respeito de uma *Convenção* deffinitiva, concluida com o General Francez Commandante, aos 31 do mesmo Agosto—e tambem a respeito de todas as causas e circumstancias (quer se originassem em operaçoens previas do exercito Britanico, quer de outra maneira, e a ella conduzissem)—e a respeito da conducta, comportamento, e procedimentos do Gen. Cav. Hew Dalrymple, e de tal outro Commandante ou Commandantes das forças de V. M. em Portugal, e de qualquer outra pessoa ou pessoas, em tanto quanto as mesmas tiveram relação com o dicto armisticio *suspensão d'armas e Convenção*—e de referir a V. M. o estado da mesma, como apparecerá, junctamente com

a nossa opiniaõ sobre isso, e assim tambem a nossa opiniaõ, se devia haver algum, e qual, procedimento ulterior sobre isto.

Nos, em varias sessoens, lemos, e consideramos as ordens e instrucçoens de V. M., que nos fõram transmittidas, pelo Muito Honrado Lord Castlereagh, Principal Secretario de Estado de V. M., junctamente com varias cartas, e outros papeis; e temos ouvido, e examinado o Ten. Gen. Cavalleiro Hew Dalrymple, Cav. Harry Burrard, e Cav. Arthuro Wellesley, e outros Officiaes Principaes, empregados, na dicta expedicaõ, com aquellas testemunhas, que elles requerêram: e tambem outras pessoas, que melhor nos parecêram poderiam dar informaçoes essenciaes: e, em ordem a que V. M. possuísse plenamente todas as circumstancias, que apparecêram no decurso desta inquiriçaõ, nós pedimos licença para pôr na presença de V. M. o todo dos nossos exames, e procedimentos, junctamente com este Relatorio: e depois da mais diligente e cuidadosa revista de toda ésta materia, nós, em obediencia das Reaes Ordens de V. M., humilissimamente referimos a Vossa Magestade.

Que apparece, que nos principios do mez de Mayo de 1808; se ajunctou cerca de Cork uma força mui consideravel, destinada para o serviço estrangeiro (*fora da Inglaterra,*) cujo commando se imagina era destinado para o Cav. Arthuro Wellesley. Que no Mez de maio succedeo levantar-se na Hespanha uma resistencia universal, e inesperada, contra a tyrannia Franceza. Que se requereu a assistencia da Gram Bretanha; e que o Governo, com a universal concurrencia do Paiz, determinou o dar o mais effectivo adjectorio á Hespanha, e Portugal, que entaõ tambem se achava em commoçaõ.

Apparece, que, em consequencia desta determinaçãõ, o Major General Spencer, antes de se render a frota Franceza em Cadiz, estáva defronte daquelle porto com cerca de cinco mil homens, mandados de Gibraltar, pelo Cav.

Hew Dalrymple, Não havendo o seu adjutorio sido requerido, procedeo elle para a embocadura do Tejo, com as vistas de ajudar a frota do Cav. Carlos Cotton, a forçar a sua passagem, havendo sido representado, que não havïa nos fortes, e vizinhanças de Lisboa, mais do que 4.000 homens. Porém estando o General Spencer defronte do Tejo (24 de Junho) lhe foi referido, pela mais authorizada informação que podia obter, que o inimigo tinha, em Lisboa e seus arredores, 11.000 hemens, e 9.500 em Setubal, Leste de Portugal, e outras partes. Nesta situação não podia ter lugar o ataque, que se intentava fazer, e o Gen. Spencer voltou para Cadiz, e Gibraltar.

Apparece que aos 14 de Junho se pedio ao Almirantado, que providenciasse um Comboy para dar á vella, de Cork, com as tropas, que então estavam esperando por ordens, e chegada do Tn. Gen. Cavalleiro Arthuro Wellesley, nomeado para este commando.

Aos 31 de Junho o Lord Castlereagh informou ao Cav. Wellesley, que as noticias de Cadiz eram más, e o General Spencer estava de volta para Gibraltar, e que o Gabinete pospunha as instrucçoens, que tinha de dar-lhe, até que soubesse mais alguma cousa. Aos 28 de Junho o Lord Castlereagh informou o Gen. Spencer, que então se supunha em Gibraltar, de que o Cav. Wellesley, com 9.000 homens, tinha ordem para sahir de Cork, e obrar com o Corpo delle (Spencer) a bem da nação Hespanhola. Por tanto devia elle ir, com o seu Corpo, para defronte de Cadiz, e esperar pelo outro; e entre tanto aproveitar-se de qualquer circumstancia, que se offerecesse de obrar com vantagem, mesmo dentro do Estreito.

Apparece, que, aos 12 de Julho, se fez á vella de Cork o Ten. Gen. Wellesley, com 9.000 homens, (sugeito ás instrucçoens de 30 de Junho) que mandavam geralmente ajudar a nação Hespanhola, e principalmente attacar os Francezes no Tejo: porem fa authorisado, ao seu entender, para proseguir outro qualquer objecto, que melhor

parecesse conduzir para o bem das duas naçoens ; e (pelas instrucçoens de 15 de Julho) esforçar-se, no caso de ser possível, não sómente em repellir o inimigo de Lisboa, mas cortar-lhe a sua retirada para a Hespanha. Elle chegou á Coruña aos 20, communicou com a Juncta de Galiza, a qual desejou, que as tropas se empregassem em expellir os Francezes de Portugal, e lhe recommendou desembarcar na quelle Paiz, (aos 26 foi isto communicado ao Gen. Spencer); deo á vella da Coruña e foi para o Porto (deixando a frota defronte do Cabo de Finisterre); chegou aos 24, e pedio-lhe o Cav. Carlos Cotton, que deixasse as tropas no Porto, ou bahia do Mondego, e viesse ao Tejo communicar com elle. Teve uma conferencia com os Generaes e Bispo do Porto, sobre a disposiçaõ da sua força. O Bispo prometteo mulas, o outros meios de transporte, e tambem uma sufficiente quantidade de gado, para matar.

Apparece que o Cav. Wellesley deo á vella do Porto aos 25 de Julho, ordenou aos transportes que fossem para o Mondego, foi adiante, e ajunctou-se com o Almirante defronte do Tejo, aos 26. Recebêram-se cartas do General Spencer de Cadiz, o qual tinha voltado, e os Hespanhoes, naquelle lugar, lhe havïam rogado, que ficasse ali; elle esperava ordens do Cav. Wellesley. Concordou com o Cav. Carlos Cotton, que o desembarque na boca do Tejo éra impracticavel, e de máo conselho, porque havïa grande risco do estado da marulhada, das defezas, e da natureza não favoravel da costa, e da vizinhança de toda a força de que o inimigo podia dispor; a cujo ataque seriamos expostos ao desembarcar, provavelmente, em estado estropeado, e certámente em um não mui activo. A fortaleza de Peniche estáva em poder do inimigo. Concordou-se por tanto, que o ponto mais eligivel, para desembarcar, éra a bahia do Mondego. Pensando que era mais importante expulsar os Francezes de Portugal, ordenou ao Gen. Spencer,

que se embarcasse, com os seus 5.000 homens) e se lhe viesse ajunctar defronte daquella costa. Por esta informaçãõ dos 24 de Junho, tinham os Francezes mais do que 20.000 homens em Portugal. A conta do Almirante fazia-os menos. O Cav. Arthuro Wellesley pensou que elles naõ tinham menos de 16 até 18.000 homens.

Apparece, que o Cav. Wellesley deixou o Almirante defronte do Tejo, aos 27, e se unio aos tranportes defronte do Mondego, aos 30. Abi recebeu noticias do Governo (datadas de 15 de Julho) que lhe tinha preparado um reforço de 5.000 homens commandados pelo Brigadeiro-General Ackland; e effectivamente mais 10.000 homens debaixo das ordens do Cav. Joaõ Moore: que o Cav. Hew Dalrymple devia commandar o exercito; que o Cav. Arthuro Wellesley devia proceder na conformidade das instrucçoens que havãa recebido; isto he, attacar Lisboa se as suas forças fossem sufficientes. Havendo-se rendido o Gen. Dupont, se considerou como certa a chegada do Gen. Spencer, e que tambem chegaria breve o Gen. Ackland. A insurreiçãõ do Alentejo foi uma occurrencia, feliz a este tempo, e o Cav. Arthuro Wellesley recebeu noticia do Secretario de Estado, datada de 15 de Julho, que o Cav. Hew Dalrymple estava nomeado para commandar as forças em Hespanha e Portugal; e o Cav. Harry Burrard, serãa o segundo em commando. E se, entretanto, se lhe unisse algum outro official mais antigo em patente, elle (Wellesley) deveria servir debaixo de suas ordens. Na mesma data o participou o Secretario de Estado ao Cav. Harry Burrard, e que as operaçoens se devãam primeiramente dirigir á submissãõ do Tejo; e, em segundo lugar, á segurança de Cadiz, e destruiçãõ das forças do inimigo na Andaluzia.

Apparece, que o Cav. Arthuro Wellesley teve varias razoens, que o persuadiram, como elle disse em sua narrativa, a desembarcar na bahia do Mondego. Começou o

desembarque no 1 o de Agosto ; porém a marulhada occasionou grandes difficuldades, demaneira que o seu corpo so ficou de todo desembarcado aos 5. Nesse dia chegou o Gen. Spencer, e o seu corpo chegou aos 6 ; e desembarcou aos 7, e 8.

Apparece, que desde o 1 o de Agosto até os 8, quando o todo havia desembarcado, se fôram tomando medidas, para mover immediatamente o exercito na direcção de Lisboa, e pediram-se cavallos, e carruagem. O Cav. Arthur Wellesley armou as tropas Portuguezas, offereceolhes dinheiro para os ajudar a prepar-se para o Campo, o que não aceitáram os seus officiaes Generaes, com quem elle conferio, aos 7, e arranjou um plano de operaçoens, e marcha, o qual, por desejo e commodo delles, se demorou até os 10. Elle tambem deixou para o Tn. General Cav. Harry Burrard, logo que chegasse ao Mondego, informação de sua situaçaõ, intençoens, e outras circumstancias, (e ja tambem lhe tinha deixado a mesma informação nas Berlengas, defronte de Peniche, no caso de que elle tocasse aquelle ponto ; e recommendou um plano de operaçoens para o corpo do Cav. Joaõ Moore, quando elle chegasse, para que obrasse para a parte de Santarem e Tejo. Aos 8 renovou as suas communicaçoens para o Cav. Burrard, deixando-as no Mondego.

Apparece, que por muitas razoens solidas, enumeradas pelo Cav. Wellesley na sua narrativa, e com o auxilio de 6.000 Portuguezes, de cuja cooperaçaõ elle tinha razoens de esperar grandes vantagens, mas no que se achou depois muito enganado ; determinou marchar adiante (sem aguardar pelos esforços, que se esperávam, e de que tinha sido avisado) levando o seu exercito de 13.000 homens (Inglezes) contra um inimigo que elle sabia, não podia exhibir, no campo, maior numero. Marchou adiante para Lisboa, pelo caminho da costa ; por uma, entre outras solidas rasoens, que foi conservar a sua communicaçaõ

com os navios de donde somente poderia obter paõ. Vinho achou elle em todas as aldeas, que o exercito occupava, e o gado para o açougue era fornecido pelos contractadores.

Apparece, que o exercito marchou do Mondego, aos 9, e 10; tendo cavallos, posto que mediocres, para 18 peças de artilheria, para munição grande e pequena, um consideravel provimento de paõ, e um pequeno estabelimento de hospital. A cavallaria constava de 400 homens, incluindo 200 Portuguezes.—Aos 10 e 11 chegou a Leyria.—Aos 13 marchou para Calveria;—aos 14 para Alcobaça, onde recebêram paõ e cevada, que desembarcou em Nazareth.—Aos 15 marchou para as Caldas; e fez halto aos 16, recebendo mais provimentos da Nazareth.

Apparece que até aqui os Portuguezes se movíam na sua esquerda, estendendo-se para o Tejo; mas agora levantáram-se taes difficuldades sobre a subsistencia, e sobre o modo de proceder, que o Cav. Wellesley julgou mais proveitoso, dispensar com a sua cooperação, com a condição de que elles mandaríam 1.600 homens, para ficarem á sua disposição, e aquem elle forneceria paõ: Recomendou taõbem ao seu Gen, como medida de segurança, que ficasse juncto ás Caldas, o que elle fez até depois da Batalha do Vimeiro.—Aos 17 houve uma acção consideravel, juncto a Obidos, com um corpo de 6.000 homens, commandado pelo Gen. Laborde, que se tinha postado nos desfiladeiros, e foi obrigado a retirar-se, com grande perca. Esta, e uma pequena acção antecedente nos custou cerca de 480 homens. O exercito pernitoiu em Villa Verde, e na manhaã do dia 18, soube que havia chegado á costa a Brigada do Gen. Anstruther. Aos 18 marchou o exercito para Lourinhaã, e aos 19 para Vimeiro, onde fez halto aos 20. Neste dia se unio ao exercito a Brigada do Gen. Anstruther, 2.400 homens, e de tarde chegou á Maceira o Tn. Gen. Burrard. Aos 21,

pela manhã cedo, desembarcou, e se ajunctou ao exercito, a Brigada do Gen. Ackland, de 1.750 homens.

Apparece que, quando o Cav. Arthur Wellesley estava em Leyria, tinha o inimigo dous consideraveis corpos avançados, commandados por Laborde e Loison; os quaes (á proporção que elle se movia, com um corpo de Portuguezes á sua esquerda, até Alcobaça) se retiráram para Lisboa, e se ajunctáram a Junot; e este concentrou em Torres Vedras, aos 20, obra de 15 ou 14.000 homens, a 8 milhas de distancia do Vimeiro. Calculando provavelmente, que o tempo pudesse frustrar o desembarque das Brigadas dos Gen. Anstruther e Ackland, que elle podia ter observado que estâvam defronte da costa aos 19, e 20; determinou attacar o exercito do Cav. Arthur Wellesley, na sua posição do Vimeiro, aos 21, antes que se lhe ajunctasse taõ consideravel força. Nesta interpresa falhou completamente o Gen. Junot. Foi o seu ataque repulsado mui valentemente, e com grande perca se vio elle obrigado a retirar-se sobre Torres Vedras, e Cabeça de Monchique, onde cuidou de ajunctar as suas tropas, que haviam sido dispersas. As circumstancias desta honrosa acção, em que nós perdemos 700 homens, fôram publicadas na Gazeta Extraordinaria de 16 de Setembro.

Apparece que o Tn. Gen. Burrard, havendo sido informado, aos 24 de Julho, de que V. M. o tinha nomeado para Segundo, em commando, das forças, que se puséram debaixo das ordens do Gen. Dalrymple; e havendo tambem recebido as instrucçoens necessarias, foi immediatamente para Portsmouth, embarcou aos 27; deo á vella aos 31 no Audacious, juncto com uma frota de transportes, em que ía um corpo de 10.000 homens de Infantaria, commandados pelo Tn. Gen. Cavalleiro João Moore.

Encontrando muitos ventos contrarios, e mau tempo, chegou a frota ao Cabo de Finisterre aos 16 de Agosto; e como lhe fosse recommendado, que, antes de passar

para o Sul do Porto, fosse elle ter a este lugar, ou mandasse outra pessoa, para obter informações, e tornar a encontrar-se com a frota no mar, elle se mudou, com varios officiaes do seu Estado Maior, para a chalupa Brazen, e chegou ao Porto aos 17; soube que o Cav. Wellesley desembarcára no Mondego, e procedêra para o Sul seguindo o camiinho da costa. Aos 18 chegou defronte do Mondego, e ahí achou as cartas do Cav. Arthuro Wellesley, que lhe recommendava fazer desembarcar no Mondego o corpo do Gen. Moore, e marchar para Santarem, para restringir os movimentos do inimigo da quella parte, e lhe dizia mais, que o exercito devia só confiar-se nos transportes para o provimento de paõ, e que naõ podia de forma alguma descansar nos meios do paiz.—A difficuldade de aprestar, e aprovisionar o Corpo do Cav. Joaõ Moore, para uma operação interior, a tal distancia do resto do exercito, e a consideração de que operando assim separadamente, para a parte de Santarem, devia ficar inferior em forças, ao inimigo, se este quizesse arremetter para aquella parte; e naõ podendo saber, depois de o haver indagado, que era feito das 150 mulas, que o Bispo do Porto promettêra; julgou o Cav. Burrard, que pelo presente, devia naõ entrar na operação proposta. O Cavalleiro Henrique Burrard procedeo, no Brazen, para o Sul, e na noite de 19 recebeu noticia da acção de 17 juncto a Obidos. Mandou elle immediatamente o Tn. Coronel Donkin, que fosse ter com o Cav. Moore, e lhe ordenasse desembarcar na bahia do Mondego; e pelos conhecimentos das precedentes cartas do Cav. Wellesley (que lhe transmittio) obrar o que julgasse ser mais proveitoso ao serviço, em seu auxilio. Mandou tambem ao Ten. Coronel que desembarcasse em S. Martinho, e communicasse com o Cav. Wellesley.

Apparece, que o Cav. Joaõ Moore chegou ao Mondego aos 20; principiou a desembarcar; e aos 22 recebeu uma

ordem do Cav. Burrard para tornar a embarcar-se, e proceder para a Maceira ; que chegou á abra deste lugar aos 24, e desembarcou o seu corpo nos dias de 25 até 29, e as diferentes divisoes se uníam ao exercito, á proporção que desembarcávam.

Apparece mais, que na tarde de 20 de Agosto, chegando o Cav. Burrard defronte do desembarcadouro da Maceira, estáva ao ponto de ir para terra, quando o Cav. Wellesley veio abordo, deo-lhe conta do estado das cousas em geral, e concluiu disendo-lhe, que fazia tenção de marchar na manhaã seguinte, ás 5 horas, pelo caminho de Mafra, havendo o inimigo ajunctado as suas forças em Torres Vedras.

Referindo, por menor, as muitas difficuldades, que se haviam de encontrar, taes como a impossibilidade de deixar os navios-transportes de mantimento, e a praia, em distancia consideravel ; o inferior numero de sua cavallaria ; o estado dos cavallos e mulas da sua artilheria e caruagem ; a fortaleza do terreno, por onde tinha de passar, que apresentava muitas difficuldades ; e a pouca confiança, que se podia por na assistencia dos Portuguezes, o Cav. Burrard, em consideração de todas estas circumstancias, decidio, que éra mais vantajoso esperar pelo reforço do Cav. Moore, do que correr o risco de arruinar o grande objecto, ou de sacrificar grande numero de homens, sem o obter completamente. (Nesta determinação diz o Cav. Burrard que se confirmou mais, pelas opinioens do Brigadeiro Gen. Clinton, e Coronel Murray, seus Ajudante e Quatel Mestre General). Por tanto deo elle ordens ao Cav. Wellesley, nesta conformidade ; que o exercito não devia marchar a diante no dia 21, mui especialmente porque ainda se não tinha executado, e éra necessariamente incerto, o desembarque da Brigada de Gen. Ackland.

Apparece, que o Cav. Wellesley voltou para o Vimeiro, e o Cav. Burrard ficou abordo, na noite de 20, para fina-

lizar as suas cartas de officios, que éra necessario mandar pela chalupa Brazen, que vinha de volta. Durante a noite de 20, e manhaã do dia 21, déraõ aviso as nossas patrulhas dos movimentos do inimigo; mas, sendo inferiores em cavallaria, naõ pudéram ir a maior distancia, e as suas noticias éram vagas. Julgando o Cav. Wellesley ser provavel, que se elle naõ atacasse os inimigos, elles o atacariam, preparou-se para os receber na madrugada daquelle dia, assestando as suas peças de 9, e fortalecendo o seu centro, onde esperáva o ataque, pela maneira em que o inimigo dispunha as suas patrulhas. Apareceo o inimigo, em força, primeiramente na nossa esquerda; cerca das oito horas da manhaã, e éra obvio que o seu ataque se dirigiria sobre a nossa esquerda, e sobre a nossa guarda avançada, que estáva adiante do Vimeiro. Mudou-se immediatamente a posiçaõ da maior parte do exercito, por uma extensaõ para a esquerda.—Começou-se a acçaõ, e concludio-se da maneira que circumstanciadamente se refere na Gazeta-Extraordinaria; e terminou em uma victoria honrosa, e gloriosa ás armas Britanicas.

Aparece que o Cav. Harry Burrard, nem teve noticias do Cav. Wellesley, nem communicaçãõ com elle, durante a noite de 20; mas na manhaã do dia 21, cerca das 9 horas, aproximando-se elle á praia, encontrou um official, mandado pelo Cav. Wellesley, com a noticia de que se avistávam grandes corpos do inimigo, movendo-se para a nossa esquerda.—O Cav. Burrard partio direito ao Vimeiro, com tanta pressa, quanta lhe permittio um cavallo naõ bom, por um Caminho escabroso; sendo a distancia duas milhas e meia do lugar de desembarque. Chegou lá antes das 10, a tempo que os corpos avançados (as Brigadas de Anstruther e Fane) estávam soffrendo um vigoroso ataque. Os officiaes, que conduziam o Cav. Burrard, passaram pela aldea, e o trouxéram a ao Cav. Wellesley, e sobre os outeiros por detraz dos lugares, onde a esquerda

do inimigo se havia originariamente postado. Aqui foi elle informado, vio, e approvou os passos havia dado o Cav. Wellesley, para repellir o inimigo, e lhe mandou que procedesse na execuçaõ de uma operaçaõ, que elle havia começado taõ bem, e com tanta felicidade.—A este tempo era evidente que o ataque sobre a aldea, e corpo avançado, naõ havia de ser mantido ; foi completamente repellido, e o inimigo se retirou em grande confusaõ. Naõ fõram os inimigos seguidos pela Infanteria ; porque as tropas recebêram ordens de naõ deixar as suas posiçoens, sem ordem particular do Cav. Wellesley. O destacamento do Regimento 20 de Dragoens ligeiros foi o unico que perseguiu o inimigo, mas encontrando-se com cavallaria superior, foi obrigado a retirar-se com grande perca. Havia ésta ordem sido dada com muito acerto, na consideraçaõ de que o principal erforço do inimigo se faria na nossa esquerda, e sobre este ponto havia entaõ o inimigo acabado de abrir a sua canhonada, e a Brigada do Major Gen. Ferguson, estava ja brigando a descargas distantes de mosquetaria. Como lhe chegassem soccorros avançou, e o inimigo se retirou, abandonando tres peças de artilheria. O Major Gen. Ferguson continuou a avançar ; e, uma milha distante donde tomou a primeira batteria, tomou tambem outra. Finalmente o inimigo fez uma tentativa para tornar a ganhar a sua ultima batteria, mas foi repellido pelos Regimentos 71 e 82, e obrigado a retirar-se com grande perca. Logo despois das 12 cessou o fogo, e da nossa esquerda foi vista pelo Gen. Ferguson a cavallaria do inimigo, em corpos de cerca de 200 homens ; e quasi ao mesmo tempo vio o Gen. Spencer uma linha formada perto de tres milhas na frente do nosso centro.—A meia hora despois das 12 o Cav. Wellesley propoz ao Cav. Burrard que avançasse da sua direita, com tres Brigadas, sobre Torres Vedras, e que, com as outras cinco Brigadas, seguisse o inimigo, que a nossa esquerda tinha derrotado.

Apparece, que a situação do exercito a este momento era—na direita, a Brigada do Major Gen. Hill, que não tinha entrado em acção, estava sobre a altura, por detraz do Vimeiro, na distancia de mais de tres milhas das Brigadas dos Gen. Ferguson, e Nightingale, na esquerda. Em frente do Vimeiro, e no centro estavam as Brigadas dos Gen. Austruther e Fane, que haviam entrado em uma viva acção. As Brigadas dos Brigadeiros Gen. Bowes e Ackland se haviam adiantado sobre as alturas, para a esquerda, mantendo os Gen. Ferguson e Nightingale. A Brigada do Brigadeiro Gen. Craufurd estava destacada um tanto para a retaguarda da esquerda, obra de meia milha do Major Gen. Ferguson, para manter as tropas Portuguezas, que faziam frente nesta direcção.

Apparece, que, não obstante haver o inimigo sido completamente repulsado, com tudo, considerando a extensa posição do exercito a este tempo, e a precaução que se devia ter, contra a superior cavallaria do inimigo, se acha que o grau de presteza, com que se podia começar a marcha, em alcance do inimigo, devia depender de varias circumstancias locais, que so pode apreciar quem se achava na quelle lugar. Esta mesma circumstancia de que a superior cavallaria do inimigo retardava o nosso avanço, faria com que a Infanteria do inimigo continuasse, sem risco, a sua retirada, do modo mais rapido, até que chegasse a algum ponto dado, vantajoso, onde se recobrasse e formasse: nem o Cav. Wellesley, aos 17 de Agosto, quando o inimigo não tinha metade da Cavallaria, que tinha aos 21, perseguiu um exercito, não tão consideravel, e derrotado, com vantagem notavel; porque elle diz. (*Gazeta Extraordinaria.*)

“ O inimigo se retirou com a melhor regularidade, e maior celeridade possivel; e, não obstante o rapido avanço da Infanteria Britanica, a falta de um sufficiente corpo de Cavallaria, foi a causa de que elle soffresse pequena

perca na planicie.”—e em outro lugar,—“ elle conseguiu effectuar a sua retirada, em boa ordem, o que foi devido principalmente á minha falta de cavallaria.”

Pode tambem considerar-se que, como o ataque sobre o nosso centro tinha sido repellido, muito antes que o fosse o da nossa esquerda, os corpos que atacáram, que, como fica observado, não fôram perseguidos senão pelos dragões do Regimento 20, que não excediam a 150 homens, tiveram tempo, por mais de uma hora, de se reorganizar, e occupar tal terreno, que pudesse ao despois facilitar a retirada da sua direita; e o inimigo estava actual e visivelmente formado em uma ou mais linhas, cousa de tres milhas na frente do centro. Destes e de outros justos fundamentos militares, como concede o Cav. Wellesley; da quelles que occurrêram na primeira entrevista do Cav. Burrard com o Cav. Wellesley; da grandissima certeza da immediata chegada do Corpo do Cav. Joaõ Moore, que, se não tivesse parado na bahia do Mondego, estaria na Maceira aos 21, se seguio não approvar o Cav. Burrard, que o exercito avançasse mais na quelle dia, e ordenar ao exercito que marchasse cedo na manhaã seguinte. [Nesta opiniaõ dis o Cav. Burrard que concorrêram o Brigadeiro Gen. Clinton, e o Coronel Murray.] Aos 22 chegou o Cav. Hew Dalrymple, e tomou o commando do exercito.

Apparece, que o Tenente General Cav. Hew Dalrymple, havendo recebido, aos 7 de Agosto, as ordens de V. M. de 15 de Julho para tomar o commando das forças, que se deviam empregar em Portugal e Hespanha, e que o Tn. Gen. Burrard devia ser o segundo em commando, deo á vella de Gibraltar, com o primeiro vento favoravel, aos 13 de Agosto, avistou-se com Lord Collingwood defronte de Cadiz, e aos 19 com o Almirante Cotton defronte do Tejo, de quem recebeu a noticia de haver desembarcado em Portugal o exercito do Cav. Wellesley, e tambem

de que o Brigadeiro Gen. Ackland, com a sua Brigada estáva na costa aguardando occasião de se lhe ajunctar. O Cav. Dalrymple velejou ao longo da costa com intenção de saltar em terra na bahia do Mondego, e ouvindo que tinha succedido a acção do dia 21, e que havia chegado o Cav. Burrard, se determinou a aportar na Maceira, em cuja bahia se achávam os transportes anchorados. Desembarcou elle na bahia da Maceira, cedo na manhã de 22; e partio para o Vimeiro, que distáva dali obra de duas milhas e um quarto; e depois de uma breve conversação com os seus dous predecessores, em commando; cujas instrucçoens éram aquellas porque elle tinha de obrar; ordenou ao exercito que marchasse, cedo na manhã de 23; indubitavelmente o mais depressa que se podia pôr em movimento, depois de sua chegada

Apparece que, nesta situação das cousas, chegou ao Vimeiro o General Francez Kellermann, cerca do meio dia, aos 22, fazendo proposiçoens para *suspensão d'armas*, em ordem a ajustar uma convenção definitiva, para a evacuação de Portugal, pelo exercito Francez. Os Tn. Gen. Burrard, e Wellesley assistíram ao Commandante das forças, nas discussçoens que houve sobre este objecto; e parecendo-lhes, vistas todas as circumstancias, e commandando uma força, que obrava em alliança com o Soberano de Portugal, e combatia no seu paiz (donde não obtinhamos nenhum adjutorio importante) contra um inimigo actualmente de posse da sua Capital, das suas fortalezas, e, n'um ponto de vista militar, do seu Reyno, que seria conveniente, e de bom conselho, fazer uma Convenção ou Capitulação, se se offerecesse occasião, pela qual se expelissem os Francezes de Portugal, com promptidaõ, e honrosamente; concordouse pois em uma cessação d'armas, que devia terminar com a intimação previa de 48 horas. Os artigos principaes de uma convenção ficáram tambem justos, e o Gen. Kellerman voltou para Lisboa, cerca das nove da

noite, com o instrumento que se refere na Gazeta de 16 de Setembro, mas que não se devia considerar como effectivo, sem a concurrencia do Almirante Cav. Carlos Cotton. Cedo na manhã de 23, partio o Tn. Coronel Murray com o proposto convenio, a buscar a concurrencia do Almirante, e voltou na noite de 24, com a resposta do Cav. Carlos Cotton; que elle não podia acceder a isto; mas que entraria em um tratado, com o Almirante Russiano.

Apparece que o Cav. Carlos Cotton, havendo recusado sancionar o artigo Russiano, o commandante das forças concebeo, que estava acabado o armisticio; e determinou mandar o Tn. Coronel Murray, a annunciar a renovação das hostilidades, depois de passadas 48 horas; em ordem aque, se o Gen. Junot quizesse, pudesse tratar sobre os demais artigos como base. Este official tinha o poder de tratar sem demora. Tinha a carta de 25 do Commandante das forças, e certo memorandum do Cav. Arthuro Wellesley, que se exhibio á Meza, pelo qual se mostrava o exacto fundamento sobre que elle devia obrar, bem como os sentimentos do Gen. Kellerman, sobre a questão Russiana.

No dia 27 pela manhã cedo, se recebeu aviso do Gen. Junot e do Tn. Coronel Murray, de que estava em agitação um tratado, e respondeo-se a isto.

Apparece que, quando o Cap. Dalrymple, do Regimento 29, trouxe o proposto tratado (ratificado pelo Gen. Junot) que chegou aos 24 de Agosto ao Quartel Gen. do Ramalhal, todos os Tenentes Generaes (Burrard, Moore, Hope, Frazer, Wellesley) estavam presentes; excepto Lord Paiget (que não fora chamado). Com tudo discutio-se formalmente o proposto tratado. O Cav. Wellesley assentou as minutas das alteraçoes, que se propuseram, quaes se exhibiram a ésta Meza, e o Commandante das forças não teve razão para crer, que o Cav. João Moore, ou outro algum Tn. Gen. que veio com elle, exprimisse alguma desapprovação do estado e termos da negociação. O tratado

com as alteraçõens propostas, foi transmittido ao Tn. Coronel Murray.

Apparece que o tratado concluido pelo Tn. Cor. Murray aos 30, foi trazido por elle a Torres Vedras aos 31, para ser ratificado, convocáram-se os Tn. Generaes, que estávam presentes, e mandou-se chamar o Cav. Wellesley. Não veio o Lord Paget, que estava distante, nem tambem o Cav. Arthur Wellesley, por haver o seu corpo marchado naquella manhaã. Os outros Tn. Generaes (Burrard, Moore, Fraser, e Hope,) viéram á conferencia: approváram-se as alteraçõens, que fez o Tn. Coronel Murray, e foi o tratado, entaõ, ratificado pelo Commandante das forças o Cav. Dalrymple, com a approvaçãõ dos Ten. Generaes presentes. Fôram agora alterados, neste tratado de 30, alguns artigos, que, no tratado de 28, não merecêram a approvaçãõ dos Tn. Generaes; e se inseríram outras boas alteraçõens, que não havíam lembrado antes. A comparaçãõ do tratado de 28, com este que se ratificou, mostrará quaes são estas alteraçõens. O Commandante das forças não chama, nem considéram a estas conferencias dos Tn. Generaes, como Conselhos de guerra regulares. Procurou elle aptoveitar-se dos seus talentos e experiencia, consultando-os nos casos exigentes, e proseguindo as medidas, que elle por si mesmo julgasse mais conducentes ao bem do serviço de S. M., depois de se ter aproveitado da vantagem, que podia tirar de seus raciocinios; e não se lembra de que, no dia 31, houvesse alguma opiniaõ discordante, quanto á ratificaçãõ da Convençaõ.

Apparece que, havendo chegado o Corpo do Cav. Joaõ Moore, á bahia do Mondego, aos 20 de Agosto, principiou a desembarcar, que tornou a embarcar-se, e chegou de frente de bahia da Maceira aos 24; que desde os 25 ate os 29 desembarcou, com grande difficuldade, e successivamente se ajunctáram as tropas ao exercito em Torres Vedras.

[*Continuar-se-ha.*]

## COMMERCIO E ARTES.

---

*Extracto dos jornaes de Londres de 8 de Fevereiro.*

“ **E**M uma assemblea publica, que houve a semana passada, onde se ajunctáram os Negociantes interessados no Commercio do Brazil, o Presidente informou a assemblea, de que tanto aqui, como no Brazil, se tinham obtido varios importantes objectos. Os Directores da Companhia do Mar do Sul liberalmente consentíram, em que os Ministros de S. M., no Rio de Janeiro, concedecem licenças da companhia, para a protecção geral do Commercio da America Meredional. O Ministro abolio, aqui, os direitos, que pagávam os productos Portuguezes, guardados em armazens para exportação. No Brazil concordou-se em uma nova tarifa a qual reduz concideravelmente a avaliação das mercadorias Inglezas, sobre aqual se cobrávam os direitos de alfandega nos portos do Brazil; e entende-se que este regulamento terá um effeito retrogado. Estava em contemplação um systema de metter as fazendas em armazens, que seria arranjado, de maneira semelhante ao nosso: assim como se tratava de outras medidas, para pôr n’um pé mui liberal a communicação commercial com a quelle paiz. Nos estamos persuadidos, que todos estes pontos serñam comprehendidos no tratado, que se diz estar negociando o Lord Strangford com o Principe Regente.”

Alem desta informação, sabe-se, que na quella assemblea se leo uma copia da memoria apresentada, pela parte da Inglaterra, ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, no Brazil, e a resposta deste Ministro, a qual parece ser escripta com mais reserva do que se esperava.

Um tratado de commercio, entre o Brazil, e a Inglaterra, he uma das mais delicadas emprezas, em que pode entrar

a Corte do Brazil; porque o Negociador Braziliense não tem precedentes, que o guiem. Os tratados que existiam entre a Inglaterra, e Portugal, eram fundados nos interesses mutuos da exportação dos artigos Portuguezes, de grande consumo em Inglaterra, taes quaes o vinho, azeite, &c. e na situação politica da quelle pequeno Reyno, que ameaçado constantemente por seus vizinhos, se via obrigado a solicitar a protecção da Inglaterra, ainda á custa de pezados sacrificios. Estas duas razoens cêssam agora; porque os productos principaes do Brazil estão taõ longe de terem grande consumo em Inglaterra, que são nella prohibidos, por causa da competencia em que se acham com as Colonias Britanicas: e quanto á situação Politica, do Brazil, este immenso territorio acha-se de maneira isolado pela natureza; que nenhuma potencia da terra lhe pode metter susto; nem ainda causar prejuizos consideraveis; salvo se for a Inglaterra, embaraçando-lhe o Commercio. Donde se segue que, faltando os dous principios (do interesse mutuo e do temor,) que originaram as principaes estipulaçoens dos tratados de commercio, entre Portugal e Inglaterra, não podem aquelles servir de norma a este tratado do Brazil.

Outra difficuldade, em que se deve achar o Negociador Braziliense, he a impossibilidade de prever a vereda, que tomaraõ os differentes ramos de agricultura, ou de manufacturas do Brazil; principalmente se o tratado tiver de existir em força por muitos annos; porque, supponhamos ser um dos artigos deste tratado a admissaõ do papel de Inglaterra, avaluado a tal preço, e pagando tanto de direito, continuando o tratado em vigor por 20 annos: suppunhamos mais, que antes de cinco annos algum genio inventor descobre alguma substancia vegetal, ou mineral, capaz de fazer papel, estabelece uma fabrica no Brazil; esta fabrica deve ficar desde o seu principio arruinada pela importação do mesmo artigo de Inglaterra, que, segundo o sup-

posto tratado, nem se pode prohibir, nem proporcionar com a fabrica interna; pela addiçaõ de novos direitos da alfandega. Supponhamos outra hypotese (mui provavel) de que varios artigos, que agora se tem de receber da Inglaterra, saõ offerecidos dos Estados Unidos a mais commodo preço: ¿será politico que o Governo Braziliense se constitua agora, na necessidade de não aceitar depois aquella vantajosa offerta?

He logo uma das consideraçoes importantissimas do Negociador Braziliense, a probabilidade, que ha, de que taes, ou taes artigos se possaõ, com o tempo, manufacturar no Brazil, ou importar de paizes d'onde resultem maiores vantagens que da Inglaterra. Até que ponto os homens de *talentos, e sciencia politica*, que passáram com a Corte para o Brazil estaraõ em circumstancias de conhecer a fundo o estado actual da agricultura, e industria do Brazil, não se pertende por hora decidir; mas até aqui he certissimo, que as circumstancias actuaes da industria do Brazil éram mui pouco conhecidas em Portugal; e os productos naturaes do paiz totalmente ignorados; de maneira que por mais talentos e perspicacia, que supponha no Negociador Braziliense, se elle não tiver a mais profunda experiencias produçoens do Brazil, e provavel caminho, que tomaraõ os differentes ramos de industria, arrisca-se seguramente a lançar os grilhoens áquelle paiz, demaneira, que o reduza a uma se não perpetua, ao menos mui duradoira dependencia das naçoens estrangeiras.

Mas he possivel, dir-me-haõ, achar-se entre os *grandes Politicos*, que fõram para o Brazil, um homem, que, conhecendo a fundo o estado actual da quelle paiz, e sabendo conjecturar, com justeza, a provavel vereda, que levará a industria dos Brazilienses, possa comparar os males, que resultam de certas estipulaçoens commerciaes, com o bem que se pode obter das offertas, que Inglaterra fizer para sua compensaçãõ.

A isto diria eu, que he possivel obter de uma nação taes vantagens reciprocas, que se lhe dê a preferencia, a outras naçoens, na importação de certas mercancias; mas o pezar com exacção estas vantagens he ponto de grande difficuldade. Quanto á introducção de productos ou manufacturas estrangeiras, em prejuizo da industria nacional, não ha vantagens, que lhe sejaõ equivalentes.

Quando pois aquelle paragrapho, dos jornaes de Londres, annuncia a diminuição na avaliação dos preços das mercadorias Inglezas, para o fim de se cobrarem os direitos da alfandega, e igualmente diz, que este regulamento terá um effeito retrogrado; isto he que comprehenderá as mercadorias, que de Inglaterra fôram para o Brazil, antes dos mesmos regulamentos; não pode deixar de trazer á lembrança as circumstancias em que ellas daqui sahíram, o estado em que se achavam as propriedades Portuguezas detidas em Inglaterra, e muitas outras observaçoens, que a seu tempo sahirão a publico.

A intelligencia das Ordens, em Conselho, que a Inglaterra promulgou, sobre o Commercio das naçoens neutraes, e que forma uma das queixas do Governo dos Estados Unidos, he de summa importancia, na formação deste tratado de Commercio com o Brazil; porque he certissimo, que duas naçoens podem offerecer uma a outra os mesmos artigos de um tratado, perdendo uma, e ganhando a outra. Por ora baste o que fica dicto, mas logo que o tratado sahir á luz do dia, se lhe fará a sua analyse, com aquella franqueza, e imparcialidade, que se deseja sejaõ characteristics de Correio Braziliense.

A Inglaterra pode, sem duvida offerecer vantajens ao Brazil, que nenhuma nação da terra podería appresentar-lhes. Os Inglezes podem enriquecer-se no Brazil, fazendo felizes os seus habitantes. As sciencias, as artes, a industria, só podem passar ao Brazil da Inglaterra, no estado actual das cousas, e no caso de que os Inglezes trabalhem

por communicar aos Brazilienses aquelles bens reaes, de que elles gozaõ no seu paiz, seja a gratidaõ da quelles povos igual aos beneficios, que receberem ; mas aquelle Ministro, aquelle Negociador, que consente em contractos leoninos, fazendo-se objecto de escarneo de seus contrarios, merece a execraçaõ da sua Patria.

---



---

## MISCELLANEA.

---

*Continuaçaõ da Serie de Buletims do Exercito Francez, na Hespanha.*

*Buletin 21. (sem data.)* OS Inglezes entráram a Hespanha aos 29 de Outubro : durante os mezes de Novembro e Dezembro víram a destruiçaõ do exercito da Galiza, em Espinosa, do exercito da Estremadura em Burgos, e do exercito de reserva em Somo Sierra ; em fim viram a queda de Madrid, sem fazer um só movimento, e sem tentar soccorrer os exercitos Hespanhoes, a quem, com tudo, uma divisaõ das tropas Inglezas seria de mui consideravel adjutorio. No principio de Dezembro se recebeu noticia, de que as columnas do exercito Britanico se retiráram sobre a Coruña, onde se havíam tornar a embarcar. Por noticias ultteriores appareceo ao despois, que tinham feito halto, e aos 16 de Dezembro partiram de Salamanca, em ordem a sahir a campo. Aos 15 ja a cavallaria ligeira tinha marchado de Valladolid. O total do exercito Inglez passou o Douro, e aos 23 chegou á presença do Duque de Dalmatia em Saldanha.—Assim que o Imperador soube, em Madrid, desta inesperada determinação da parte dos Inglezes, marchou, em ordem a cortar-lhes a retirada, e perseguir a sua retaguarda, mas não obstante toda a deligencia, que fizêram as tropas Francezas,

a passagem da montanha de Guadarama, que estava cuberta de neve, a incessante chuva, e a inundaçãõ das torrentes, demorãram a sua marcha dous dias inteiros.—Aos 22 deixou o Imperador Madrid. Aos 23 estava em Tordesillas, e aõs 27 em Medina de Rio-Seco. Aos 24 ao romper do dia principiou o inimigo a mover-se, em order a flanquear a esquerda do Duque de Dalmatia, mas sendo informado, no decurso da manhaã, dos moviimentos, que havãam tido lugar em Madrid, principiou immediatamente a retirar-se, abandonando os Hespanhoes seus adherentes, cujas paixoens tinham inflamado; o resto do exercito de Galiza, que tinha concebido novas esperanças, alguns de seus hospitaes, parte de sua bagagem, e grande numero de extraviados. Elles commetteram grandes devastaçoens, inevitavel resultado de marchas forçadas, e de tropas em retirada: levãram consigo mulas, cavallos, e varios outros effeitos; saqueãram grande numero de Igrejas, e conventos. Na abbadia de Sahagun, que continha 60 frades, e que até aqui tinha sido respeitada pelo exercito Francez, commetteram os Inglezes toda a sorte de depredaçoens. Em toda a parte se viam os padres e frades fugir, assim que elles se approximavam. Esta desordenada conducta exasperou o paiz contra elles, e a sua differença de linguagem, maneiras, e religiaõ, naõ contribuio pouco para ésta disposiçãõ no espirito dos homens. Elles exproboãvam aos Hespanhoes de que ja naõ tivessem um exercito para se unir com o seu, e de terem enganado o Governo Inglez. Os Hespanhoes retorquiãam, que a Hespanha tinha numerosos exercitos, mas que os Inglezes deixãram que elles fossem destruidos, sem ter feito esforço algum para lhe assistir. Durante os 15 dias, que se acabãram de passar, naõ disparãram elles uma só espingarda. Sómente a Cavallaria ligeira tinha dado algumas cutiladas. O Gen. Duresnel, á frente de 400 cavallos ligeiros das guardas, encontrou-se ao fechar da noite, com uma colum-

na de Infantaria Inglesa, na sua marcha, passou á espada um numero de soldados, e levou a desordem até dentro da columna. O General Lefebvre, Disnonettes, Coronel dos Cassadores da guarda, destacádos dous dias antes, com tres esquadroens do seu regimento, havendo tomado uma grande quantidade de bagagem, de mulheres, e extraviados, e achando cortada a ponte do Ezela, imagináram que o lugar de Benevente estáva evacuado. Levados daquella impetuosidade, de que tantas vezes se tem feito reproche aos soldados Francezes, cruzáram o rio a nado, em ordem a seguir para Benevente, onde se encontráram com toda a cavallaria da retaguarda do inimigo; seguio-se uma renhida contenda, de 400 homens, contra 2.000. Não ha resistir a numeros. Aquelles valentes homens tornáram a cruzar o rio. O cavallo do Gen. Lefebvre foi morto por uma balla; e elle recebeo uma ferida, por um tiro de pistola, e achando-se desmontado, foi feito prisioneiro. Fôram tambem tomados dez dos seus caçadores, que se acháram desmontados, cinco morrêram affogados, e 20 ficáram feridos. Esta renhida acção devia convencer aos Ingleses, do que elles deviam temer de taes homens, em uma acção geral. O General Lefebvre indubitavelmente cometteo um erro; mas foi o erro d'um Francez; elle devia ser reprehendido, e remunerado ao mesmo tempo. O numero de inimigos tomados até o presente momento, e que se compoem principalmente de individuos desencaminhados do exercito, monta a 300.—Aos 28 estáva o Quartel General do Imperador em Valderas; o Quartel General do Duque de Dalmatia estáva em Manille; e o do Duque de Elchingen em Villatora. O Imperador ao tempo de sua partida de Madrid nomeoua El' Rey Joseph seu Tenente General, com o commando da guarnição da Capital, juncto com os Corpos do Duque de Dantzic e Belluno, as Divisoens de Cavallaria de Lasalle, Minnaud, e Latour. Maubourg deixou-se para a protecção do centro. O tempo está ex-

cessivamente máo: a um frio penetrante, succedêram continuadas chuvas. Nos soffremos, mas os Inglezes soffrem ainda mais.

◆

*Buletim 22. Benevente, 31 de Dezembro.*

A cavallaria, commandada pelo Duque de Istria, passou o Ezela. Na tarde de 30 atravessou Benevente, e perseguio o inimigo até Puente de la Villana: no mesmo dia se estabelceo o Quartel General em Benevente. Os Inglezes não se satisfizêram com destruir um arco da ponte de Ezela, mais tambem fizêram voar pelos ares os arcobotantes, com minas, damno inteiramente sem proveito, e que só podia fazer mal ao paiz; a retaguarda desmandou-se inteiramente em roubar. Os soldados, no excesso de sua continuada intemperança, soltáram as redeas a toda a licensiosidade de uma ebriedade brutal. No seu comportamento tudo mostrava, que eram mais um exercito hostile, do que um que vinha para assistir uma potencia amiga. O desprezo dos Inglezes, para com os Hespanhoes, fez mais acerba a impressã causada por tantos ultragens. Esta experiencia lançará uma saudavel frieldade sobre éstas insurreiçoens, instigadas por estrangeiros. Não pode deixar de lamentar-se, que os Inglezes não hajam mandado um exercito para a Andaluzia. O exercito, que passou por Benevente á 10 dias, triumphava ja em esperanças; e tendo ja as suas bandeiras ornadas com tropheos, nada podia igualar a audacia, e segurança, que elles manifestávam: quando fãem de volta, tinham a cara tristemente mudada. Estávam opprimidos com a fãtiga, e parecãem curvados pela vergonha de se retirar sem dar uma batalha. Em ordem a anticipar os justos reproches do Hespanhol, o Inglez continua incessantemente a repetir, que se lhe tinha promettido ajunctarem-se-lhe numerosas forças; e os Hespanhoes refutam as suas calumniosas asserçoens por argumentos, que não tem resposta.—Ha dez dias, quando

os Inglezes atravessávam o paiz, sabiam mui bem, que os exercitos Hespanhoes tinham sido destruidos. Os Commissarios, que elles empregávam em acompanhar os exercitos da esquerda, do centro, e da direita, sabiam plenamente bem, que não havia somente 50.000 homens, mas que os Hespanhoes tinham posto em armas 180.000 homens: estes pelejáram, ao mesmo tempo que os Inglezes se deixáram ficar, por seis semanas, tranquilos espectadores de sua luta. Estes commissarios não podiam deixar de ter informado, que os exercitos Hespanhoes tinham deixado de existir: os Inglezes, por tanto, não podiam ignorar que os Hespanhoes estávam sem exercitos.—Ha dez dias, quando elles se tornáram a mover para diante, ebriegados somente com a esperança de illudir a vigilancia do General Francez, cahíram no laço, que o General Francez lhes tinha armado, para os attrahir a campo razo. Antes disto tinham elles ja feito algumas marchas, de volta para os seus navios.

Vos devieis (dizem os Hespanhoes) ter insistido na quella prudente determinação; e senão, devieis trazer uma força, bastante para contrabalançar os destinos dos Francezes. Sobre tudo não deverieis ter avançado ao principio com tanta confiança; para vos retirareis depois com tanta precipitação. Não devieis ter puxado o theatro da guerra para o meio de nos outros, e expor-nos ás dessolaçoens de ambos os exercitos. Depois de trazer sobre nossas cabeças taes accumuláoens de desastres, não devieis imputar-nos a culpa. Nós não temos podido resistir ás tropas Francezas; nem tão pouco vós, parece, que lhe podeis fazer frente. Deixai, portanto, de accusar-nos e de ultrajar-nos—todas as nossas desgraças a vós as devemos.—Os Inglezes espalháram por toda a parte que tinham derrotado 5.000 Francezes de cavallo, nas margens do Ezela, e que o campo de batalha estava cuberto de mortos. Os habitantes de Benavente ficáram muito admirados, visi-

ando o campo; porque so nelle acháram tres Inglezes mortos, e dous Francezes. Aquelle choque de 400 homens, contra 2.000, faz muita honra aos Francezes. Durante todo dia 29, continuou o rio a encher consideravelmente; de maneira que, ao fechar da noite, era impossivel vadeallo. Foi no meio do rio, e ao momento que estáva ao ponto de se afogar, que o General Lefebvre, arrebatado pela corrente, e levado á margem occupada pelos Inglezes, ficou prisioneiro. A perda do inimigo, em mortos e feridos, neste choque de postos avançados, foi muito maior que a dos Francezes. A fugida dos Inglezes foi taõ precipitada, que deixáram nos hospitaes os seus doentes, e feridos; e fôram obrigados a queimar um bello armazem de barracas, e pannos. Matáram todos os cavallos, que não podiam andar de cançados, ou que estáram feridos, e que lhe podiam impedir a retirada. Apenas se pode acreditar quaõ revoltante he para os Hespanhoes, um espectaculo taõ horroroso aos nossos costumes, de centos de cavallos mortos a tiro de pistola. Muitas pessoas ólham para isto como uma especie de sacrificio. Algum rito religioso, que origina, no espirito dos Hespanhoes, uma estranha pintura da religião de Inglaterra. Os Inglezes estaõ-se retirando, com a maior pressa. Todos os Alemaens, que estáram a seu soldo, desértam. O nosso exercito chegará ésta noite a Astorga juncto á fronteira de Galiza.

—♦—

*Buletim 23. Benevente, 1 de Janeiro, de 1809.*

O Duque de Dalmatia chegou á Mancha, aos 30: aqui estava a esquerda do inimigo, e consistia dos Hespanhoes commandados pelo General Romana. O General Franceschi os pôz em derrota; matou-lhes grande numero, tomou dous estandartes, e fez prisioneiros um Coronel, dous Tenentes Coroneis, 50 officiaes, e 1.500 soldados.— Aos 31 entrou o Duque de Dalmatia em Leaõ, onde achou 2.000 doentes. Romana succedeo a Blake no commando

depois da batalha de Espinosa. O restos deste exercito, que, quando estáva defronte de Bilbáo, constáva de 50.000 homens, agora, em Mancilla, está reduzido a quasi 5 000. Estes miseraveis, sem vestidos, e opprimidos de toda a especie de trabalhos, enchem os hospitaes.—Os Inglezes são detestados por éstas tropas, aquem desprezaõ ; e pelos habitantes pacíficos, de quem abusam, e cuja substancia devóram, em ordem a sustentar o seu exercito.—O espirito do povo no Reyno de Leaõ, está muito mudado. Gritam todos altamente pela paz e pelo seu Rey. Amaldiçôam os Inglezes, e as suas enganadoras insinuaçoens. Accusam-nos de ser a causa de se derramar o sangue Hespanhol, em ordem a manter o monopolio Inglez, e perpetuar a guerra do Continente. A perfidia da Inglaterra, e os seus motivos, são agóra obvios até aos mais infimos e ignorantes dos paizanos Hespanhoes. Elles sabem mui bem o que soffrem ; e tem diante dos olhos os authores dos seus soffrimentos.—Entretanto os Inglezes retiram-se com a maior pressa, perseguidos pelo Duque de Istria, com 9.000 de Cavallaria. Entre os petrechos, que queimáram em Benevente, havña, alem das barracas, 4.000 cobertores, e uma grande quantidade de agoardente de cana. Nós apanhamos mais de 200 carrotoens de bagagem e muniçoens, que deixáram na estrada desde Benevente até Astorga. Os dilacerados restos do exercito de Romana atiráram com sigo em Astorga, e augmentáram a confusaõ.—Os successos da expedição Ingleza, na Hespanha, devem fornecer materiaes para, uma linda falla, na abertura do Parlamento Inglez. A nação Ingleza deve ser informada, de que e seu exercito ficou tres mezes em estado de inacção, em quanto estava em seu poder ajudar aos Hespanhoes ; que os seus Capitaens, ou aquelles cujas ordens executavam, tem sido reos de uma extrema loucura, que os exercitos Hespanhoes fôram destruidos ; que, em uma palavra, entraram no novo anno fugindo, perseguidos por um ini-

migo, que se não attrevíam a combater, e pelas maldiçoens daquelles, que incitáram á resistencia, e que éra do seu dever apoiar. Taes interprezas, e taes resultados, só podem pertencer a um paiz, que não tem governo. Fox, ou ainda Pitt, não caniriam em semelhantes erros. Contender contra a França, por terra, quando ella tem cem mil homens de cavallaria, cincoenta mil cavallos para toda a sorte de preparos militares, e novecentos mil homens de infantaria; he, da parte da Inglaterra, levar a loucura á ultima extremidade; mostra ecitamente o desejo de se encher de opprobrio; e he em fim administrar os negocios da Inglaterra do mesmo modo que o Cabinette das Tuillerias desejaria, que elles fossem administrados. Mostra não pequena ignorancia da Hespanha, o ter imaginado, que se podia dar alguma importancia, a uma commoção popular, ou nutrir a menor esperança de que, acendendo na quelle paiz as chamas da sedição, poderia haver uma tal conflagração, que produzisse resultados decididos, ou effeitos de duração consideravel. Alguns poucos de padres fanaticos são sufficientes, para compor ou propagar libellos, e para conduzir uma desordem momentanea, no espirito dos homens; mas he necessario alguma cousa mais, para fazer que a nação se levante em armas. No tempo da revolução Franceza, foi necessario tres annos, e a presença da Convenção, para preparar os meios dos bons successos militares; e quem he que não conhece os riscos aque, isto não obstante, esteve sujeita a França? Ella com tudo manteve-se. Sustentada pela resolução unanime, de tornar a demandar os direitos de que havia sido despojada em tempo de obscuridade. Em Hespanha fôram uns poucos de homens os que movêram o povo, em ordem a conservar a posse exclusiva de direitos, odiosos ao povo. Aquelles que pelejaram pela Inquisição, pelos Franciscanos, e pelos direitos feudaes, podiam ser animados por um ardente zelo dos seus interesses pessoaes; porém ja mais po-

díam infundir em toda a nação, uma firme resolução, e uma opiniaõ permanente. A pezar dos Inglezes, os direitos feudaes, os Franciscanos, e a Inquisiçaõ ja naõ existem na Hespanha.—Despois da tomada de Rosas o Gen. Gouvion St. Cyr dirigio a sua marcha contra Barcelona, á frente do 7<sup>mo</sup> corpo. Dispersou tudo quanto achou diante daquella Praça, e effeitou a sua junçaõ com o Gen. Duhesme. Esta junçaõ elevou o seu exercito a 40.000 homens.—Os Duques de Treviso e Abrantes tomáram todas as obras exteriores de Saragoça. O Gen. de Engenheiros, Lacoste, está preparando os meios de tomar posse desta cidade, sem perca alguma.—El Rey de Hespanha foi para Aranjuez, em ordem a passar revista ao primeiro Corpo, commandado pelo Duque de Belluno.

---

*Buletim 24. Astorga, 2 de Janeiro, 1809.*

O Imperador chegou a Astorga no primeiro de Janeiro. O caminho, de Benevente para Astorga, está cuberto de cavallo mortos, pertencentes aos Inglezes, com carros de viagem, artilheria, caixoes, e muniçoens de guerra. Acharam-se em Astorga armazens de lançoens, cubtores, e instrumentos, e petrechos de gastadores.—Quanto ao exercito de Romana, está reduzido a quasi nada. Os poucos que restam estaõ sem fardas, sapatos, pagamento, ou mantimento, e naõ se podem ja considerar como cousa alguma.—O Imperador encarregou ao Duque de Dalmatia a gloriosa missaõ de perseguir aos Inglezes até o lugar de seu embarque, e de os deitar ao mar com a ponta da espada.—Saberaõ os Inglezes o que he fazer um movimento inconsiderado, na presença do exercito Francez. A maneira, porque elles fõram expulsos dos reynos de Leaõ e Galiza, e a destruiçaõ de uma parte do seu exercito, sem duvida lhes ensinará a ser mais circumspectos nas suas operaçoens sobre o Continente.—Todos os restos das tropas insurgentes dos Hespanhoes, tem estado sem pagamento, por alguns mezes a ésta parte.

*Buletim 25. Benevente, 5 de Janeiro.*

Havendo S. M. recebido noticia, de que o exercito Inglez estáva reduzido a menos de 20.000 homens, resolveo mover o seu quartel general de Astorga para Benevente, onde devia ficar por alguns dias, e dahi procederia a tomar uma posicao central em Valladolid, deixando ao Duque de Dalmatia a tarefa de destruir o exercito Inglez. —Sabendo S. M., que, nos lugares onde se ajunctavam prisioneiros, e onde havia dez Hespanhoes para um Inglez, os Hespanhoes maltratavam, e roubavam aos Inglezes, deo ordens para separar os Hespanhoes dos Inglezes, e observar, a respeito destes, uma especie de tratamento particular. A retaguarda do exercito Inglez esperava, que aceitando batalha em Prievas, poderia habilitar a columna da esquerda, que se compunha principalmente de Hespanhoes, a formar a sua juncao em Villa Franca. Esperavam, tambem, os Inglezes ganhar uma noite, em ordem a evacuar completamente Villa Franca. Nesta Cidade queimaram os Inglezes um grande provimento de farinha e trigo: destruíram varias carretas de artilheria, e mataram 500 cavallos, contamos ja 1.600 mortos nas estradas. O numero dos prisioneiros he consideravel, e se augmenta a cada instante. Nas adegas da cidade se acharam varios soldados Inglezes mortos, que tinham perecido ebriados. A frente da divisao de Merle, que forma parte do corpo do Duque de Dalmatia, se encontrou com a guarda avancada aos tres do mez. A's 4 horas da tarde chegou á retaguarda dos Inglezes, os quaes estavam postados nas alturas de Prievas, uma legua antes de Villa Franca, com uma forza de 5.000 infantes, e 600 de Cavallo, esta posicao era mui boa e difficil de attacar. O Gen. Merle fez as suas disposicoens. A Infantaria avancou, tocou a attacar, e os Inglezes foram inteiramente derrotados. A difficuldade do terreno nao permittio que a cavallaria carregasse; e somente se tomaram 200 prisioneiros. Nos tivemos 50

homens mortos ou feridos. O Gen. Colbert adiantou-se para ver se podia formar a cavallaria; éra chegada a sua hora; bateo-lhe uma bala na cabeça, e não sobreviveo a isto um quarto de hora. Os Inglezes tomáram a direita, e o Hespanhoes a esquerda: marcháram sem ordem; e foram portanto cortados, e cercados pelos caçadores Hanoverianos. Hum General de brigada, e toda a sua divisaõ, depoz as armas.—O quartel-general do Duque de Dalmatia estava, na noite de 4, 10 legoas distante de Lugo. Aos 2 passou S. M. revista, em Astorga, ás Divisões de Laborde e Loison, que fórnam o exercito de Portugal. Estas tropas vem os Inglezes a fugir, e ardem com impaciencia por hir ter com elles.—S. M. deixou como reserva, em Astorga, o Corpo do Duque de Elchingen, que tem tido a sua guarda avançada nos passos da Galiza, e que pode, em caso de necessidade, apoiar o Corpo do Duque de Dalmatia.—Desde os 27 do passado tomamos mais de 10.000 prisioneiros, entre os quaes ha 1.500 Inglezes. Tambem tomamos ja, mais de 400 carros de bagagem, 15 carros de mosquetes, seus petrechos, e hospitaes. Os Inglezes se refêram em desordem, deixando os seus provimentos, doentes, feridos, e equipagem. Elles experimentaraõ ainda maiores percas, e se elles se puderem embarcar, he provavêl que não será sem a perda de metade do seu exercito. Mas, informado de que o exercito estava reduzido a menos de 20.000 homens, resolveo S. M. mudar o quartel-general de Astorga para Benevente. Nos achamos, nos palheiros, varios Inglezes que os Hespanhoes tinham enforcado.—S. M. indignou-se muito com isto, e mandou queimar os palheiros—Os paizanos, qualquer que seja o seu resentimento, não tem direito a attentar ás vidas dos carreiros de nenhum dos exercitos. S. M. ordenou que os prisioneiros Inglezes sejam tratados com todo o respeito devido a soldados, que tem manifestado ideas liberaes, e sentimentos de honra. Aos 4, pela noite,

estava o quartel-general do Duque de Dalmatia a 20 leguas de Lugo. A Divisaõ do Gen. De S. Cyr entrou em Barcelona aos 17. Aos 15 veio ter com as tropas dos Generaes Reding e Vives, em Lieras, e as derrotou completamente. Tomou 6 peças de artilheria, 20 carrotoens, e 3.000 homens.

Recebemos a confirmação da novidade de haver chegado o 7.<sup>mo</sup> Corpo, a Barcelona, commandado pelo General St. Cyr. Entrou aquelle lugar aos 17. Aos 15 se encontrou com as tropas dos Gen. Reding e Vives, e as dispersou completamente. Tomou-lhe 6 peças de artilheria, trinta caixoenes, e 3.000 homens. Por meio da junção do 7.<sup>o</sup> Corpo, com as tropas commandadas pelo Gen. Duhesme, ficamos com um grande exercito em Barcelona. S. M., em Tordesillas, tinha o seu quartel-general nos edificios exteriores do Real convento de S. Clara. Foi para este Convento, que se retirou a Mãe de Carlos V., e aqui faleceo. O Convento de St. Clara foi edificado no lugar, em que havia um Palacio Mouro, de que ainda restam duas sallas bem conservadas. A Abbadessa foi apresentada ao Imperador. Tem ella 75 annos de idade, e ha 65 annos que não tem sahido fóra do claustro. Quando atravessou o liminar da porta soffreo grande commoção; porem conversou com o Imperador com muita presença de espirito, e obteve algumas merces para pessoas suas.

—♦—

*Carta interceptada, do Marquez de la Romana.*

SENHOR! Não teria detido as vossas instruçoens por tanto tempo se o Cav. Joaõ Moore não tivesse voltado tão tarde, para Villa Franca. Chegára este mui fatigado. Entreguei-lhe a vossa carta a que elle não pode responder senão amanhã; porém mandou me que vos informasse, que elle partia amanhã cedo. Ha, em Benevente 2 ou 3000 Francezes de cavallo, que incommódam os nossos extraviados, entre Benevente e Villa Franca. O Gen. Moore vos roga, que posteis um batalhaõ nas alturas sobre o caminho, donde lhe podem fazer fogo sem nenhum risco.—Não ha novidades. Não sabemos cousa alguma dos mo-

mento dos Francezes; e nós continuamos na retirada. Não tenho certeza de que o Cav. Joaõ Moore me permittirá voltar a V. Ex. Neste caso sirva-se V. Ex. receber a expressãõ da minha esperança, de que nos encontraremos, em Londres, em melhores tempos; porque podeis estar seguro, Senhor, que conservo a grata lembrança da vossa bondade, e sou com o maior respeito, &c.

Villa Franca, 2 de Janeiro, 1809.

M. LYMER.

---

*Buletim 26. Valladolid, 7 de Janeiro, 1809.*

Despois que o General Gouvion de S. Cyr entrou em Barcelona, partio para o Lobregat, e forçou o campo intrincheirado do inimigo, tomou-lhe 25 peças de artilheria. Dahi tomou Tarragona, lugar de grande importancia.—As relaçoens annexas dos Generaes Duhesme e St. Cyr, contem as circumstancias dos acontecimentos militares, que tem succedido na Catalunha, até 21 de Dezembro.—Fazem estes grande credito ao Gen. St. Cyr. Tudo quanto se tem feito, em Barcelona, he de louvor para o General Duhesme, que tem mostrado grande talento e firmeza.—As tropas do Reyno de Italia tem-se cuberto de gloria.—O seu excellento comportamento tem sensivelmente tocado o Imperador. Na verdade saõ compostas de corpos organizados por S. M. na campanha do anno quinto. Os homens Italianos, escolhidos, saõ taõ sabios como valentes: não tem dado motivo de queixa, e tem mostrado grande coragem. Desde o tempo dos Romanos, que a gente da Italia não tinha guerreado em Hespanha. E desde os Romanos não ouve outra epocha, taõ gloriosa ás armas Italianas.

O exercito do Reyno de Italia he ja de 80.000 homens, e bons soldados.—Estes saõ os fiadores de que aquelle bello paiz não será mais o theatro da guerra. S. M. mudou o seu quartel-general de Benevente para Valladolid.—Hoje recebeo elle todas as authoridades constituidas.—Dez dos peiores, e da infima classe fôram mortos. Saõ os mes-

mos que assassináram o General Cevallos, e que por tanto tempo oprimíram a melhor sorte de gente.—S. M. ordenou a supressão do Convento de Dominicanos, onde se tinha morto um Francez. O Imperador mostrou a sua satisfação, no convento de S. Penete, cujos frades são homens illuminados, e longe de terem prégado a guerra e a discordia, ou de se terem mostrado avidos de sangue e de assassinios, tem empregado todos os seus cuidados e esforços em acalmar o povo, e reconduzillo á boa ordem. Varios Francezes devem as suas vidas a estes homens religiosos, a quem o Imperador quiz ver ; e, quando soube que eram Benedictinos, cujos membros se tem sempre feito illustres, na literatura e sciencias, tanto em França como na Italia ; condescendeo em exprimir a satisfação, que sentia, devendo-lhes esta obrigação. Em geral o Clero desta Cidade he bom.—Os frades, que são realmente perigosos, são os fanaticos Dominicanos, que tomáram posse da Inquisição, e que, tendo banhado as suas mãos no sangue de um Francez, tivéram a sacrilega covardice, de jurar sobre o Evangelho, que o infeliz homem, que lhes foi pedido, não estava morto, e tinha sido levado para o hospital ; e ao despois confessáram, que, havendo verdade sido morto, o haviam arrojado a um poço, onde effectivamente se achou.—Barbaros e hypocritas, que prégais a intolerancia, e excitais a discordia, e a effusão de sangue, vós não sois Ministros do Evangelho!—Não poderá ja mais reviver o periodo em que a Europa vio, sem indignação, a matança dos protestantes, celebrada com illuminações nas grandes cidades.—As bençãos da tolerancia são os primeiros direitos do homem : he a primeira maxima do Evangelho ; porque he o primeiro attributo da charidade.—Se houve tempo em que alguns falsos mestres da Religião christã pregáram a intolerancia, elles não tinham então em vista o interesse do Ceo, mas o da sua influencia temporal ; desejavam ser poderosos, entre o povo igno-

norante. Quando um frade, um theologo, um bispo, um papa, prega a intolerancia prega a sua propria condemnação ; e se expoem a ser o alvo do riso das naçoens.

O Duque de Dalmatia chegará ésta noite a Lugo. Numerosas columnas de prisioneiros se acham ja em marcha para aquelle lugar. O General Davenoy foi para Toro com 500 de cavallo. Encontrou-se com 2 ou 300 homens, restos da insurreiçaõ, carregou sobre elles, e matou ou tomou a maior parte. O Coronel dos hussares Hollandezes foi ferido no combate.

---

*Buletim 27. Valladolid, 9 de Janeiro.*

O Duque de Dalmatia, depois da batalha de Prievas, marchou a expellir os Inglezes do posto de Piedra Fella. Tomou 1.500 Inglezes, cinco peças de campanha, e varias caixas. Vio-se o inimigo obrigado a destruir grande quantidade de bagagem e provimentos. Os precipicios estão cheios delles. Tal foi a precipitação e confusão da sua fugida, que as Divisoens de Lorge e Lahoussaye acháram, entre a bagagem deserta, carrotoens cheios de ouro e prata ; éra parte do thesouro do exercito Inglez. A propriedade delles, que cahio em nossas mãos, avalua-se em dous milhoens. Aos 4, pela noite, estava a guarda avançada Franceza em Castilho e Nocedo. Aos 5 se encontrou a retaguarda com Pueste e Ferren, ao momento em que hia a fazer voar a ponte ; uma carga de cavallaria fez ésta tentativa inutil. Succedeo o mesmo na ponte de Cruciel. Aos 5, pela noite se achavam as Divisoens de Lorge e Lahoussaye em Constantine, e o inimigo a pouca distancia de Lugo. Aos 6, andava o Duque de Dalmatia em marcha para aquella Cidade. O exercito Inglez soffre consideravelmente, ja não tem nem muniçoens, nem bagagem, e metade da cavallaria Ingleza está desmontada. Desde que partimos de Benevente, até 5 do corrente, temos contado nas estradas 1.800 cavallos Inglezes, que

tem sido mortos.—Os restos do exercito de Romana andam errantes em todas as direcçoens. Os restos dos exercitos de Mayorca, de Ibernica, de Barcelona, e de Napoles, fôram feitos prisioneiros.—O Gen. Maupelet, estando ao lado de Zamora, com a sua brigada de Dragomens, deo com uma columna de 800 homens, carregou sobre elles dispersou-os, e matou ou tomou a maior parte. Os paizanos Hespanhoes da Galiza e Leaõ não tem misericordia com os Inglezes; não obstante as mais estrictas ordens em contrario; todos os dias achamos grande numero de Inglezes assassinados.—O quartel-general do Duque de Elchingen estáva em Villa Franca, nos confins da Galiza e Leaõ. O Duque de Belluno está sobre o Tejo. Toda a guarda imperial está concentrada em Valladolid. As Cidades de Valladolid, de Palencia, de Segovia, Avila, Astorga, Leaõ, &c., tem mandado a El Rey numerosas deputaçoens. A fugida do exercito Inglez, a dispersaõ dos restos dos exercitos de Romana, e Estremadura, e os males, que as tropas dos differentes exercitos infligem ao paiz, reune as provincias á Authoridade Legitima. A cidade de Madrid se tem distinguido em particular.—28.500 chefes de familia tem prestado o juramento de fidelidade sobre o Sanctissimo Sacramento. Os Cidadãos prometteram a S. M. Imperial, que, se elle fosse servido collocar sea irmaõ no throno, elles o serviriam com todos os seus esforços, e o defenderiam com todos os seus meios.

---

*Buletim 28. Valladolid, 13 de Janeiro.*

A parte do thesouro do inimigo, que cahio em nossas mãos chega a 1.800.000 francos. Assevéram os habitantes, que os Inglezes leváram para fôra de oito a dez milhoens. O General Inglez, parecendo-lhe impossivel, que a Infantaria e Artilheria Franceza o tivesse seguido, e ganhado sobre elle certo numero de marchas, particularmente em montanhas taõ difficeis, como são as da Galiza,

pensou que só poderia ser perseguido pela cavallaria, e attiradores. Pelo que tomou a posição de Castro pela sua direita, apoiado sobre o rio Tombago, que passa por Lugo, e não se pode vadear.—O Duque de Dalmatia chegou, aos 6, á presença do inimigo. Empregou os dias 7, e 8, em reconhecer o inimigo, e ajuntar a sua infantaria, e artilheria, que estavam ainda na rétaguarda. Formou o seu plano de ataque. Somente a esquerda do inimigo se podia attacar—manobrou pela esquerda delles. As suas disposições requeriam alguns movimentos no dia 8, estando Duque determinado a attacar no dia 9: mas o inimigo retirou-se de noite; de manhã entrou em Lugo a nossa guarda avançada. Deixou o inimigo no hospital 300 doentes, um parque de 18 peças e 300 carros de munição. Temos feito 700 prisioneiros. A cidade, e suburbios de Lugo estão entulhados de corpos mortos dos cavallos Inglezes. Daqui se vê que acima de 2.500 cavallos fôram mortos nesta retirada. O tempo está horroroso: chove, e neva continuamente. Os Inglezes estão marchando para a Coruña, com grande pressa; ali tem elles 400 transportes. Tem perdido a bagagem, munições, e até uma parte da sua melhor artilheria, e para cima de 3.000 prisioneiros. Aos 10 estava a nossa guarda avançada em Betanzos; a pouca distancia da Coruña. O Duque de Elchingen estava, com o seu Corpo, juncto a Lugo. Calculando os doentes, extraviados, os que tem sido mortos pelos paizanos, e feito prisioneiros pelas nossas tropas, se pode orçar a perda dos Inglezes a um terço do seu exercito. Estão reduzidos a 18.000 homens; e ainda não estão embarcados. De Salagun se retiraram 150 legoas, com mau tempo, peiores caminhos, por montes, e sempre perseguidos de perto com a ponta da espada.—He difficil conceber a loucura do seu plano de campanha. Não se deve attribuir ao Gen. que commanda, e que he um homem habil e entendido; mas áquelle espirito de odio e

raiva, que anima o ministerio Inglez. Puxar a diante, nesta maneira, 30.000 homens, expondo-os á destruição, ou á fugida, como unico recurso, he uma concepção, que somente pode ser inspirada pelo espirito da paixão, ou da mais extravagante presumpção. O Governo Inglez he como o mentiroso da Comedia, que disse a mesma falsidade muitas vezes, que por fim elle mesmo a creou.

Lugo foi roubada e saqueada pelo inimigo.—Nós não podemos imputar estes desastres ao General Inglez; he um effeito usual, e inevitavel de marchas forçadas, e retiradas precipitadas. Os habitantes dos Reynos de Leaõ e Galiza tem horror aos Inglezes. Neste ponto de vista os acontecimentos, que tivéram lugar, são equivalentes a uma grande victoria.—Zamora, cujos habitantes se animáram com a presença dos Inglezes, fechou as portas ao Gen. Maupelet: o Gen. Dorneau procedeo contra ella com 4 batalhoens; escalou a Cidade, e passou á espada os mais criminosos d'entre elles. Galiza he a Provincia de Hespanha, que manifesta a melhor disposição, recebe os Francezes como libertadores, que os tem livrado tanto dos estrangeiros, como da anarchia.—O Bispo de Lugo, e o Clero de toda a Provincia, manifestam os mais sabios sentimentos.—Valladolid prestou o juramento ao Rey José. Seis homens, os cabeças da revolta, e mortandade, fôram condemnados á morte. Sinco fôram executados. O clero pedio o perdaõ do sexto, que he pay de 4 filhos. S. M. commutou a sua sentença, e disse; que desejáva testemunhar, da quelle modo, a sua satisfação do bom comportamento do clero secular de Valladolid em varias occasioens importantes.

---

*Buletim 29. Valladolid, 16 de Janeiro, 1809.*

Aos 10 de Janeiro tinha o Duque de Belluno o seu quartel-general em Aranjuez.—Aqui soube elle que os restos do exercito, que tinha sido batido em Tudela, se haviam re-

unido na vizinhança da Cuenca, depois de serem reforçados com algumas levas de Granada, Valencia, e Murcia. El Rey de Hespanha concebeo a possibilidade de puxar o inimigo para fóra. Com éstas vistas ordenou, que se retirassem, todos os postos, que se tinham avançado para as montanhas de Cuenca, alem de Tarancon e Huete. O exercito Hespanhol seguiu este movimento. Aos 12 estáva postado em Veles. O Duque de Belluno tomou entaó o seu posto em Tarancou e Fuente de Pedronara. Aos 13 marchou a Divisaó de Viillatte directamente contra o inimigo; em quanto o Duque de Belluno, com a Divisaó de Ruffin rodeou por Alcazar. Logo que o Gen. Villatte descobriu os Hespanhoes avançou, e carregou sobre elles, derrotando 12 ou 13.000 homens do inimigo, que immediatamente trabalháram em retirar-se por Cara-cosa sobre Alcazar. O Regimento 9 de Infanteria, o 24 e 96 de linha apresentáram ao inimigo um muro de bayonetas. Os Hespanhoes depuséram as armas. Trezentos officiaes, dous Generaes, sette Coroneis, 20 Tenentes coroneis, e 12.000 homens ficáram prisioneiros. Foi morto um tal Venegos, que commandava estas tropas. O tolo deste exercito prisioneiro, com suas bandeiras, escoltado por tres batalhoens, provavelmente a manhaã (17) fará a sua entrada em Madrid.—Este bom successo faz grandissima honra ao Duque de Belluno, e ao comportamento de suas tropas. O General Villatte manobrou com muita habilidade; e o Gen. Ruffin se distinguio muito; mesino fez o Gen. Lattour. Sopransi, Junior, chefe de esquadraó do Regimento 1 de Dragoens se lançou no meio do inimigo, mostrando singular valentia. Trouxe ao Duque de Belluno 6 bandeiras. O Gen. de Artilheria Senarmont, conduzio-se como sempre tem feito: quando o exercito do inimigo se achou com a retirada cortada, mudou a sua direcçaó. O Gen. Senarmont occupava entaó um passo estreito com a sua artilheria, e o inimigo dirigio a este passo a sua mar-

cha, em ordem a achar uma sahida. A artilheria tinha pequena escolta ; porém os canhoneiros do Grande Exercito não a necessitavam. O Gen. Senarmont pôz as suas peças em um batalhão quadrado, e fez fogo de metralha. A columna do inimigo tornou a mudar de direcção, e voltou para a parte donde tinha vindo, para depor as armas.—O Duque de Belluno louva M. Chateau seu primeiro Adjudante d'ordens. Recommenda tambem o Gen. Semele e os Coronéis Jaimim, Meunier, Mortou, &c. officiaes cujo valor e habilidade tem sido experimentado em mil acçoens.—Na Galiza se continua ainda a perseguir os Inglezes á ponta da espada. Depois de os haver deitado fóra de Lugo, tres partes delles tomáram a direcção da Coruña, a quarta marchou para Vigo, onde tem os transportes O Duque de Dalmatia avançou para a Coruña, e o Duque de Elchingen para Vigo.

Aos 16 deste mez se apresentáram ao Imperador e Rey, em Valladolid, deputaçoes do Conselho de Estado de Hespanha, do conselho das Indias, do Tribunal da Fazenda, do Conselho de Guerra, do Conselho da Marinha, do Conselho das ordens, da Juncta do Commercio, e da Moeda, do Tribunal dos Alcaldes, da Municipalidade de Madrid, do Clero secular e regular, da Ordem da Nobreza, da Corporação maior e menor, dos habitantes das parochias dos differentes bairros de Madrid.

(N. B. Estas Deputaçoes apresentáram memoriaes e fallas, que seraõ depois inseridos nos Documentos Officiaes da Hespanha.)

El Rey José fará a sua entrada em Madrid aos 18 ou 19 desse mez.—Tem-se posto mudas em todo o caminho, até Bayonna. Julga-se que o quartel-general Imperial se mudará instantaneamente.

---

*Buletim 30. Valladolid, 21 de Janeiro.*

O Duque de Dalmatia deixou Betanzos aos 12 do corrente. Chegando ao rio de Mera achou a ponte de Burgo

cortada. Desalojou-se o inimigo da aldea de Burgo. Entretanto subio o Gen. Francheschi pela margem do rio, e cruzou-o na ponte de Sela. Apoderou-se da grande estrada que vai da Coruña para S. Tiago, e fez prisioneiros seis officiaos e 60 soldados. No mesmo dia se aprisionou um corpo de 30 soldados da marinha, que estávam fazendo aguada na bahia juncto a Mera. Da Aldea de Perillo se podia ver a frota Ingleza, na enseada da Coruña. —Aos 12, fez o inimigo voar pelos ares dous armazens de polvora, situados juncto as alturas de S. Margarida, meia legoa distante da Coruña. A explosão foi terrivel, e se sentio na distancia de 3 legoas. Aos 14 se concertou a ponte de Burgo, e pôde passar a artilheria Franceza. O inimigo tomou o seu posto na distancia de duas legoas; meia legoa distante da Coruña. Foi elle visto, empregado com muita actividade em embarcar os seus doentes e feridos, cujo numero, segundo dizem os espias e desertores monta de 3 a 4.000 homens. Entretanto se occupávam os Inglezes em destruir as baterias da costa, e devastar o paiz juncto as praias. O commandante do forte de S. Felipe suspeitando a sorte que se destinava á sua fortificação, recusou admittillos nella.—Na tarde de 14, vimos chegar um novo comboy de 160 velas, entre as quaes havía quatro náos de linha. Na manhã de 15 as Divisoens de Merle e Mermet occuparam as alturas de Villa boa, onde estávam postadas as guardas avançadas do inimigo, fôram éstas atacadas e derrotadas. A nossa ala direita tomou posto onde se encontram os caminhos de Coruña para Lugo, e de Coruña para Santiago. A esquerda estava postada por detraz da aldea de Elvina. O inimigo acampou da outra parte de uns lindos outeiros.—O resto do dia 15 se gastou em fixar uma bateria de doze peças; e foi no dia 16, pelas 3 da tarde, que o Duque de Dalmatia deo ordens para atacar. Fez-se o assalto aos Inglezes

com a primeira brigada da Divisão Mermet, foi o inimigo derrotado e expulsado da aldea de Elvina. O segundo regimento de Infantaria ligeira ficou cuberto de gloria. O Gen. Jardon, á frente dos Volteadores, fez uma terrivel carnagem. O inimigo, sendo expulsado dos seus postos, se retirou para os jardins que estão nos arredores da Coruña. A noite escureceu muito, e por isso foi necessario suspender o ataque. O inimigo aproveitou-se disso para se embarcar com precipitação. Somente 6.000 dos nossos entráram em acção, e se fizéram todos os preparativos para abandonar as posiçoens da noite, e avançar no dia seguinte a um ataque geral. A perca do inimigo foi immensa. Duas das nossas batterias lhe attiráram, durante todo o tempo do combate. Nós contamos no campo de batalha mais de 800 dos seus corpos mortos, entre os quaes estava o corpo do Gen. Hamilton, e os de dous outros officiaes Generaes, cujos nomes não sabemos. Tomamos 30 officiaes, e 300 homens, e 4 peças de artilheria. Os Inglezes deixáram atraz de si mais de 1.500 cavalloos que matáram. A nossa perca sobe a 100 mortos e 150 feridos.—O Coronel do Regimento 47 se distinguiu muito. Um Alferes do Regimento 31 de Infantaria matou, por suas proprias mãos, um official Inglez, que trabalhava por lhe tirar a sua Aguia. O General da Artilheria Bomgeat, e o Coronel Fontenay se assignalaram muito.—No dia 17, ao amanhecer, vimos um comboy Inglez á vella. Aos 18 desapareceu tudo.—O Duque de Dalmatia mandou attirar aos navios uma carronada do forte de Santiago. Varios transportes encalháram na praia, e se aprisionou toda a gente que tinham a bordo. Achamos 3.000 armas Inglezas, no estabelecimento de Palloza; (he este lugar uma grande manufactura, nos suburbios de Coruña, onde os Inglezes havíam estado acampados.)—Aprehendêram-se tambem armazens em que havia grande quantidade de muniçoens, e outros ef-

feitos pertencentes ao exercito inimigo. Acháram-se nos suburbios grande numero de feridos. A opiniaõ dos habitantes do lugar, e dos desertores, he, que o numero dos feridos na batalha excede a 2.500 homens.—Assim terminou a expedição Inglesa, que foi mandada á Hespanha. Abandonáram os Ingleses esta infeliz terra depois de haverem nella fomentado a guerra. Desembarcáram 38.000 homens, e 6.000 cavallos. Tomamos-lhes, segundo os calculos, que se tem feito, 6.500 homens, alem dos doentes. Elles tornáram a embarcar mui pouca bagagem, e mui pouca munição, e poucos cavallos. Temos contado 5.000, que elles deixáram mortos. Os homens, que acháram um refugio a bordo de seus navios, estão cançados e abatidos, Em outra estação do anno nenhum teria escapado. A facilidade de cortar as pontes, a rapidez das torrentes, que no inverno fórmam profundos rios; a pequenhes dos dias, e longura das noites são circumstancias mui favoraveis a a um exercito que se retira. Dos 38.000 homens, que desembarcáram, podemos estar seguros, que apenas 24.000 voltaraõ para a Inglaterra. O exercito de Romana, que, no fim de Dezembro, por meio dos reforços que recebo da Galiza, consistia de 16.000 homens, está reduzido a menos de 5.000, que andam errantes, entre Vigo e Santiago, e são perseguidos de mui perto. O Reyno de Leaõ, a Provincia de Zamora, e toda a Galliza, que os Ingleses desejavam cubrir, estão conquistados, e subjugados.—O General de Divisaõ Laguisse mandou patrulhas para Portugal, que tem la sido mui bem recebidas.—O Gen. Mautpetit entrou em Salamanca, onde encontrou alguns doentes das tropas Inglezas.

---

*Carta interceptada. Santiago, 6 de Janeiro, de 1809.*

Eu supponho, meu charo amigo, que vos sabeis da minha chegada a este lugar; ha 8 dias que aqui estou, com um destacamento, composto de tropas de 7 Regimentos differentes. Nós guardamos os amazens que aqui estão, e esperamos continuar em Santiago por

alguns mezes o que me dara grande prazer. Como eu sou pessoa de alguma consequencia, sempre me tratam pelo Senhor, o Commandante das tropas Inglezas: eu estou bem alojado, e tenho juncto a mim uma agradavel sociedade, cujas commodidades não gostaria de perder. Os Francezes são o povo mais incivil do Mundo. Penso que elles tem mui pouco que comer e beber; e portanto não fazem mais do que incommodar a nossa pobre gente, quando ella se senta a uma boa comida.—A noite passada fui obrigado a levantar-me, por causa de um Dragaõ Hespanhol, que me trouxe cartas da Coruña, nas quaes se me informava, que o nosso exercito chegaria breve a Santiago, e que eu devia conservar-me prompto a marchar com elle para Vigo. Não pude cerrar os olhos em toda a noite, pensando a cada momento, que chegariam as tropas; mas até o presente momento ainda não appareceo nem um homem, e eu começo a pensar, que tudo isto he uma graça desenxabida. Como vos estais mais proximo do theatro da guerra do que eu, ficar-vos-hei muito obrigado se me dereis uma conta verdadeira do presente estado dos negocios. Se ha razã para pensar, que nos tornamos e embarcar e a sermos, para assim o dizer, expelidos do Reyno, sem brigar-mos, faremos uma linda figura! Parece-me que estou ja ouvindo os sarcasmos de Cobet; que não deixará de nos representar como os heroes de Hespanha, empacotados abordo dos seus transportes.—*Assignado*—L. E. THURN.

---

*Buletin* 31. Os Regimentos Inglezes, numerados 42, 50, e 52 fôram inteiramente destruidos na batalha de 16, juncto á Coruña. Não se embarcaram 60 homens de cada um destes corpos. O General em Chefe, Moore, foi morto attentando carregar á frente da sua brigada, com as vistas de restaurar a fortuna do dia. Infructiferos esforços! Estas tropas fôram dispersas, e o seu General morto no meio dellas. O General Baird tambem foi ferido; passou por Coruña, para bordo do seu navio, e não curou a sua ferida senão depois de chegar a bordo: diz-se que elle morreo na dia 19. Depois da batalha de 16, passou-se em Coruña uma horrivel noite. Os Inglezes entraram em confusão e consternação. Havia o exercito Inglez desembarcado mais de 80 peças de artilheria, somente 12 se tornaram a embarcar; o resto ou ficou tomado, ou per-

dido; e por uma relação que se fez, nos achamos de posse de 60 peças de artilheria Inglesa. Alem de dous milhões do thesouro do exercito, que se tomou aos Ingлезes, parece que um thesouro mais consideravel se arrojou entre os rochedos e precipicios, que estão ao longo da estrada de Astorga para a Coruña. Os paizanos e os soldados ajunctáram grande quantidade de prata entre os rochedos. Nos ataques, que houveram durante a retirada, e antes da batalha da Coruña, fôram mortos dous Generaes Ingлезes e tres feridos: entre estes se nomea o Gen. Crawford. Os Ingлезes perdêram tudo quanto constitue um exercito.—Generaes, artilheria, cavallos, bagagem, muniçoens, provimentos. Ao amanhecer do dia 17, estavamos Senhores das alturas, que commandam a estrada da Coruña, e começavam a jogar as baterias sobre o comboy Inglez. O resultado foi, que muitos dos navios não pudéram sahir e fôram tomados na capitulação da Coruña. Taõbem se tomáram 500 cavallos ainda vivos: 16.000 espingardas, e grande quantidade de artilheria de batter, que o inimigo abandonou. Muitos armazens estão cheios de muniçoens que os Ingлезes desejarãam levar com sigo, mas fôram obrigados a deixar. Um armazem de polvora, que contem 200.000 arrateis, ficou todo em nosso poder.—Os Ingлезes, surpreendidos pelo exito da batalha de 16, não tivéram sequer tempo para destruir os seus armazens. Havia 300 feridos no Hospital. Achamos no porto sette navios Ingлезes; tres carregados de cavallos, e quarto com tropas; os quaes não pudéram sahir.—A fortaleza da Corunha he de uma grande extençaõ, e segura contra um golpe de maõ. Por tanto foi impossivel entralla antes de 20, em virtude da capitulação aqui juucta. Achamos na Coruña mais de 200 peças de artilheria Hespanhola. O Consul Francez Foucroy, O General Quesnel, e seu Estado maior; Mr. Bougars, official da artilheria; Mr. Taboureau, Auditor; e 350 soldados e marinheiros Francezes,

que ficáram prisioneiros ou em Portugal, ou a bordo do navio Atlas, fôram aqui libertados. Elles exprimem a sua grande satisfacção da conducta dos Officiaes da marinha Hespanhola. Os Inglezes ganháram por esta expedição o aborrecimento dos Hespanhoes, vergonha, e deshonra. A flor do seu exercito, composto de Escoceses, foi ferida, morta, ou tomada. O General Franceschi entrou em Santiago de Compostella, onde achou alguns armazens; e a guarda Ingleza, que elle tomou. Marchou immediatamente sobre Vigo. Romana parece ter tomado este caminho, com 2.500 homens, que he tudo quanto pôde recolher. A Divisaõ Mermit marchou para o Ferrol. O ar juncto á Coruña está infestado pelos cadaveres de 1.200 cavallos, que os Inglezes matáram nas ruas. O primeiro cuidado do Duque de Dalmatia foi, providenciar o restabelimento da salubridade do ar, igualmente importante aos soldados, que aos habitantes. O Gen. Alzedo, Governador da Coruña, parece que tomou o partido dos Insurgentes por constrangimento, ou força. Elle prestou o juramento de fidelidade a El Rey José, com enthusiasmo. O povo manifestou a alegria, que sentia, vendo-se livre dos Inglezes.

---

*Convenção entre S. Ex. o Marechal Duque de Dalmatia, Commandante em Chefe das tropas de S. M. o Imperador e Rey, na Galiza; e o General D. Antonio Alzedo, Governador Civil e Militar da Coruña.*

ART. 1. A Praça de Coruña, as obras fortificadas, batterias, e postos, que della dependem, artilheria, muniçoens, armazens, cartas, planos, e memorias, serão entregues ás tropas de S. M. o Imperador e Rey Napolcaõ. Para este fim S. Ex. o Marechal Duque de Dalmatia poderá tomar posse da porta, chamada da Torre-baixa, esta noite.

2. A guarnição Hespanhola, que está em Coruña, as pessoas em auctoridade civil, judicial, administrativa, ou de fazenda; o clero, e os habitantes em geral prestarão o juramento de fidelidade, e homenagem a S. M. El Rey de Hespanha e das Indias D. José Napolcaõ.

3. As pessoas, connexas com a administração, civil, judicial, ou das finanças: o Intendente Geral do Reyno de Galiza, e da provincia da Coruña: os Corregidores, Alcaldes e outros funcionarios publicos, conservaraõ provisionalmente os seus empregos, e exercitaraõ as suas funcçoens em nome de S. M. El Rey José Napoleaõ. Todos os actos de administração civil, seraõ feitos em nome de S. dicta M.

4. O militar da guarniçaõ, de qualquer graduacaõ ou emprego que seja, poderá entrar no serviço de S. M. El Rey José Napoleaõ, e lhe será permittido conservar a mesma graduacaõ, depois de haver prestado o costumado juramento de fidelidade, que se prescreve no artigo segundo. Para este fim se fará uma lista dos nomes dos officiaes principaes, e inferiores, e soldados. Esta lista sera certificada por S. Ex. o General D. Antonio Alzedo, Governador de Coruña, a fim de que se possa dar um destino particular aos militares, segundo as ordens de S. Ex. o Minsitro da guerra do Reyno da Hespanha; mas no entanto esperaraõ os militares na Coruña. Os meios de subsistencia, e quarteis, lhes seraõ fornecidos, assim como o saõ ás tropas Francezas. Os officiaes, e pessoas empregadas na marinha Real, que agora se acham na Coruña, ficam incluidos no presente artigo; e devem esperar, na Coruña, as ordens do Ministro de Marinha.

5. Os militares da guarniçaõ de qualquer graduacaõ que sêjam, desejando deixar o serviço, teraõ facultade de retirar-se ás suas respectivas habitaçoens, depois de haver recebido a sua baixa, na forma devida, pela authoridade de S. Ex. o Ministro da guerra, e de prestar o Juramento de fidelidade, que se descreve no artigo segundo.— Aquelles, que recusarem prestar este juramento seraõ considerados prisioneiros de guerra.

6. A propriedade dos habitantes será respeitada, naõ se lhes imporá contribuiçaõ alguma; mas a subsistencia das tropas da guarniçaõ será subministrada pela Provincia. Que os lugares do Culto publico, e o Governo seraõ postos em salva guarda; a Religiaõ será respeitada, e os seus Ministros seraõ protegidos no exercicio de suas funcçoens.

7. A administração das rendas Reaes continuará como até aqui; porém em nome, e para o uso de S. M. El Rey José Napoleaõ; e para este fim todas as authoridades ecclesiasticas e civis, assim como as pessoas empregadas por El Rey, continuaraõ a preencher as suas respectivas funcçoens, e seraõ pagas na conformidade dos seus respectivos salarios.

8. Se alguma pessoa, empregada nos Tribunaes, ou na administração quizer resignar o seu officio; a sua resignação lhe será aceita; e ninguém obstará a tal medida; e se quizer deixar a Cidade com os seus bens e propriedade, ser-lhe-ha permittido fazello, dando-se-lhe segurança, e passaporte para este fim.

9. Os Deputados das Cidades, e todos os outros individuos, chamados para formar parte da Juncta do Reyno de Galiza, poderaõ voltar para suas casas, com as suas equipagens, e propriedade se assim o desejarem fazer; dar-se-lhe-ha uma escolta para sua segurança pessoal, caso o requirem

10. Todos os habitantes do lugar teraõ a liberdade de retirar-se para onde quizerem, com os seus moveis effectos, e tudo quanto lhes pertencer; com tanto que o lugar do seu retiro seja no interior do Reyno.

11. As casas e bens de todas as pessoas, que estaõ auzentes por ordem, licença, negocios, ou outra qualquer cauza, seraõ respeitados: e os proprietarios teraõ liberdade de voltar quando lhes convier.

12. O beneficio geral da amnestia, concedida pelo Imperador e Rey em seu proprio nome, assim como em nome de S. M. El Rey José Napoleaõ, se extenderá á guarnição e habitantes da Coruña, assim como tambem ás pessoas, que occuparem situaçoens publicas. —Pelo que nenhum individuo será perseguido, preso, ou punido, por qualquer parte que possa ter tido, nas perturbaçoens, que agitáram o Reyno; nem por suas fallas, escriptos, acçoens, medidas, resoluçoens, ou ordens, que tenham adoptado ou executado, durante estas commoçoens. —O beneficio da mesma amnestia geral se estenderá a todas as Cidades, villas, e aldeas do Reyno de Galiza, logo que ellas se submetterem, e logo que os habitantes tiverem prestado o juramento de fidelidade a S. M. El Rey José Napoleaõ.

13. As leis, custumes, e vestidos do povo seraõ conservados sem infracção, ou modificação: as leis seraõ as mesmas que existem, ou que ao depois de estabelecerem pela Constituição do Reyno.

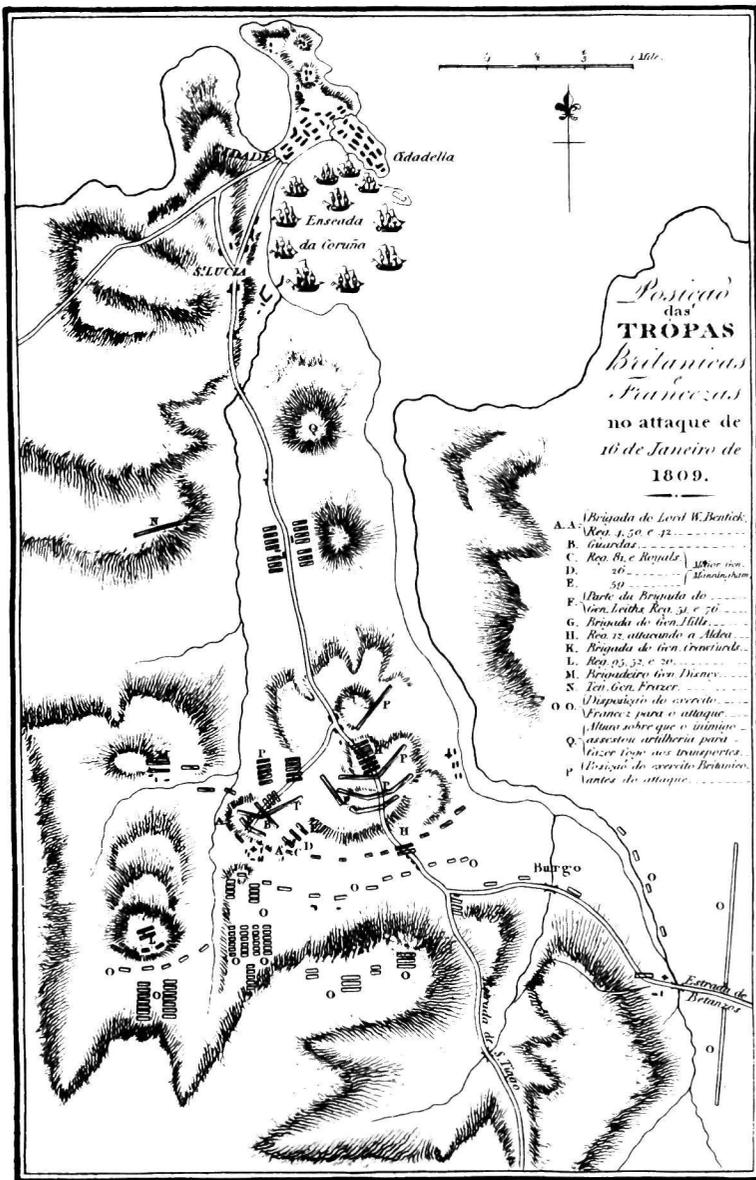
Dado em Coruña, aos 19 dias do mez de Janeiro, de 1809.

(Assignados)

Marechal DUQUE DE DALMATIA.

D. ANTONIO DE ALZEDO.





*Posição*  
das  
**TROPAS**  
*Britânicas*  
*e*  
*Francesas*  
no ataque de  
10 de Janeiro de  
1809.

- A. A. Brigada de Lord W. Bentick.
- B. Regs. 4, 50 e 32.
- C. Regs. 81 e Regale.
- D. 30.
- E. 50.
- F. Parte da Brigada de
- G. Regs. 12 e 20.
- H. Reg. 12 atacando a Aldeia.
- K. Brigada de Gen. Craunford.
- L. Regs. 03, 32 e 20.
- M. Arquebuseiros Gen. Dimes.
- N. Ten. Gen. Fraser.
- O. O.
- P. P.

Disposição do exercito.  
 Muros e para o ataque.  
 Muros sobre que se usavam.  
 Posição da artilheria para  
 fazer fogo aos transportes.  
 Posição do exercito Britânico.  
 Vantagem do ataque.



*Noticias officiaes da Campanha das Tropas Britannicas, na Hespanha; Extracto da Gazeta Extraordinaria da Corte; Londres, 24 de Janeiro, de 1809.*

(Illustradas com um plano da batalha da Coruña.)

Downing Street, 24 de Janeiro, 1809. Chegou aqui, hontem a noite, o Honrado Cap. Hope, com cartas de officio do Tn. Gen. Cav. David Baird, dirigidas ao Lord Visconde de Castlereagh, um dos Principaes Secretarios de Estado de S. M. : a seguinte he copia exacta.

Ville de Paris, no Mar, 18 de Janeiro, 1809.

MY LORD! Pela mui lamentavel morte do Tn. General Cav. Joaõ Moore, que expirou na acção, com o inimigo, no dia 16; se me devolveo a obrigação de informar a V. S. que o exercito Francez atacou as tropas Britannicas, na posição que occupávam em frente da Coruña, cerca das duas horas da tarde naquelle dia. Uma severa ferida, me compellio a deixar o campo de batalha, pouco tempo antes da morte do Cav. Joaõ Moore, e por tanto sou obrigado a refferir-me, quanto ás particularidades da acção, que foi longa, e obstinadamente disputada, á relação do Tn. Gen. Hope, que succedeo no commando do exercito, e a cuja habilidade, e esforços, na direcção do ardente zelo, e inconquistavel valor das tropas de S. M., se deve attribuir, abaixo da Providencia, o bom successo daquelle dia, que terminou na completa e inteira repulsa, e derrota do inimigo, em todos os pontos do ataque.

O Honrado Capitão Gordon, meu Ajudante de Campo terá a honra de apresentar ésta Carta official, e poderá dar a V. S. toda a informação ulterior, que for necessária. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) D. BAIRD, Tn. Gen.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Audacious, ao mar da Coruña, 13 de Janeiro, 1809,

SENHOR! Em obediencia a ordem que se exprimia na vossa carta de hontem, me aproveito do primeiro instante, que tenho a minha disposiçãõ, para vos referir as circumstancias da acçaõ, que succedeo em frente da Coruña a 16 do corrente.—Lembrarvos-heis, que, cerca da uma hora da tarde daquelle dia, o inimigo, que havia recebido reforços no decurso da manhaã, e tinha assestado alguma artilheria em frente da direita e esquerda de sua linha, começou a mover as tropas para o flanco esquerdo; formando varias columnas de ataque, na extremidade de sua posiçãõ, que éra forte, e ficava a cavalleiro; posiçãõ que havia tomado na manhaã de 15, e estava immediata á nossa frente.—Este indicio, de suas intençoens, foi immediatamente seguido pelo rapido e determinado ataque, que fez sobre a vossa Divisaõ, que occupava a direita da nossa posiçãõ. Vos sabeis muito bem os acontecimentos, que occurrêram durante este periodo da acçaõ. O primeiro esforço do inimigo foi rechagado pelo Commandante das forças, e por vós mesmo, á frente do Regimento 42, e da Brigada, que Commandava o Major Gen. Lord Bentinck. A aldeia, que ficava na vossa direita, foi objecto de obstinada peleja.—Sinto muito o dizer, que, logo despois da sevéra ferida, que privou o exercito dos vossos serviços, foi morto, por uma bala de peça, o Tn. Gen. Cav. João Moore; que acabava de ordenar a mais habil disposiçãõ. As tropas, ainda que soubéram desta irreparavel perda, naõ desanimáram com isso; mas antes, com a mais determinada valentia, naõ somente repulsáram todas as tentativas do inimigo, para ganhar terreno, mas actualmente o forçáram a retirar-se; naõ obstante trazer elle novas tropas de refresco, com que sustentar as outras, que originariamente entráram em acçaõ.—Achando-se o inimigo derrotado em todos os ataques, que fez para forçar a direita da nossa posiçãõ, trabalhou pela voltar, a poder de numero

Desfez-lhes porém as suas intenções um movimento judicioso, e tempestivo, feito pelo Major Gen. Paget, com o corpo de reserva, que tinha marchado para fóra dos seus acantonamentos, para sustentar a direita do exercito, com um vigoroso ataque. Havendo o Major Gen. puxado a diante o Regimento 95 (*rifle*), e o primeiro batalhão do Regimento 52, levou os inimigos diante de si; e, nesta rapida e judiciosa avançada, ameaçou a esquerda da posição do inimigo. Esta circumstancia, juncta ao bom posto da Divisão do Tn. Gen. Frazer, (calculado para dar ainda maior segurança á direita da linha) induzio o inimigo a relaxar os seus esforços, nesta parte.—Dirigiram-nos porém, com maior força, para o centro, onde lhes resistio, com bom successo, a Brigada commandada pelo Major Gen. Manningham, que formáva a esquerda da vossa divisão; e uma parte da que commandava o Major Gen. Leith, e formava a direita da Divisão debaixo das minhas ordens. Na esquerda se contentou o inimigo com um ataque sobre os nossos piquetes, que em geral mantiveram o seu terreno. Mas achando que os seus esforços lhe não aproveitavam, nem na direita, nem no centro, pareceo o inimigo mais determinado a fazer o ataque da esquerda mais sério, e conseguiu obter posse da aldeia por onde passa a estrada grande de Madrid, e que estáva situada na frente daquella parte da linha. Assim mesmo foi o inimigo expulsado desta posição em breve tempo, e com perca consideravel, por um valoroso ataque de algumas companhias do segundo Batalhão do Regimento 14, debaixo do commando do Tn. Coronel Nicholls. Antes das 5 horas da tarde tinhamos nos não sômente repellido todos os ataques, que se fizeram á nossa posição; mas ganhado terreno em quasi todos os pontos; e occupado uma linha mais avançada do que a tinhamos no principio da acção, em quanto o inimigo limitava as suas operações a uma canhonada, e ao fogo de suas tropas ligeiras, com

as vistas de retirar os outros corpos. A's seis, cessou inteiramente o fogo. Recolhêram-se as diferentes Brigadas ao terreno, que occupávam de manhã; e os piquetes, e postos avançados tornáram para as suas posiçoens originaes.—Naõ obstante a decidida, e notavel superioridade que a este momento tinham ja ganhado as nossas tropas sobre o inimigo, o qual sem duvida esperava uma victoria facil pelo seu numero, e vantagem da superior situaçaõ, que occupáva. Julguei, comparando todas as circumstancias, que naõ me era licito apartar-me do que eu sabia, que era a antecedente determinaçaõ do defunto Commandante em chefe das forças, que era, retirar o exercito na noite de 16, para o fim de o embarcar; por quanto ja se havíam feito todos os arranjametos, para isto, por ordem do mesmo Commandante; e de facto estávam ja muito adiantados ao principio da acçaõ. As tropas deixáram os seus postos cerca das 10 da noite, com um grão de ordem, que lhes fez muito credido. Havendo retirado toda a artilheria, que restáva por embarcar; as tropas seguiram a ordem que se lhes prescreveo, e marcháram para os seus respectivos pontos de embarque, na cidade, e arredores da Coruña. Os piquetes ficáram nos seus postos até as 5 horas, na manhã de 17; quando se retiráram com semelhantes ordens, e sem que o inimigo desembrisse os seus movimentos.—Pelos constantes esforços dos Cap. H. Curzon, Gosselin, Boys, Rainier, Serret, Hawkins, Digby, Carden, e Mackenzie, da Armada Real; que, em consequencia das ordens do Almirante De Courcy, fõram encarrugados deste serviço de embarcar o exercito; e, em consequencia dos arranjametos, que fez o Commissario Bowen, Capitaens Bowen, e Shepherd, e os outros agentes de transportes; se embarcou todo o exercito, com uma expediçaõ, que raras vezes se tem igualado. A'exceptaõ das Brigadas dos Majores Gen. Hill, e Beresford, que fõram destinadas para ficar, em terra, até que se

manifestassem os movimentos do inimigo, todo o armamento estava no mar antes da luz do dia.—A Brigada do Major Gen. Beresford, que alternadamente formava a nossa retaguarda, occupava o terreno em frente da Cidade da Coruña; e a do Major Gen. Hill estáva postada, em reserva, n'um promontorio na retaguarda da Cidade.—O inimigo puxou a diante as suas tropas ligeiras, movendo-as para a Cidade, logo depois das oito horas da manhã, no dia 17; e pouco depois occupou as alturas de Sta Lucia, que ficam a cavalleiro da enseada. Mas não obstante é a circumstancia, e os muitos defeitos do lugar, não havendo porque temer, que a retaguarda fosse forçada; e parecendo que éra mui boa a disposição dos Hespanhoes a nosso favor; começou a embarcar-se a brigada do Major Gen. Hill, e se completou ás tres da tarde. O Major Gen. Beresford, com aquelle zelo e actividade, que vos he bem conhecido, e manifesto a todo o exercito, explicou ao Governador Hespanhol a natureza do nosso movimento, e havendo feito as suas disposições prévias; retirou o seu Corpo do terreno fronteiro á Cidade, logo que escureceo, e antes da uma hora da manhã se achava embarcado, com todos os doentes que tinham ficado em terra.—As circumstancias não nos permitem esperar, que a victoria, com que a Providencia foi servida coroar os esforços do exercito, possa ter nenhuma consequencia brilhantes para a Gran Bretanha. Está nublada com a perca de seus melhores soldados; obteve-se no fim de um longo e fatigante serviço. O numero superior, e situação vantajosa do inimigo, bem como a actual situação de seu exercito; não admittiam, que pudessemos tirar alguma utilidade do nosso bom successo. Com tudo deve ser para vos, para o exercito, e para a nossa Patria, uma doce reflexão, que se manteve o lustre das armas Britanicas, no meio de tantas circumstancias desvantajosas. O exercito que entrou em Hespanha, com o mais bello prospecto, havia apenas for-

mado a sua junção, quando se vio abandonado aos seus proprios recursos, em consequencia da multidaõ de desastres, que dispersáram os exercitos dos naturaes do Paiz, que nos rodeávam. O avanço do Corpo Britanico desde o Douro, dava as melhores esperanças, de que o Sul da Hespanha seria soccorrido; mas este generoso esforço, para salvar um povo infeliz, deo tambem ao inimigo uma occasião de dirigir todos os esforços de suas numerosas tropas, e concentrar todos os seus principaes recursos, para a destruição da unica força regular, que havia no norte da Hespanha. Vos sabeis muito bem a diligencia, que houve, na execução deste systema. Estas circumstancias produziram a necessidade de marchas rapidas e fatigantes, que diminuïram o numero, exauriram as forças, e deterioráram os aprestos do exercito. Naõ obstante todas estas desvantagens, e outras immediatamente inherentes a uma posição defensiva, que de necessidade haviamos de tomar, por algum tempo, para cubrir a enseada da Coruña; nunca foi mais conspicuo o natural, e indomavel valor das tropas Britanicas; e deve ter excedido, até o que a vossa experiencia daquella preciosa qualidade, taõ inherente a elles, vos devia ter ensinado a esperar.— He-me difficil, fazendo-vos este relatorio, escolher exemplos particulares, para a vossa approvaçãõ; porque todos ás invejas aproveitávam as occasioens, que tinham de se distinguir. Os corpos que entráram principalmente em combate fôram as Brigadas do Major Gen. Lord Bentick, Manningham, e Leith; e a Brigada das Guardas, debaixo das ordens do Major Gen. Warde.— A estes officiaes, e ás tropas debaixo de suas ordens immediatas, he devido certamente o maior louvor. O Major Gen. Hill, e Coronel Cattin Crawford, com as suas Brigadas na esquerda da posição, sustentáram habilmente os seus postos avançados. O forte da acção cahio sobre os Regimentos 4, 42, 50, e 81, com parte da Brigada das

guardas, e do Regimento 28. Eu recebi a mais assignalada assistencia do Tn. Coronel Murray, Quartel Mestre General, e dos Officiaes do Estado Maior General. Tive razão para lamantar, que a molestia do Brigadeiro Gen. Clinton, Ajudante Gen., me privasse do seu adjutorio. Fiquei obrigado ao Brigadeiro Gen. Slade, durante a acção, pela zelosa offerta de seus serviços pessoaes, posto que a cavallaria ja se tivesse embarcado.—He impossivel, nesta occasião, pôr na vossa presença a relação dos mortos, &c ; porque a maior parte da frota sahio hontem a noite para o mar, e toda está a vela; e os differentes corpos necessariamente se haõ de achar mixturados a bordo, em consequencia do embarque. Eu espero que a nossa perca, quanto ao numero, naõ he taõ consideravel, quanto éra para temer; e se eu fosse obrigado a formar uma estimativa, diria, que creio naõ excederem os mortos e feridos a 700 ou 800 homens; a perca do inimigo deve ser desconhecida, porém muitas circumstancias me fazem crer, que foi quasi dobrado o numero. Temos alguns prisioneiros, mas naõ tenho podido saber o numero; mas naõ he consideravel. Morrêram e ficáram feridos varios officiaes de graduacão, entre os quaes, por agora, so posso mencionar os nomes do Tn. Coronel Napier, do Reg. 92, os Majores Napier, e Stanhope, do Reg. 50, que fôram mortos. Dos feridos saõ, o Tn. Coronel Winch, do Regimento 4, o Tn. Cor. Manuel, do 26; o Tn. Cor. Fane, do 59; o Tn. Cor. Griffith, das Guardas; e os Majores Miller, e Williams, do 81.—Conhecendo vós taõbem as excellentes qualidades do Tn. Gen. Cav. Joaõ Moore, naõ preciso eu estender-me sobre a perca, que o exercito, e o seu paiz soffrêram com a sua morte. Esta me privou de um precioso amigo, aquem a longa experiencia do seu merecimento me havia sinceramente affeiçoado: mas he principalmente quanto ao bem publico, que devo lamentar o golpe. Será elle objecto da conversação de todos, que

amaram, ou respeitaram o seu varonil character, que depois de ter conduzido o exercito em uma ardua retirada. com firmeza consumada, terminou uma carreira de distincta honra, em uma morte, que deo ao inimigo novas razoes de respeitar o nome de um soldado Britanico. Como o immortal Wolfe foram os seus ultimos momentos honrados pelo prospecto de um bom successo, e consolados pelas acclamaçoes da victoria. Como Wolfe tambem será para sempre sagrada a sua memoria, na quelle paiz, que elle sinceramente amou, e que taõ fielmente servio. Resta-me somente exprimir a minha esperanza de vos sereis brevemente restabelecido ao serviço de vossa Patria, e lamentar a desgraçada circumstancia, que vos tirou do vosso posto no campo de batalha, e metteo o commando momentaneo, em muito menos habeis maõs.—Tenho a honra de ser, &c. (*Assignado*) JOAÕ HOPE, Tn. Gen. Ao Tn. Gen. Cav. D. Baird, &c.

---

*Resumo das novidades deste Mez.*

Alemanha continua ainda os preparativos de guerra, mas he todavia um mysterio, o tempo, em que se poraõ em actividade: O novo Sultaõ Muhmud Ham, mandou cumprimentar o Imperador d'Austria notificando-lhe a sua accessaõ ao throno, de maneira, que por esta parte naõ tem a Austria que receiar.

*Hespanha.*

A Juncta Central, reside agora em Sevilla, e tem os seus membros divididos em secçoens da maneira seguinte.

*Repartição de Estado.* Vice presidente Marques d'Astorga. Bailie Fr. D. Antonio Valdez. Marques del Villar. D. Pedro Rivero. Conde de Contamina. Marquez de Villel.

*Repartição de Justiça.* O Arcebispo Coadministrador de Sevilla. D. Rodrigo Riquelme. D. Francisco Xavier Caro. D. Gaspar Melchior de Jovellanos.

*Repartição de Guerra.* Marquez de Campo Sagrado. D. Francisco Reboledo de Palafox y Melci. Conde de Tilly. D. Thomaz de Veri. D. José Garcia de la Torre. D. Joaõ de Dios Rabe.

*Repartição da Marinha.* Baraõ de Sabarona. Conde de Ayamans.

Conde de Gimonde. Marquez de la Puebla. D. Lourenço Bonifaz o Quintano. D. Carlos Amatria.

As operações de guerra da Hespanha vão sumamente de vagar, o que prova, alem de toda a duvida, que Buonaparte não tem, neste paiz, uma força adequada ás operações, que he obrigado a emprender- O Marquez de la Romana, com o seu pequeno exercito entrou em Bayonna, juncto a Vigo, e o Duque de Dalmatia ainda se não achou com forças, nem para entrar as rayas de Portugal. Mas quando não houvesse outra prova da fraqueza de suas tropas em Hespanha bastava a moderação, com que tem tratado Madrid, Coruña, e outros lugares. Com tudo, diz-se, que nos fins de Janeiro se coroára em Madrid Jose Buonaparte, como Rey da Hespanha, e das Indias. Porém Aragoão, Catalunha, Murcia, Granada, e Andaluzia ainda não reconheceram a sua authoridade. Entre os emigrantes de distincção, que deixaram Coruña, quando o exercito Inglez se embarcou, ha o Duque de Vera Aguas, descendente de Christovão Colombo.

---

*França.*

Um artigo datado de Paris 28 de Janeiro diz que o Imperador e Rey fôra naquelle dia á Opera onde o recebêram com grandes aclamações. Daqui parece que Buonaparte, de nenhuma maneira satisfeito com o Governo Austriaco, suppoem a sua presença mais necessaria para esta parte, do que na Hespanha, onde julga que a habilidade de seus Generaes completará o que ha para executat. Continua a fazer-se a leva dos conscriptos do anno de 1810, e isto he ainda outra prova, de que os exercitos Francezes não tem gente demaziada, para as suas operações.

---

*Inglaterra.*

A attenção publica acha-se agora aqui inteiramente absorvida com uma inquirição, que se está fazendo no Parlamento, sobre o comportamento do Commandante em Chefe das tropas. Quando se considerá, que ésta grande personagem he, alem de Marechal General do Exercito, o filho segundo do Monarcha, e que não obstante isto nenhuma influencia o livra da jurisdicção das leis, não pode deixar de louvar-se a Constituição Britanica, e dar graças á Providencia, de que ainda exista no Mundo um paiz, onde se respeitam, até este gráo, os direitos do Cidadão. O Principe accusado, bem loage de procurar abrigar-se á sombra de sua influencia, e de sua alta graduação, escreveu ao Parlamento pedindo simplesmente, aquillo que

o mais humilde Inglez tinha o direito de requerer: isto he, que o julgassem por um jurado, ou por seus Pares, no caso de que as insinuaçoens de seus accusadores puzessem em questãõ a sua innocencia, innocencia que elle asseverou, pela sua palavra de honra, como Principe.

D. Pedro Cevallos chegou a Londres aos 18 do corrente, vem no character de Embaixador extraordinario da Juncta Central de Hespanha, a agradecer, á Inglaterra, a generosidade do Governo Inglez, nos soccorros que tem mandado á Hespanha.

O Governo acaba de fazer uma grande promoçaõ de officiaes, que se destinam a Portugal, para organizar os Portuguezes, que tomarem armas em defeza da sua Patria. O General Beresford vai á frente destes officiaes.

---

*Portugal.*

A demora dos Regentes do Reyno em aprestar-se para a guerra, augmentou o desgosto e aversãõ, que a Naçaõ tinha áquelle Governo, e como elles naõ dirigiram immediatamente contra o inimigo o entusiasmo, que se levantou em todas as Provincias do Reyno, seguio-se daqui, que o povo se entrou a governar a si, e a adoptar medidas sem systema, que tem produzido os males inherentes a um estado tal como o actual, em que o povo, desejando obrar, naõ tem quem o guie.

Como eu desejo que as noticias do Correio Braziliense sejaõ o mais certas e authenticas, que a natureza das cousas permittir, abstenho-me de referir, aqui, o muito que poderia dizer, sobre o estado actual de Portugal, fiando-me na authoridade de numerosas cartas particulares, que tenho recebido daquelle paiz, no decurso deste mez: e me limitarei a transcrever um papel authenticico, que mostra indubitavelmente a justeza de minhas observaçoens, sobre o governo da Regencia, ou Governadores do Reyno.

---

*Proclamaçaõ.*

Portuguezes! Aos Governadores do Reino tem sido presentes os escandalosos Excessos, a que se tem entregado alguns de vós, attribuindo-se a Authoridade, que só compete aos Magistrados. Ao mesmo tempo que louvaõ o nobre Patriotismo, que vos anima para a defeza da Patria, Elles se vem obrigados a cohibir os transportes do vosso malentendido zelo. Que saõ ajunctamentos tumul-

tuarios, e prizoens arbitrarías, senão Actos de uma escandalosa Anarquia? Não he para abusardes da força que os Governadores do Reino ordenarão o Armamento do Povo: As vossas Armas devem sómente offender aos Inimigos: No meio de uma Cidade tranquilla he só em auxilio da Justiça que ellas se devem empunhar.

Os Governadores do Reino não ignoraõ os justos motivos, que vos inflammaõ contra uma Nação barbara, e usurpadora. Elles reconhecem nos Francezes os Inimigos da Religiaõ, os Inimigos do Principe Regente nosso Senhor, e os Inimigos da nossa Independencia: Elles não perdem de vista os seus horriveis attentados: Elles observaõ as suas tramas; mas por isso mesmo que tudo isto conhecem, e mais profundamente do que vós, a Elles só pertence determinar o momento, em que deve ser vibrada a Espada da Justiça sobre os Inimigos que hajaõ entre vós. Huma prizaõ intempestiva transtorna muitas vezes o conhecimento de muitos Réos; e quando pensais fazer um serviço ao Estado, pondez em cautéla os Inimigos, e os Traidores.

Quereis imitar os Francezes, que taõ justamente detestais, quando no meio dos seus extravagantes delirios impozeraõ silencio aos Tribunaes, e se constituiraõ arbitros da vida, e honra dos Cidadãos? Quem se não recorda com horror daquelles dias fataes, em que a multidaõ seduzida pelos Jacobinos, profanou os Altares, derribou o Throno, e transtornou a Ordem Social! Pertence só aos Francezes o detestavel Privilegio de commetter tantas atrocidades. Portuguezes; Vivei tranquillos: Os Governadores do Reino são ainda mais interessados, do que vós na puniçaõ dos malvados; os vossos Inimigos são igualmente Inimigos seus, e Inimigos do Soberano, a quem Elles representaõ, e a quem haõ de dar conta da sua Suprema Commissão. A sua Honra, e o seu Dever lhes impõem a sevéra obrigaçaõ de vigiar sobre a segurança des-

te Reino. Elles velaõ constantemente sobre este objecto taõ sagrado; e agora he que elles julgaõ conveniente o separar de vós os Vassallos do Tyranno, em quanto se não proporcionaõ meios de os expulsar deste Reino: Elles tem ordenado as mais promptas medidas, para que os Francezes saiaõ desta Capital para lugar, aonde seraõ observados com a maior exactidaõ por uma Policia sevéra, e os Réos do mais ligeiro Attentado seraõ rigorosamente punidos, como Inimigos do Soberano.

Os Governadores do Reino ao mesmo tempo vos annunciaõ estas providentes medidas, vos impõem o Dever sagrado de obedecer á Lei. A Lei castiga os perturbadores da ordem publica; o Vassallo, que se arroga Poderes, que a Lei lhe nega, attenta contra os Direitos da Soberania; he um Inimigo do seu Principe, he um destruidor da Sociedade Civil. A obediencia ás Authoridades he o mais poderoso Vinculo da Uniaõ Civil: só os vossos Inimigos vos podem ensinar maximas contrarias: fechai os ouvidos a insinuaçoens taõ per perfidas. O Destposta da Europa tem conhedo que a Peninsula não he facil de subjugar; e desconfiando de nos vencer com a força, quer vencer-nos com a intriga. Emissarios corruptos procuraõ semear entre nós as sementes de desconfiança, e servindo-se do vosso mesmo Patriotismo, vos inspiraõ a absurda idéa de vos constituirdes arbitros da Vingança publica. Estes Inimigos saõ mais perigosos, do que aquelles, que armados procuraõ dominar-nos. Faltando a obediencia ás Leis, e o respeito ás Authoridades, cessou a liberadade dos Povos, acabou a nossa Independencia. Este he o projecto dos nossos Inimigos.

Portuguezes! Escutai os Governadores do Reino. Se amais o vosso Principe; se amais a vossa Patria, confiai nas Authoridades. Ellas escutaõ vossas queixas, e elles attendem ás vossas representaçoens: Recorreí a ellas, quando o julgardes necessario. Lisboa, 4 de Fevereiro, de 1809.

*Joaõ Antonio Salter de Mendoga.*

Se no mez de Setembro passado se tivessem mandado para a Hespanha, a pelejar contra os Francezes, todas as pessoas que mostravam enthusiasmo, saõ estariam elles agora empregando, em Lisboa, a sua despresada energia, em causar desordens, e manifestar a confusaõ da anarchia, que os Governadores do Reyuo, nesta Proclamaçaõ, confésam que existe. Um Governo popular he, na minha opiniaõ, o mais bem calculado para sacar a publico os talentos, que ha na naçaõ, e para desenvolver o enthusiasmo, que resulta de se considerarem todos os Cidadãos, em via de ter parte, ou voto, na administraçaõ dos negocios publicos. Mas quando assim fallo, entendo o chamamento de Cortes, e outras instituçoens, que formavam a parte Democratica da excellente Constituiçaõ antiga de Portugal. Naõ quero pois entender, de fõrma alguma, por Governo popular, a entrega da authoridade suprema nas maõs da populaçaõ ignorante; porque isso he o que constitue verdadeiramente a anarchia; e nesta se deve cahir necessariamente todas as vezes, que o vigor e enthusiasmo do povo, excede a energia e talentos dos que governam.

Ninguem, que tem alguma noticia da Historia de Portugal, ignora as calamidades que se seguiram á nomeaçãõ dos Governadores, que ficãram com a Regencia do Reyno, por morte do Cardeal Rey. O povo gritava entãõ, como hoje grita, que o conduzissem á defeza de Reyno. Os Governadores respondiam, que naõ tinham meios, e continuãram na inacçaõ, de maneira que, por falta de preparativos, quando o exercito de Felipe II. chegou a Portugal, a energia do povo só servio de augmentar a confusaõ; porque em fim; o que he a energia de uma multidaõ, sem ter quem a dirija?

Longe de mim está o pensamento, mui longe na verdade, de levar o paralelo destes dous periodos a um ponto, que indique existir nos presentes Governadores, o mesmo criminoso motivo de corrupçaõ, que, segundo attestam os nossos historiadores, foi a causa do mau comportamento dos Regentes, em 1559; mas combinando estes dous casos, tenho sem duvida o direito de dizer, que se os Governadores do Reyno, agora, contiuarem na linha de conducta, que até aqui tem seguido, o resultado hade ser justamente o mesmo, que entãõ foi.

A Legiaõ Lustiana, que se formou no Porto, e he commanda por um Chefe Inglez, está em Ciudad Rodrigo ou suas visinhanças, e naõ desmaiando pela proximidade de um inimigo poderoso, mantem o seu posto. O primeiro choque, que teve nos seus postos avançados, foi uma prova de sua resoluçaõ; e aqui encontrou uma gloriosa morte o Capitaõ Pitaluga.

He por isto que eu tenho dado louvores a Juncta do Porto, que não me sinto authorizado a estender ao Governo em Lisboa, que em vez de fazer marchar para a Hespanha todos os homens, que mostram algum patriotismo, (real ou fingido) se tem occupado a ouvir delações, e impor castigos, que, quando não são com as formalidades das leis, são sempre injustos, e só servem de irritar, contra o Governo, a parte bem pensante da Nação. O artigo da Convenção de Cintra, que estipulava uma amnestia a todos os que haviam sido fautores, ou se bandicaram com os Francezes, só tinha de máo o ser concebido de maneira, que parecia um dictame imperioso de um General Estrangeiro ao Governo do paiz, que elle éra mandado auxiliar; mas quanto ao principio éra certamente muito politico. O Governo de Lisboa deveria conhecer, que os pretendidos patriotas, que andam fazendo o officio de delatores, nesta epocha, assumem este character para se limparem dos erros, em que elles mesmos cahiram. Eu lhes responderia, que marchassem para as fronteiras se éram verdadeiros patriotas, que he melhor pelear com o inimigo, que accusar o concidadao. Punam-se os crimes presentes, e punam-se com rigor, e com as formalidades da lei, não arbitrariamente. Os Francezes, com os seus vexames e tyrannia ensinaram os seus illudidos partidarios, e a maior parte destes tem concebido aos Francezes um odio fortissimo; he pois necessario fazellos pegar em armas, e marchar ás fronteiras; e não fazellos voltar á francomania, por meio de perseguições.

O club, que se ajuncta no Roico, para compor a Gazeta d'Almada, he me mui bem conhecido: os seus coadjuutores e protectores na Policia, &c. &c. Como este artigo não se dirige a personalidades, não nomeio nenhum delles; mas, simples e unicamente, pelo bem da Nação Portugueza, lhes dirijo esta observação, que o reviver crimes passados, de pessoas actualmente indispostas contra os Francezes, traz com siigo muitos males; e se quizerem fazer justiça em nomear a todos os que fautorizáram os Francezes he necessario começar pelos grandes: analizar, por exemplo, a celebre Pastoral do Inquisidor Geral a favor da submissão aos Francezes, &c. &c. mas isto, seguramente, não convem agora; peguem todos em armas contra o inimigo commum; os patriotas constantes, para dar o exemplo, e rematar a sua gloria; os covardes, que aduláram os Francezes, morram na defeza da Patria, para lavar com uma morte honrosa, a sua falta de virtude civica. Não he, com tudo, da minha intenção annular as justas excepções, que esta regras geraes incluem.



*America.*

Do Brazil não se receberam este mez noticias de grande importancia.

*Exaqui um extracto dos jornaes de Londres.* “ Ouvimos que o Governo tem concordado em fazer um emprestimo de 600.000 libras ao Principe Regente de Portugal. O modo de pagamento deve ser em consignaçoes de generos do Brazil aos Agentes Portuguezes aqui, e o producto, depois de convertido em moeda, será entregue no thesouro. A soma de 80.000 libras se adiantou ja, ao tempo da partida da familia de Bragança para o Continente Occidental.”

Eu não sei que credito de a semelhante paragrapho ; porque apenas he crível, que o Soberano do paiz do Ouro pedisse emprestado, a uma nação estrangeira, a insignificantissima soma de 80.000 libras, que dous ou quatro negociantes do paiz lhe adiantariam, logo que o Governo lhes desse sufficiente segurança, de que pagaria punctualmente esta divida. Na verdade a ultima cousa, que o Brazil necessitaria de pedir de fóra, he o ouro : alem de que, um tal emprestimo de uma Nação, que está fazendo um tratado de Commercio com o Brazil, daria razoes para suppor, que havia em contemplaçãõ uma usura, algum tanto alem da legal.

Do Rio da prata se diz alguma cousa, posto que não com tanta clareza, quanta seria necessaria ; mas fazem mençaõ de que Montevideo recusa obedecer a Buenos Aires ; o que he um desgraçado signal da falta de um governo commum, a quem ambos obedêçam. Na verdade he bem para recçar, que, faltando de repente o Governo legitimo da Hespanha, as Colonias Hespanholas, na America, caiam em uma fatal anarchia.

Dos Estados Unidos tem chegado alguns navios, que se escapáram, contra as leis do embargo, que actualmente existe na quelle Paiz ; mas parece que o Governo Americano, não obstante os clamores das cidades maritimas, está resolutto em seguir as medidas, que adoptou, de annihilar antes o seu commercio, do que submeter-se aos Decretos de França, ou as Ordens, em Conselho, da Inglaterra.

## APPENDIX.

## EXPOSIÇÃO

*Das intrigas e machinaçoens, que conduziram para a usurpação da Coroa de Hespanha; e dos meios empregados pelo Imperador dos Francezes, para a por em execução. Publicada por D. Pedro Cevallos, Primeiro Scretario de Estado e o Despacho, de S. M. Catholica Fernando VII.*

[Continuada de p. 537. Vol. I.]

COM tudo, tal éra a falta de confiança publica, e tal éra a magnitude dos males, que disso haviam de resultar, e éram tantos os symptomas da determinação de emigrar, que todos estávam áleria; e todos pareciam convencidos da necessidade de embarçar una medida, que trazia com sigo tantos males. Augmentou o perigo, e com elle os temores do publico. As commoçoens de Aranjuez fóram as consequencias disto, nos dias 17, e 19 de Março, arrebetou como uma explosão repentina; sendo o povo como levado por uma especie de instincto da propria conservaão. O resultado foi a prisão do Valido, o qual, sem o titulo de Rey, tinha exercitado todas as funcçoens da Realeza.

Apenas acontecco ésta tempestuosa scena, quando El Rey e a Raynha, achando-se privados do apoio do Valido, tomáram a inesperada mas voluntaria resolução, que por algum tempo tinhaõ tido, de abdicar o throno, o que consequentemente fizéram, em favor de seu filho, e herdeiro o Principe das Asturias. O Imperador, ignorante deste repentino acontecimento, e talvez naõ tendo nunca pensado, que os Hespanhoes éram capazes de mostrar tal resolução, ordenou ao Principe Murat, que avançasse com o seu exercito para Madrid, com a idea de que a familia Real estivesse ja nas costas, e ao ponto de embarcar-se; e que, longe de encontrar o menor obstaculo da parte do povo, todos o receberiam com os braços abertos, como a seu libertador. e anjo da guarda. Concebeo que a nação estáva

unanimemente descontente com o seu Governo, e nunca reflectio, que elles só estavam descontentes com os abusos, que se tinham introduzido na sua administracção.

Ao momento em que o Gram Duque de Berg soube dos successos de Aranjuez, avançou, com todo o seu exercito, a occupar a Capital do Reyno; com a intençaõ, sem duvida, de se aproveitar da occasiã, e dar aquelles passos, que fossem mais convenientes para realizar, por quaesquer meios, o plano de se fazer senhor da Hespanha. Entretanto, a mysteriosa obscuridade dos projectos do Imperador, a approximaçã de suas tropas, e a ignorancia em que Fernando VII. estava do verdadeiro objecto da chegada de Imperador, fizêram com que El Rey adoptasse taes medidas, quaes S. M. suppos serem as mais proprias para conciliar aboa vontade do Imperador. Naõ satisfeito de ter communicado a sua accessã ao throno, em termos os mais amigaveis, e cordeaes, nomeou El Rey uma deputaçã de tres Grandes de Hespanha, para irem a Bayonna, cumprimentar o Imperador em seu nome. Nomeou tambem outro Grande de Hespanha para fazer um semelhante cumprimento ao Gram Duque de Berg, que ja havia chegado ás vizinhanças de Madrid.

Um dos artificios, que o agente Francez pos immediatamente em practica, foi segurar a El Rey, e espalhar o rumor, de que a chegada de S. M. Imperial se devia esperar todos os momentos. Nesta supposiçã dêram-se as ordens necessarias para se apromptarem no Palacio, accommodaçoes, conformes á dignidade de taõ augusto hospede; e El Rey escreveu outra vez ao Imperador, significando-lhe quaõ agradavel lhe seria conhecer pessoalmente a S. M. e assegurar-llo, com a sua propria boca, de seus ardentes desejos de estreitar mais, e mais a alliança, que subsistia entre os dous Soberanos.

Neste meio tempo havia o Gram Duque de Berg entrado em Madrid à frente de suas tropas; e assim que elle soube do estado dos negocios entrou a semear a discordia. Fallou mysteriosamente da abdicacção da coroa, feita por El Rey Pay, a favor de seu filho, entre o tumulto de Aranjuez, e deo a entender, que em quanto o Imperador naõ reconhecesse a Fernando VII. lhe éra impossivel dar passo algum, que se pudesse julgar um reconhecimento, e que estava na necessidade de naõ tratar se naõ com El Rey Pay.

Este pretexto naõ deixou de produzir o effeito, que o Gram Duque esperava. El Rey e a Raynha, logo que tivêram noticia desta circumstancia, se aproveitãram della para salvar o Valido, que estava prezo, e a cujo favor o Principe Murat mostrava interessar-se, com

o unico fim de lisongear a suas Magestades, mortificando Fernando VII. e semeando de novo discordias entre os Pays, e o filho.

Neste estado das cousas, fez o novo Rey a sua entrada publica em Madrid, sem outro apparato mais do que um numeroso concurso de todos os habitantes da Capital, e seus suburbios, e as mais fortes expressoens de amor, e lealdade, applausos, e acclamaçoens, que se originaram na alegria, e enthusiasmo dos seus subditos, scena ésta verdadeiramente grande, e tocante, em que o novo Rey foi olhado, como pay entre os seus filhos, entrando a sua Capital, como regenerador e aujo tutellar da Monarquia.

O Duque de Berg foi testemunha ocular desta scena ; porém, longe de abandonar o seu plano resolveo persistir nelle com maior ardor. A tentativa feita com El Rey e Raynha produzio o desejado effeito; mas em quanto o amado Rey, que veio ao throno debaixo de taes auspicios, continuava a estar presente, era impossivel pôr o plano em execuçaõ. Era, por tanto, necessario fazer todos os esforços, para remover Fernando VII. de Madrid.

Para obter este fim espalhava o Gram Duque, todos os momentos, rumores de lhe haverem chegado correios, com noticia da sahida do Imperadõr de Paris, e que se devia esperar, com brevidade, naquella Capital. Em primeiro lugar dirigio os seus esforços a persuadir o Infante D. Carlos a que fosse receber S. M. Imperial, na supposiçaõ de que S. A. o encontraria, antes que elle tivesse dous dias de marcha na sua jornada. S. M. accedeo a esta proposiçaõ, influido pelas mais puras e beneficias intençoens. Assim que alcançou fazer partir o Infante, se mostrou desejoso de que El Rey fizesse o mesmo, naõ se esquecendo de meio algum, para persuadir a S. M., que desse este passo, e segurando-lhe, que daquì lhe resultariaõ as mais felizes consequencias para El Rey, e para todo o Reyno.

Ao mesmo tempo que o Gram Duque de Berg, o Embaixador, e todos os mais agentes da França, procediam neste caminho, se empregavam, por outra parte, a obter d'El Rey Pay um protesto formal contra a abdiçaõ da Coroa, que elle tinha feito espontaneamente, e com as solemnidades costumadas, a favor de seu filho, e herdeiro legitimo.

Como se instasse urgentissimamente com S. M. para que fosse ao encontro do Imperador, dolorosamente hesitou entre a necessidade de preencher um acto de cortezia, para com seu alliado, e que lhe seguivam produziria taõ vantajosos resultados; e a repugnancia que

tinha em abandonar o seu leal, e amado povo, em taõ críticas circumstancias.

Nesta embaraçada situaçaõ, posso asseverar, que a minha constante opiniaõ, como Ministro d'El Rey, foi, que S. M. naõ deixasse a Capital até que recebece noticia certa de que o Imperador havia ja chegado á Hespanha, e se approximava de Madrid; e que, mesmo entaõ, devia somente ir a uma taõ pequena distancia, que naõ fosse obrigado a dormir uma so noite fóra da sua Capital.

S. M. persistio, por alguns dias, na resoluçaõ de naõ deixar Madrid, até receber noticia certa de que o Imperador se approximava; e provavelmente teria continuado nesta determinaçaõ, se a chegada do General Savary, naõ tivesse dado maior pezo ás reiteradas solicitaçoens do Gram Duque, e do Embaixador Beauharnois.

O General Savary foi annuciado como Enviado do Imperador, e com este character pedio uma audiencia de S. M., que se lhe concedeo immediatamente. Nesta audiencia elle se portou como vindo mandado pelo Imperador, meramente para cumprimentar a S. M. e para saber se os seus sentimentos a respeito da França éram conformes aos d'El Rey seu Pay, neste caso o Imperador passaria por tudo o que havia acontecido, nem se intrometteria de forma alguma nos negocios internos do Reyno, e reconhecera immediatamente a S. M. como Rey da Hespanha, e das Indias. Deo-se ao General Savary a mais satisfactoria resposta, e a conversaçãõ continuou em termos taõ agradaveis, que naõ havia mais que desejar. A audiencia concluiu com uma segurança de sua parte, que o Imperador havia ja deixado Paris, que se achava juncto a Bayonna, e no seu caminho para Madrid.

Logo que deixou a salla da Audiencia, entrou a ugir fortemente, para que S. M. fosse encontrar-se com o Imperador, asseverando, que ésta attençãõ seria mui agradável e lisongeira a S. M. Imperial, e asseverou taõ repetidas vezes, e em termos taõ positivos, que a chegada do Imperador se devia esperar todos os momentos, que era impossivel deixar de dar credito ás suas asserçoens. Na realidade éra mui arduo suspeitar, que um General, o Enviado de um Imperador, viesse a esta missãõ so com o fim de enganar.

El Rey cedeo por fim a tantas solicitaçoens, e taõ lisongeiras esperanças, e seguridades; e o amor, que tinha a seus vassallos, e o ardente desejo de contribuir para a sua felicidade, pondo fim a esta temivel crise, triumpharam no seu generoso coraçãõ de todos os outros generosos sentimentos de repugnancia e apprehensãõ.

O dia nomeado para a partida de S. M. chegou em fim: o General

Savary, affectando a mais zelosa e assidua attençaõ a S. M., solicitou a honra de o acompanhar na sua jornada, que, ao mais longe, se extenderia até Burgos, segundo a informaçaõ, que havia naquelle momento recebido da chegada do Imperador.

Durante ésta ausencia, que se suppunha ser somente de poucos dias, deixou El Rey, em Madrid, uma Juncta Suprema de Governo, que consistia dos Secretarios de Estado, e era presidida por seu tio, o Serenissimo Infante D. Antonio, em ordem a que se pudesse attender aos negocios urgentes do Governo.

O General Savary seguiu El Rey para Burgos, em diversa carruagem; mas naõ havendo o Imperador la chegado, fez todos os esforços para induzir a S. M. a que continuasse a sua jornada até Vittoria. Houveram algumas alteraçoes sobre o caminho que devia seguir-se; porém o artificio, e perfidia, combatiam com a honra, a innocencia, e a boa fé, e em taõ desigual combate, as mesmas benevolas intençoens, que leváram a sua Magestade da sua Capital, o conduziram para Vittoria.

O General Savary, convencido de que S. M. tinha resolvido naõ passar a diante, continuou a sua jornada até Bayonna, com a intençaõ, sem duvida, de informar ao Imperador de tudo o que se tinha passado, e de obter uma carta delle, que faria determinar-se El Rey, a separar-se do seu povo.

Em Vittoria recebeo S. M. Informaçã de que o Imperador tinha chegado a Bourdeaux, e estava em caminho para Bayonna. Em consequencia desta noticia, o Infante D. Carlos, que tinha estado esperando em Tolosa, continuou para Bayonna, para onde fôra convidado pelo Imperador, o qual porém demorou a sua chegada, por mais alguns dias.

Em Vittoria naõ aconteceu nada de particular, senaõ que a Suprema Juncta de Governo em Madrid, havendo escripto que o Gram Duque de Berg tinha imperiosamente pedido, que se soltasse ao Valido, e se entregasse em suas maõs, S. M. naõ julgou conveniente conceder este favor; e communicando ésta sua determinaçaõ á Juncta de Governo, lhe ordenou, que naõ entrasse em explicaçoens, com o Gram Duque, relativamente ao destino do preso.

(Nota.) Todos sabem que o preso se entregou por fim aos Francezes, que o conduziram a Bayonna com uma escolta. Este passo foi devido inteiramente a uma ordem da Juncta de Governo, que cedeo ás imperiosas circumstancias, e ás ameaças peremptorias do Gram Duque, como se refere mais por extenso no appendix a esta publicaçã.

Entretanto concertou o General Savary, com o Imperador, a maneira em que se deviam preparar, para dar o ultimo golpe; e, em quanto as tropas Francezas, na vizinhança de Vittoria, faziam movimentos suspeitosos, appareceo elle nesta Cidade, com a carta de S. M. o Imperador. (N. 3.)

(No. 3.)

*Carta de S. M. o Imperador dos Francezes, Rey da Italia, e Protector da Confederaçãõ do Rheno.*

MEU PRIMO! Recebi a carta de V. A. R. Vossa Alteza estará ja convencido, pela leitura dos papeis de seu Real Pay, do respeito que a elle sempre tive. V. A. me permittirá, nas presentes circumstancias, explicar-me com franqueza e sinceridade. Eu esperava que, na minha chegada a Madrid, pudesse persuadir ao meu illustre amigo, a que fizesse algumas reformas, necessarias nos seus dominios, que satisfariaõ em grande parte ao sentimento do publico. A demissaõ do Principe da Paz pareceo-me ser indispensavel á sua felicidade, e aos interesses do seu povo. Os acontecimentos do Norte retardáram a minha jornada, e as occurrencias de Aranjuez sobrevieram ao depois. Eu naõ me constituo Juiz dos factos succedidos, nem da conducta do Principe da Paz: porém certamente he bem perigoso, para os Reys, acostumar os seus subditos a derramar sangue, e tomar a si a administracçãõ da justiça, tendo-a em suas mãos. Eu pesso a Deus, que V. A. naõ ache algum dia, que isto he assim como lhe digo. Naõ seria conveniente aos interesses da Hespanha, proceder severámente contra um Principe, que se acha unido a uma Princeza da familia Real, e que por tanto tempo tem governado o Reyno. Elle ja naõ tem amigos; e taõ pouco os acharia V. A. se deixasse de ser feliz. O povo vingá-se de boa vontade da homenagem que nos tributa. Alem disso, como se poderia fazer um processo ao Príncipe da Paz, sem involver El Rey, e a Raynha vossos Reaes Pays? Tal procedimento fomentaria inimizades, e excitaria paixoens sediciosas, cujo resultado seria fatal a Vossa Coroa, V. A. R. naõ tem outro direito a ella, senaõ o que lhe provem de sua mãy. Se esta causa injuria a sua honra della, V. A. R. destroc os seus proprios direitos. Naõ dê V. A. ouvidos a conselheiros fracos, e perfidos. V. A. naõ tem direito a processar o Principe da Paz. Os seus crimes, se alguns se lhe podem imputar, desapparecem, e se submergem nas prerogativas da coroa. Eu tenho frequentemente mostrado o meu desejo, de que o Principe da Paz fosse removido do manejo dos negocios. Se naõ perseverei nas minhas instancias foi por causa da ami-

zade, que eu tinha a El Rey Carlos, e de um desejo de não ver, se fosse possível, a fraqueza de suas afeições. ; Miseravel natureza humana ! imbecilidade, erro, tal he a nossa sorte ! Mas poderá ainda haver alguma accommodação. O Principe da Paz pode ser banido de Hespanha, e eu posso offerecer-lhe um asylo em França.

A respeito da abdicação de Carlos IV. como esse acontecimento succedeo ao momento, em que os meus exercitos estavam em Hespanha, poderia parecer aos olhos da Europa, e da posteridade, que eu tinha mandado todas éstas tropas, meramente com o fim de expulsar do seu throno o meu amigo e alliado. Como um Soberano vizinho, eu devia informar-me de todas as circumstancias, que tem occorrido, antes de reconhecer a sua abdicação. Eu declaro a V. A. R., aos Hespanhoes, e a todo o Mundo, que, se a abdicação d'El Rey Carlos he voluntaria, e não causada pela insurreição, e tumultos de Aranjuez, eu não tenho a menor difficuldade em olhar e reconhecer a V. A. R. como Rey de Hespanha. Estou por tanto mui ancioso de ter alguma conversação com V. A. R. sobre esta materia. A circumspecção, que tenho observado ha um mez a esta parte, deve convencer a V. A. do apoio, que achará em mim, se ja mais acontecer, que facçoens, de qualquer genero que sejaõ, perturbem o vosso throno. Quando El Rey Carlos me informou dos acontecimentos do mez de Outubro passado, esta participação me causou a maior dor. Lisongeo-me de que as minhas representaçoens contribuíram para o feliz exito do negocio do Escorial. V. A. R. não esta inteiramente izento de reproches; disto he prova sufficiente a carta, que V. A. R. me escreveu, e que eu desejaria riscar da memoria. Quando vos foreis Rey, sabereis quam sagrados saõ os direitos do throno. Todo o recurso de um Principe hereditario, a um Soberano estrangeiro, he criminoso.

O casamento de uma Princeza Franceza com V. A. R., convem, na minha opiniaõ, aos interesses de meu povo, e eu mui principalmente o olho como uma circumstancia, que me uniria por novos laços, a uma casa, cuja conducta tenho toda a razaõ para louvar, desde que subi ao throno. V. A. deve temer as consequencias de commoçoens populares; he possível que se assassinem alguns dos soldados dispersos do meu exercito; mas isso sómente produziria a ruina da Hespanha. Eu soube com pesar, que se tem circulado, em Madrid, algumas cartas do Capitão General da Catalunha: e o effeito destas cartas foi produzir alguma irritação. V. A. R. sabe os mais internos sentimentos do coração e vos sabeis, que a minha attenção se occupa em varios pontos, que requerem uma decisão final; mas podeis estar certo, que em todo o caso, eu me conduzirei a respeito da vossa pessoa, do mesmo modo que o

tenho feito a respeito d'El Rey vosso Pay. Pesso a V. A. R. que se persuada dos meus vehementes desejos de concluir tudo felizmente, e de achar occasioens, em que vos dê todas as provas da minha estimaçãõ e affecto. Meu primo, rogo a Deus, que vos tenha em sua alta e sancta guarda.

*Bayonna, de April 16, de 1803.*

NAPOLEAÕ.

---

O conthcudo desta carta, que naõ era nem lisongeira nem decorosa, foi acompanhado por vehementes protestaçoens do General Savary, do grande interesse que o Imperador tomava, na felicidade de S. M. e da Hespanha, de maneira, que chegou ao ponto de dizer; Eu soffrerei que me cortem a cabeça, se dentro de um quarto de hora depois, de V. M. ter chegado a Bayonna, o Imperador vos naõ tem reconhecido Rey de Hespanha, e das Indias. Para continuar a ser coherente, he provavel, que elle principie por dar-vos o titulo de Alteza, pórem em cinco minutos vos dará o de Magestade, e em tres dias tudo estará aranjado, e V. M. pode voltar para a Hespanha immediatamente.

S. M., porém, hesitou a respeito do caminho, que devia tomar; mas desejando remir o penhor, que havia dado; e sobre tudo tirar aos seus amados vassallos da anxiedade cruel em que estávam, banio de seu coração toda a apprehençãõ de perigo, cerrou os ouvidos aos meus conselhos e aos de outras pessoas de sua comitiva; assim como ás supplicas daquella leal Cidade, e determinou ir a Bayonna. O seu Real espirito éra incapaz de suspeitar, que um Soberano seu alliado o convidasse, como hospede, para o fim de o fazer prisioneiro, e de dar fim a uma dynastia, que taõ longe estáva de o haver offendido, que lhe deo cabaes provas de amizade.

Apenas S. M. pizou em territorio Francez, quando observou, que naõ veio ninguem a recebello, até que chegou a S. Joaõ de Luz. O Mayoral da terra appareceo acompanhado da Municipalidade. Parou a carruagem, e elle se dirigio a S. M. com as mais vivas expressoens da alegria, que sentia tendo a honra de ser o primeiro a receber um Rey, que éra o amigo, e alliado da França. Pouco depois veio a seu encontro uma Deputaçãõ dos tres Grandes de Hespanha, que tinham sido mandados a cumprimentar o Imperador; e a sua representaçãõ, a respeito das intençoens do Imperador, naõ foi a mais lisongeira. Com tudo estáva ja mui perto de Bayonna, para pensar em alterar o caminho; e por tanto continuou em sua jornada.

Aqui sahio fóra, a ter com El Rey, o Principe de Neufchatel, e Duroc, Marechal do Palacio, com um destacamento da Guarda de

Honra, que os Cidadãos de Bayonna formáram, para servir ao Imperador, e convidáram a S. M. para que entrasse em Bayonna, onde se lhe havia preparado um lugar para sua residencia. Esta residencia pareceo a todos, e éra na realidade, mui pouco decente á dignidade do augusto hospede, que tinha de a occupar. Esta notavel, e expressa negligencia formou um contraste singular, com a estudada magnificencia, que El Rey empregou nas preparaçoens em Madrid, para a recepção de seu alliado.

S. M. duvidava dos motivos de uma recepção tão inesperada, quando foi informado de que o Imperador vinha fazer-lhe uma vizita. Chegou S. M. Imperial, acompanhado por grande numero de seus Generaes. El Rey foi abaixo á porta da rua, para o receber, e os monarchas ambos se abraçaram, com todos os signaes de amizade, e afeição. O Imperador demorou-se muito pouco tempo com S. M., e ao despedir-se se tornáram a abraçar.

Logo depois veio o Marechal Duroc convidar a El Rey, para jantar com S. M. Imperial, cujas carruagens tinham vindo, para levar a S. M. ao Palacio de Marac: o que assim se executou. O Imperador veio fóra até o estribo do coche, para receber a S. M. e o tornou a abraçar, e o condasio pela mão á camara, que lhe estava destinada.

Apenas El Rey entrou nesta residencia quando o General Savary foi ter com S. M. e o informou, de que o Imperador tinha irrevogavelmente determinado, que a dynastia de Bourbon não reynasse mais em Hespanha, e que seria succedida pela sua, e que por tanto S. M. Imperial requeria, que El Rey, em seu nome, e de toda a sua familia, renunciasse á coroa de Hespanha, e das Indias, a favor da dynastia de Buonaparte.

Seria difficil descrever a admiração, que encheo o espirito de S. M. e a consternação, que tal proposição causou, em todos os que ficavam mais perto de sua pessoa. S. M. não tinha ainda descançado das fadigas de uma penosa jornada, quando o mesmo homem, que lhe fez tantos protestos de segurança em Madrid, e no caminho, e o tinha tirado da sua Capital, e do seu Reyno, para o conduzir a Bayonna, com o pretexto de ajustar negocios da maior importancia, para ambos os Estados, e de ser reconhecido por S. M. Imperial, teve o atrevimento de ser o mensageiro de tão escandalósa proposição.

No seguinte dia, me mandou chamar o Imperador ao seu Palacio Real, onde achei o Ministro dos Negocios Estrangeiros, Mr. Champagny, esperando para entrar em discussão sobre a proposição verbal, feita pelo General Savary. Eu queixei-me instantaneamente da perfidia, com que tão importante negocio tinha sido conduzido, representando,

que El Rey meu amo viera para Bayonna confiado nas seguranças que lhe déra o General Savary, em nome do Imperador, e na presença dos Duques do Infantado e S. Carlos, D. Joaõ Escoiquiz, e na minha presença ; que S. M. Imperial o reconheceria na primeira entrevista, que houvesse entre os dous Soberanos, no Palacio Imperial de Marac ; que, quando S. M. esperava ver realizada esta promessa do reconhecimento, foi surpreendido com as proposições mencionadas ; e que S. M. me havia authorizado a protestar contra a violencia feita á sua pessoa, e se lhe não permittir que voltasse para a Hespanha ; e como resposta final, e cathgorica ás sollicitações do Imperador, que El Rey não queria, nem podia renunciar á sua Coroa, a favor de outra dynastia, sem faltar aos seus deveres para com seus subditos, e para com o seu mesmo character ; que elle não podia tal fazer em prejuizo dos individuos de sua familia, que éram chamados á successão, pelas leis fundamentaes do Reyno ; e muito menos podia consentir no estabelecimento de outra dynastia, que somente devia ser chamada ao throno pela nação Hespanhola, em virtude do seu direito primitivo de eleger outra familia, no caso de extincção da presente dynastia. O Ministro dos Negocios Estrangeiros insistio na necessidade da renancia, que se havia proposto, e argumentou, que a abdicacão assignada por Carlos IV, aos 19 de Março, não tinha sido voluntaria.

Eu lhe expuz a minha admiracão, de que El Rey fosse assim importunado a renunciar á sua Coroa, ao mesmo tempo, que se asseverava, que a renuncia de seu Pay não era um acto livre. Com tudo, mostrei, que desejava não entendesse isto, como se eu entrasse em discussão, pois eu não podia reconhecer, no Imperador, a menor authoridade de se intrometter em materias, que éram puramente domesticas, e pertenciam peculiarmente ao Governo Hespanhol ; seguindo a este respeito o exemplo do Gabinete de Paris, quando regeitou, por inadmissiveis as representações de S. M. Pay, a favor de seu alliado, e Primo-irmaõ Luiz XVI.

Mas desejando testemunhar, como devia, a favor da verdade, e da innocencia, acrescentei, que tres semanas antes dos disturbios de Aranjuez, Carlos IV. em minha presença, e de todos os outros Ministros de Estado, se dirigio a S. M. a Raynha, nestas paavras : “ Maria Luiza, nós nos retiraremos para uma das Provincias, onde passaremos os nossos dias em tranquillidade ; e Fernando, que he moço, tomará sobre si o pezo do Governo.” Eu lhe representei, que aos 17, 18, e 19 não se fez violencia alguma a S. M. para extorquir a abdicacão de sua Coroa, nem da parte do Povo, que se tinha levantado puramente pela apprehensão de que S. M. hia a mudar-se para Sevilha, e dahi para a

America ; nem da parte de seu Filho, o Príncipe das Asturias, nem da parte de pessoa alguma : que destes factos os Ministros do Corpo Diplomatico, assim como as pessoas que viviam juncto á Corte, estãvam plenamente convencidos ; visto que todos elles dêram os parabens, e cumprimentãram o novo Soberano, á excépção do Embaixador Francez, que pretextou que naõ tinha a este respeito as instrucçoens necessarias, despresando o exemplo de seus collegas, que igualmente naõ tinham instrucçoens das suas respectivas Cortes.

Conclui provando-lhe, que a Renuncia d' El Rey Pay foi somente uma consequencia da predilecção, que S. M. tinha á tranquilidade da vida particular, e persuasão em que estãva, de que sua constituição, enfraquecida pela idade, e indisposição habitual, éra incompetente para supportar o peso do Governo.

Havendo desfeito esta indifferente objecção ; disse M, Champagny, que o Imperador ja mais podia estar seguro da Hespanha, no caso de uma nova guerra com as Potencias do Norte ; em quanto a Nação Hespanhola continuasse a ser governada por uma dynastia, que devia sentir o ver o seu ramo mais velho expulso da Monarchia de França.

Eu respondi, que n'um systema regular das cousas, preoccupaçoes naõ deviam prevalecer aos interesses dos Estados, e que a conducta politica de Carlos IV., desde o tratado de Basilea, dava uma nova prova de que os Soberanos attendiam pouco aos interesses de familia, quando estes se achãvam em opposição com os interesses dos seus dominios ; que a amizade entre Hespanha e França era fundada em consideraçoes politicas, e locaes, que a situação topographica dos dous Reynos demonstrãva quam importante éra á Hespanha conservar a boa intelligencia com França, o unico Estado, no Continente da Europa com quem tinha relaçoens directas, e extensas, e consequentemente, que todas as razoens de politica induziam a Hespanha, a manter uma paz perpetua com a França. Alem disso, que motivos de suspeita tinha o Imperador a respeito de uma Nação, que ás consideraçoes do interesse, une a inflexivel, e religiosa integridade com que, em todos os periodos, tem mantido o systema federativo, mesmo pela confissão dos escriptores Francezes ?

Accrescentei a isto, que havia razoens, naõ menos importantes, pelas quaes França naõ devia arriscar a harmonia, que continuava desde o tratado de Basilea, com igual vantagem della, e da Hespanha ; que se a Nação Hespanhola, cuja generosidade, e affeição pelo seu Soberano, até passãvam em proverbio, por um principio de fidelidade se haviam submettido aos caprixos do despotismo, em quanto vinham cubertos com o veo da Magestade, com tudo, pela operação do mesmo

principio, havia exhibir o seu bem conhecido valor, quando visse violadas a sua independencia, e a segurança de seu amado Soberano; que se infelizmente a França commettesse um tão atroz insulto, a quella Potencia perderia um alliado, cujos exercitos, marinha, e thesouros tinham, em grande parte, contribuido para os seus triumphos: que a Inglaterra, que em vão havia tentado abalar a boa fé do Gabinete Hespanhol, para o fim de o separar da França, se aproveitaria de tal conjunctura para diminuir a força de seu inimigo, e augmentar a sua, pelas relações pacificas com uma Potencia, que ella assistiria com dinheiro, e com as suas forças de mar, e terra, na gloriosa empreza de deffender a nossa independencia, e a segurança de nosso Rey e natural Senhor. Que as fracas colonias da França, nesse caso, não achariam as frotas de Hespanha empregadas em obstruir os planos de conquista, que entretem a Gram Bretanha, e que o commercio da quella Potencia deve inevitavelmente entrar em competencia, no mercado Hespanhol, com as mercadorias Francezas, que são agora peculiarmente favorecidas.

Alem destas considerações, que tem uma relação directa com ambos os Estados, eu me extendi em outras não menos urgentes, e ligadas com o character do Gabinete Francez. Lembrei ao Ministro, que a 27 de Outubro passado, se havia assignado um tratado em Fontainebleau, em que o Imperador garantia a independencia e integridade da Monarchia Hespanhola, assim como ella então era; que nada havia occorrido depois disto, que pudesse justificar a sua infracção; pelo contrario, que Hespanha tinha continuado a estabelecer novos direitos á confiança e gratidão do Imperio Francez, como S. M. Imperial tinha confessado, pelos louvores, que fez á boa fe, e constante amizade de seu intimo e primeiro alliado.

Que confidencia pode a Europa fazer, ascescentei eu, nos tratados que ajustar com a França, vendo a perfidia com que se violou o de 27 de Outubro? E qual será o seu temor, vendo os capciosos meios, os seductores artificios, e as falsas promessas, porque S. M. Imperial prendeo El Rey na Cidade de Bayonna, em ordem a despojallo da Coroa a que, com indisivel alegria do seu povo, tinha sido chamado, pelas leis fundamentaes do Reyno, e pela abdicação espontanea de seu augusto Pay. A posteridade não aereeditarã, que o Imperador ferisse tão fortemente a sua propria reputação, cuja perda lhe não deixará outros meios de concluir a guerra com elle, senão uma total destruição e exterminação.

Era este o estado da discussão, quando o Imperador, que ouviu a nossa conferencia, nos ordenou, que entrassemos para o seu Gabinete,

adonde, com grande admiração minha, fui insultado por S. M. Imperial, com o infame nome de traidor, sem outro motivo mais do que o ter sido Ministro de Carlos IV. e continuar a servir seu filho Fernando VII. Também me accusou, de haver mantido, em uma conferencia official com o General Alontion, que meu amo, para ser Rey de Hespanha, não precisava o reconhecimento do Imperador, ainda que o pudesse precisar para continuar as suas relações com o Governo Francez.

S. M. Imperial manifestou ainda maior irritação, por ter eu dicto a um Ministro Estrangeiro, acreditado na Corte de Hespanha, que se o exercito Francez fizesse alguma violencia á integridade, e independencia da Soberania Hespanhola, 300.000 homens o convenceriam, de que uma Nação Valente e generosa se não insulta impunemente.

Depois deste mau tratamento, que soffri, e que foi de tanta satisfação aos meus sentimentos, pelas causas reaes, que o motivaram, quanto me foi penoso pela Real Personagem, cujos interesses se questionavam, S. M. Imperial, com a sua aspereza natural, entrou em uma conversação sobre os pontos, que já se haviam discutido. Elle não foi insensivel á fortaleza das minhas razões, e a solidez dos argumentos, com que sustentei os direitos d'El Rey, da sua dynastia, e de toda a nação; porém S. M. concluiu dizendo-me. “Eu tenho um systema de politica, que me he proprio; vos deveis adoptar ideas mais liberaes, ser menos susceptivel do ponto de honra, e não sacrificar a prosperidade da Hespanha ao interesse da familia de Bourbon.”

S. M. desconfiando da apparente tranquillidade com que eu recebi a attenção, que foi servido mostrar-me; quando me despedi delle, mandou informar a El Rey que, sobre a materia de que se tratava, era necessario um negociador mais flexivel. Entretanto que S. M. considerava, quem havia de nomear para me succeder nesta negociação, um dos muitos bonecos, que representava o seu papel nesta intriga, se introduziu ao Arcediago D. Juaõ de Escoiquiz, e o persuadiu a visitar o Ministro Champagny, consequentemente foi, movido do mais zeloso respeito, pelos interesses de S. M. e instigado pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros, para lhe communicar as mais recentes proposições do Emperador, que o dicto Senhor Escoiquiz immediatamente reduziu a escripto, e uma copia literal disso se acha no numero quatro dos documentos annexos.

(No. 4.)

*Instrucçoens dadas a S. E. D. Pedro Labrador.*

Excellentissimo Senhor, V. E. está informado das proposições feitas, no dia em que El Rey chegou a esta Cidade, e do que se passou na conferencia, em que eu as discuti com o Ministro dos Negocios Estrangeiros. As proposições, que recentemente se fizéram differem em alguns respeito, porém não menos inadmissíveis; este he o seu theor.

1. Que o Imperador tem irrevogavelmente determinado, que a dynastia de Bourbon não reynará mais em Hespanha.

2. Que El Rey cedera os seus direitos á Coroa, tanto em seu proprio nome, como de seus filhos, se tiver alguns.

3. Que se concordar sobre este ponto, se conferirá a coroa de Etruria a elle, e seus descendentes, conforme os termos da lei Salica.

4. Que o Infante D. Carlos fará uma renuncia semelhante de seus direitos, e que elle terá direito á successão da coroa de Etruria, em falta de descendencia d'El Rey.

5. Que o Reyno de Hespanha sera daqui em diante possuido por um dos irmãos do Imperador.

6. Que o Imperador garante a sua completa integridade, e a de todas as suas colonias, sem soffrer que uma simples aldea, que lhe pertença seja separada.

7. Que igualmente garante a conservação da Religião, propriedade, &c. &c.

8. Qo se S. M. recusar éstas proposições, ficará sem compensação, e S. M. Imperial as porá em execução por consentimento ou por força.

9. Se S. M. concordar, e pedir a Sobrinha do Imperador em casamento, ésta connexão será immediatamente segura pela execução do tratado.

Estas proposições fôram discutidas na juncta a que El Rey presidiu. Eu disse a minha opiniaõ, que foi adoptada por V. E., e pelos outros membros, e approvada por S. M. que deseja, que se preparem instrucçoens para V. E. nesta conformidade.

V. E. sabe que o Gram Duque de Berg, o Embaixador da França. e o General Savary, fizéraõ a El Rey, por ordem do Imperador, as mais lisongeiras promessas, e deram as mais positivas seguranças, de que não haveria objecção alguma em reconhecello Rey de Hespanha; que se não desejava cousa alguma hostile á conservação, e integridade do Reyno; e vos sabeis que estas representaçoens o leváram de Ma-

drid a fazer os seus cumprimentos ao seu intimo alliado, que suppoz voltaria com elle para a capital, onde, pelas relaçoens destes tres, se prepararam para o Imperador esplendidas accommodaçoens. A jornada de S. M. Imperial ficou por fazer, porém El Rey, seduzido por novas promessas do General Savary, feitas em nome de S. M. Imperial, continuou no seu progresso para ésta Cidade.

V. E. perguntará a M. Champagny se El Rey está em liberdade, e se o esta, pode voltar para os seus dominios, e dar audiencia ao Plenipotenciario, a quem o Imperador confiar os seus Poderes. Se não está livre, V. E. sabe que todo o acto he absolutamente nugatorio: e, consequentemente, tudo aquillo em que se concordar não tera outro effeito senão manchar a reputação do Imperador, perante todo o Mundo, cujos olhos estão fixos sobre a sua conducta, e que sabe o que a Hespanha tem feito a favor da França.

Eu tenho mostrado a V. E. o tratado de 27 d'Outubro passado, pelo qual o Imperador garantio a integridade da Hespanha, na pessoa do Rey, com o titulo de Imperador das duas Americas, que nada sobreveio que destruisse este tratado; pelo contrario, Hespanha tem augmentado os direitos á gratidão da França. El Rey tem resolvido não ceder as importunaçoens do Imperador; porque nem a sua honra nem o seu dever para com seus vassallos lho permitem fazer. A estes não pode elle obrigar a que a ceitem a cynastia de Napoleão, muito menos os pode privar do direito, que elles tem de elleger outra família para o throno, quando a familia Reynante se extinguir.

Naõ he menos repugnante aos sentimentos d'El Rey receber, em compensação, a coroa de Etruria; porque alem de que aquelle paiz esta debaixo da authoridade do seu legitimo Soberano, a quem elle não quer prejudicar, S. M. se contenta com a coroa, que a Providencia lhe destinou, e não deseja separar-se dos seus vassallos, a quem elle ama com affeição Paternal, e de quem tem recebido as mais de cididas provas de um respeituooso amor.

Se o Imperador, em consequencia desta recusação, julgar, que deve recorrer á força, S. M. espera que a Divina Justiça, o Distribuidor dos thronos, protegerá a sua justa causa, e a do seu Reyno.

[*Continuar-se-ha.*]

---